ANA de AVA

Biografia de Ana Judson

CLAUDIA FONE: 33...450

Claudia Resende 5,00

ANA DE AVA

Biografia de Ana Judson,
esposa de Adoniram Judson,
missionária à India

15/3/73

Traduzida por Emma Morton Ginsburg

3ª. EDIÇÃO

1949
CASA PUBLICADORA BATISTA
Caixa Postal, 320 — Rio

Testemunho de Gratidão

A União Geral de Senhoras do Brasil deseja imprimir a sua gratidão para com as senhoras batistas do Sul dos Estados Unidos da América do Norte, pela sua oferta para o desenvolvimento do trabalho das senhoras batistas do Brasil. Tal oferta fez possivel a publicação deste livro, e a sua venda a preço reduzido.

A Comissão Central.

A' Exma. Sra. D. Emma Morton Ginsburg, uma das primeiras senhoras que abnegadamente deixaram a sua terra, a grande nação irmã, do norte dêste continente, para virem semear diligentemente a Palavra de Deus em nossa Pátria, deve-se o trabalho paciente e proveitoso da tradução desta obra inspiradora. A essa piedosa missionária que, por largos anos, exerceu as suas atividades evangélicas em várias regiões de nosso país, em companhia do seu consagrado esposo, de saudosa memória, o Dr. Salomão Ginsburg, a União Geral de Senhoras Batistas do Brasil presta por êsse motivo merecida homenagem.

SARA F. COSTA
Presidente da União Geral de Senhoras do Brasil.

A' Exma. Sra. D. Maria Amelia de Azevedo Daltro Santos, ilustre professora do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, senhora de alta cultura e profunda piedade cristã, que é uma honra para o meio evangélico nacional, a União Geral de Senhoras Batistas do Brasil manifesta a sua gratidão pelo trabalho minucioso e indispensável, que executou, de reter a tradução dêste livro, polindo-lhe as arestas e imprimindo-lhe um aspecto de elegante vernaculidade.

SARA F. COSTA
Presidente da União Geral de Senhoras do Brasil.

ANA DE AVA

A presente publicação, sob os auspícios da *União Geral de Senhoras do Brasil, Auxiliar à Convenção Batista Brasileira*, é uma homenagem às Sociedades de Moças.

ÍNDICE

Cap.		Pág.
I.	Preparo, Romance, Entrega . . .	9
II.	Índia – Porto Desejado	35
III.	Dilema e Chamada	65
IV.	Ava e sua Heroina	96
V.	Epílogo, Vitória, Hopéia	125

CAPÍTULO I

Preparo, Romance, Entrega

I. NANCI HASSELTINE

1. Seu lar em Bradford
2. A Academia
3. Sua alma se inquieta
4. Conversão e bênçãos.

II. PRENÚNCIO DE FUTUROS ACONTECIMENTOS

1. Movimento que agita Bradford
2. Adoniran Judson e seus companheiros.
3. Junta Americana dos Encarregados de Missões Estrangeiras
4. Início dum romance abençoado

III. JOVENS PIONEIROS

1. Carta que muda o rumo de uma vida
2. O Problema e os conselhos humanos
3. Resultado de uma decisão sábia
4. Adoniram Judson vai à Inglaterra
5. Decisão e casamento.

IV. A DESPEDIDA

1. O abençoado 6 de fevereiro de 1812.
2. O poder da influência feminina.
3. A partida e a primeira carta de Harriet

ANA DE AVA

Por ETHEL DANIELS HUBBARD

CAPÍTULO I

PREPARO, ROMANCE, ENTREGA

I. NANCI HASSELTINE

1. Seu lar em Bradford

Nanci entrou em casa depois do seu passeio predileto à beira rio e atirou-se na grande poltrona próxima à janela. Era o mês de abril e a luz suave de um sol de primavera aquecia a terra e um perfume doce enchia os ares. O rio, refletindo o azul do céu, corria rumoroso e revolto, como aliás indicava o próprio nome indígena "Merrimac" ou "lugar das fortes correntes".

As faces rosadas de Nanci, os olhos vivos e castanhos, que mais brilhantes se tornavam com o resplendor da primavera, e os fartos cabelos anelados, tudo naquela linda menina concorria para formar um conjunto atraente e encantador.

De fato, não havia em Bradford, nem em todo o vale do Merrimac, quem fosse mais bela ou estimada que Ana, geralmente conhecida por Nanci Hasseltine. Era a alegria do seu lar; na sua cabecinha gentil só se aninhavam pensamentos de brincos e folguedos e com seu riso comunicativo seria capaz de vencer até mesmo a conhecida seriedade do velho que tocava a sineta na Academia.

Com dezessete anos de idade, parecia-lhe que o último inverno havia transcorrido mais alegre do que os outros, graça a essa mesma Academia, situada lá embaixo, na estrada, e onde mais de oitenta moças e rapazes se entregavam aos labores da instrução.

2. A Academia

Localizada em modesta casa, de paredes nuas e descoloridas, não merecia o nome de academia com que a designavam, por lhe faltarem os meios para ministrar muitos anos de estudo.

Quando Nanci era menina, havia apenas a escola primária, e assim mesmo funcionando irregularmente, numa pequena casa vermelha, vizinha à lagoa e ao brejo. Por vezes reuniam-se os homens da vila e providenciavam o fornecimento da lenha necessária ao aquecimento da casa durante um ou dois meses, porque em Massuchussetts seria impossível passar o inverno sem o confôrto do fogo na estufa. Enquanto havia lenha, a escola funcionava e as crianças aprendiam um pouco.

Foi então que, na primavera de 1803, alguns dos pais mais criteriosos decidiram que mais alguma coisa se havia de fazer em prol da educação dos filhos. Reuniram-se por isso uns trinta dos "habitantes da primeira paroquia em Bradford" — segundo rezam os arquivos — e concordaram em levantar um edifício para uma "academia"! Subscreveram ações que iriam constituir um fundo para a construção projetada; e de tal sorte concorreram todos que chegaram à bela soma de mil e quinhentos dólares, dos quais cem foram subscritos por João Hasseltine, pai de Nanci.

Assim, estes pioneiros americanos, tão cheios de energia, fundaram a "academia", que três meses depois estava concluida e pronta para funcionar.

E em junho, mais de cincoenta jovens acorreram a buscar matrícula no novo estabelecimento de ensino, vindos uns de Bradford e de várias cidades de Massachussetts, e outros de diversos Estados, como Vermont , e até Carolina do Sul, após vencerem grande distância em diligência ou charrete. Nanci e suas três irmãs foram dos primeiros a matricular-se.

O edifício da nova escola quasi nada diferia dos que na roça têm idêntico final. Dentro havia duas salas de aula, à di-

reita e à esquerda da entrada, destinada uma às meninas e outra aos meninos. Um corredor estreito separava-as e, avançando um pouco para a frente, sustinha uma torre aberta aos lados, tendo ao alto o sino. Era, como se vê, simples demais para oferecer abrigo à noite aos alunos; entretanto, nos sítios e fazendas mais próximos, as famílias recebiam como pensionistas os estudantes que moravam longe.

E a casa do Sr. Hasseltine, situada na Estrada de Boston, não muito distante do colégio, era assás frequentada pelas alunas e alunos, principalmente porque o dono da casa apreciava de tal forma a companhia dos jovens estudantes, que lhes reservara no primeiro andar um grande salão, destinado às reuniões e festas dos mesmos.

Depois da abertura do colégio, as horas de Nanci enchiam-se de ocupações alegres. No inverno havia muitas reuniões íntimas, nas quais reinava alegria. Dir-se-ia que a pequena vila abandonava a gravidade tradicional da Nova Inglaterra para tornar-se um centro de reuniões sociais.

Não se vá pensar, entretanto, que os estudos tenham sido prejudicados por esse motivo; antes a Academia de Bradford exigia a maior aplicação possível, embora naquele tempo a instrução ficasse aquem da que é hoje ministrada nos nossos ginásios. Os alunos adquiriam regular conhecimento de gramática, lendo e analisando os melhores autores da época; aprendiam com muito capricho a caligrafia e o bordado fino; também estudavam história pátria, geografia, aritmética e outras matérias; e pouco a pouco o curso se foi aperfeiçoando e estendendo-se a mais altos conhecimentos. Felizmente Nanci era tão inteligente quanto linda, e as lições foram aprendidas com a mesma facilidade com que brincava. Além disso, não querendo estar nunca sem fazer nada, dedicava-se muito à leitura. A qualquer hora, um bom livro atraía-a para o canto da chaminé, onde ficava horas esquecidas. E de tal modo se interessava pelo que lia, que era sempre com vivacidade que discorria sobre os autores prediletos,

e discutia com suas três irmãs e sua mãe, que lia mais que todas elas.

Entretanto, após o mês de dezembro, em que Nanci completára os seus risonhos dezesseis anos, todo esse interesse foi posto de lado, para mais amplamente pensar-se nas festas do inverno. A preocupação dos vestidos e dos preparativos para as reuniões abalaram de algum modo a aplicação nos estudos e a assiduidade na leitura. Nanci, principalmente, sobressaía em animação entre tôdas as suas companheiras, sem deixar transparecer um crescente dessassocego, que lhe ia na alma.

Com a chegada da primavera, porém, já essa agitação se tinha dela apossado de tal sorte, que impossível seria ocultá-la através das ocupações fúteis e banais. E naquela tarde de abril, quando a menina entrou em casa, deixou-se tomar de funda reflexão, à qual já lhe não era possível opôr-se. Os olhos se lhe abriram como que para acompanhar no espaço a realização dos pensamentos, enquanto seu corpo gracioso se reclinava na poltrona próxima à janela, de onde se descortinavam os campos verdes, através dos quais corria veloz o rio de ondas pesadas e revoltas, sombreadas de um azul escuro.

3. Sua alma se inquieta

Suas três irmãs — Abi, Maria e Rebeca ainda não tinham voltado do colégio; o pai estava fora de casa, no trabalho quotidiano, e sua mãe, entregue aos cuidados domésticos, permanecia no interior da habitação. Ao sol poente, a luz dourada de uma tarde de primavera inundava toda a sala. Alheia a tudo que a cercava, Nanci ficou entregue aos seus pensamentos. À noite haveria uma reunião na igreja, e ela lutava para vencer o desejo que tinha de estar presente à mesma. De modo nenhum admitia que as colegas soubessem que tinha ido lá numa noite anterior e que, sentada num banco de trás para não ser vista, surpreendera-se de re-

pente, de rosto banhado em lágrimas. Não queria que alguem suspeitasse da inquietação que lhe perturbava a alma. Nos últimos tempos entregara-se mesmo com mais afã às preocupações fúteis das distrações e da moda, como se pudesse assim esconder seus sentimentos. E de tal maneira o fizera que algumas de suas colegas, por lhe notarem a diferença de ânimo, chegaram a aconselhá-la a ter moderação no folgar, pois, do contrário, não chegaria a bom fim. Mal sabiam elas que no seu íntimo Nanci ouvia a voz do coração, que a iria levar para o melhor caminho, abandonando tudo quanto fosse frívolo.

Enquanto a menina, pensativa, estendia o olhar na direção do rio, a mãe lentamente abria a porta. Nanci ergueu-se sobressaltada, sem querer revelar à mãe a séria preocupação que dela se apossára, e apareceu à boa senhora com a mesma aparência jovial e travessa do costume. A Sra. Hasseltine contemplou com enlevo sua filha mais nova, em pé diante dela, de faces rosadas, emolduradas por lindos cabelos ondeados, que o vento de beira rio pusera em desalinho. Sua beleza condizia com a daquele fulgurante dia de abril e era bem uma promessa para o futuro. A Sra. Hasseltine conduziu-a para a vasta cozinha, aquecida pela chaminé confortável e limpa, e onde a luz do fogo e a do sol entremesclavam-se nas traves do teto. Juntas, mãe e filha preparam a refeição da noite. A chaleira pendurada no gancho acima do fogo murmurava a sua monótona cantiga, as batatas arrebentavam dentro das cinzas quentes, e o cheiro dos "assados" no forno feito de tijolos concorria para despertar o apetite. Enquanto trabalhavam, conversavam e pensavam, e, às vezes, pensamentos traduziam-se em palavras. Nanci ainda estava lutando com as idéias tristes que não queria revelar. A mãe deixava-se levar pela preocupação quanto ao futuro da filha, confundindo temores com esperanças, vendo-a tão alegre e tão boa, mas com o temperamento impetuoso como o rio tumultuário na enchente da primavera.

Para Nanci os dias de abril passavam rapidamente, repletos de canções alegres e folguedos, embora ela sentisse insistentemente soar no seu coração uma melancólica melodia. Num domingo, à tarde, o diretor do colégio, veio visitar a família Hasseltine, como fazia frequentemente. Era moço ainda, e tomara a direção da "Academia" de Bradford no ano anterior. Havia algo de sincero e varonil na sua natureza, e em pouco conquistara a simpatia e o respeito dos alunos e dos habitantes da localidade. Nesta tarde êle se exprimiu francamente em palestra com a família Hasseltine, afirmando que algumas pessoas escondiam às vezes seus verdadeiros sentimentos, por temerem ser julgadas duma gravidade excessiva. Esta afirmação foi direita ao coração de Nanci, que, perturbada, escapou-se para o pomar, onde, sob frondes protetoras, se deixou novamente empolgar pela luta íntima que a inquietava. E em toda aquela noite e nos dias que se seguiram, essa luta continuou de tal modo insistente, que parecia que o cérebro arrebentava. Às vezes ocorria-lhe a idéia de que talvez a Bíblia pudesse valer-lhe naquele turbilhão de dúvidas de que se sentia assaltada... mas não compreendia bem a Bíblia. Deus parecia tão distante, tão afastado... Que fazer? Sentia-se tão triste que já lhe era difícil manter aquela aparência alegre e despreocupada, embora nem "por coisa alguma do mundo," como escreveu no seu diário, admitisse que as colegas pudessem adivinhar que ela se deixava levar assim por pensamentos a respeito de Deus.

Muitas vezes fechou-se no quarto para ler livros que o diretor lhe déra, e procurava elevar uma prece ao Senhor. Ainda assim, Deus se lhe afigurava como um ser intangível, que pairava muito distante dos homens. Contudo, insensivelmente se foi identificando com a idéia da existência de Jesus, que lhe aparecia digno de ser amado. Começava a sentir que êle podia compreendê-la perfeitamente e, pois, não havia que recear de entregar-se a quem a amava tão intensa e desinteressadamente. E, num transporte de sinceridade, nele depositou toda a adoração de que era capaz a sua alma

sensível. O amor de Jesús revelou-lhe Deus em nova luz de bondade e de clemência; toda a tristeza que a acabrunhava e todas as incertezas que a atormentavam por tantas semanas, foram desse modo aniquiladas.

4. Conversão e bênçãos

Nanci tinha dezesseis anos quando se entregou a Jesus e, com algumas colegas, fez profissão de fé na pequena igreja da vila. E pouco depois era ela o instrumento nas mãos do Senhor para a conversão de seus pais. Foi numa tarde de verão: estava ela orando diante da janela, quando o pai atravessou o campo em direção à casa, e viu-a na plena expansão da sua beleza, ajoelhada e chorando. O pai a estremecia e, contemplando-a comovido, pensou: "Se minha filha, tão cândida e boa, chora diante de Deus em oração, que será de mim com os meus defeitos?" E, apreensivo, voltou a passear pelo campo, até que se prostrou no chão, sob a fronde de um carvalho, e orou. Desde aquela noite, quís que todos o conhecessem como cristão.

Durante os belos dias de verão do ano de 1806, quando o colégio ainda estava funcionando, quasi todos os alunos e alunas pensaram em coisas sérias. O diretor, jovem tambem, tinha sido uma inspiração para todos eles. Houve, então, uma suspensão de aulas, para que professor e alunos pudessem conversar e orar juntos e meditar no que cada um poderia fazer para auxiliar a conquista do mundo para Jesus Cristo.

E, nesses mesmos dias, um grupo de estudantes, em outra cidade daquela terra, enfrentava o mesmo problema tremendo, com maior determinação e propósito. Pelo mesmo poder divino, as forças que operavam simultaneamente na "Academia de Bradford" e no "Colégio Williams" teriam de reunir-se mais tarde num grande movimento entre os estudantes, movimento este que se espalharia por todo o mundo.

Entre as jovens influenciadas maravilhosamente naque-

les dias pela "Academia", havia uma menina delgada e graciosa como uma flor, Harriet Atwood. Viera no ano anterior do outro lado do rio, e, com seus doze anos de idade, era das mais novas entre suas colegas. Quando o sol do verão brilhava com a intensidade propria de julho e agosto, naquela terra, Harriet e Nanci passeavam vagarosamente com suas companheiras e dirigiam-se para o bosque próximo, sentindo lassitude e langor devido à estação calmosa. As frutas silvestres, as trepadeiras, as avencas, tudo encantava na floresta sombria. E, sentados na relva, as meninas e os rapazes conversavam com o dourado entusiasmo da juventude, discorrendo sobre o futuro, imaginando as proezas que levariam a efeito, quando homens e mulheres feitos. Com os olhos castanhos brilhando estranhamente, e a voz comovida de veemencia, Nanci falava de serviço e heroismo. A pequena Harriet sentia húmidos seus olhos tão grandes e graves, e sonhava em fazer sacrifícios. Contudo, os longos dias daquele verão e o "coração do antigo bosque" não anunciavam ainda coisa alguma das experiencias tremendas por que, dentro em poucos anos, passariam as vidas de Harriet Atwood e Nanci Hasseltine.

II. PRENÚNCIO DE FUTUROS ACONTECIMENTOS

1. Movimento que agita Bradford

Quatro anos são passados, e novamente o verão surge no vale do Merrimac. Na última semana de junho, um movimento extraordinário agitou toda a pequena vila de Bradford, desde a ponte que atravessa o rio até o sítio mais distante na "Estrada de Boston". As famílias preparavam jantar e ceia para os hóspedes que chegavam durante o dia e ao anoitecer, vindos de lugares próximos como de longes terras, para participar das fartas refeições, pelas quais sempre foi afamada a Nova Inglaterra.

Em toda essa atividade, uma nova preocupação absor-

via os espíritos. De fato, quer nas cozinhas de tetos baixos, quer nas estradas margeadas pela verde relva, era o mesmo assunto que provocava palestras e discussões entre velhos e moços. Era fácil encontrar a causa dessa desusada animação, desde que se fosse acompanhar o que se passava na pequena casa de culto situada no cruzamento das duas estradas fronteiras à Taverna Kimball. Era o templo de simples construção, sem torre e sem chaminé, mas, no seu interior, um grande acontecimento histórico desenrolava-se então. Sentados em toscos bancos e vestidos de preto, segundo o costume, os ministros da igrejas de todo o Estado de Massachuessetts aí estavam, reunidos para deliberar a respeito de um problema máximo dessas igrejas. Tendo viajado a cavalo, de carro ou de diligência, não mediram sacrifícios aqueles anciãos, ou "pais da igreja", como eram chamados, para ter três longos dias de junho dedicados aos interesses comuns das congregações que representavam.

No segundo dia de reunião, um movimento de espanto e admiração percorreu toda a assistência, desde os vinte e oito ministros até os mais modestos habitantes da vila, presentes. Sentados na frente, quatro moços concentravam em si a atenção de todos. Eram bachareis em letras e estudantes do Seminário Teológico de Androver e tinham percorrido, a pé dez milhas, quasi dezesseis quilômetros, até Bradford, para levar aos ministros reunidos um projeto memorável e grandioso. O manuscrito foi colocado sobre a mesa, depois de lido pela voz penetrante e grave de Adoniram Judson, escolhido pelos companheiros para manifestar-lhes o desejo comum. Um movimento de simpatia estendeu-se por toda a congregação. Era um projeto ousado em verdade, quasi extravagante, mas a convicção e o entusiasmo dos quatro estudantes inspiravam confiança.

Fora no verão de 1806 que esta audácia se cristalizara num propósito sério e definido. Enquanto na "Academia" de Bradford se dava o movimento de revificação espiritual no Colégio Williams, cinco estudantes cristãos tomavam uma

resolução de grande alcance. Em um calmoso dia de agosto tinham ido, como de costume, orar em um bosque quando, escurecendo-se o céu pelo acúmulo de densas nuvens, prenúncio de tempestade próxima, tiveram que buscar refúgio sob protetora meda de feno, não distante de onde se achavam. Alí, resguardados da chuva, longamente conversaram sobre o vasto continente asiático, do qual muito tinham lido. E narraram histórias da miséria e ignorância do povo asiático, desse mesmo povo que inspirou a Samuel Mills a convicção da necessidade de serem enviados para aquelas terras pagãs, missionários que teriam, talvez, que oferecer suas próprias vidas nesse serviço. E sobre este assunto falou com tal veemência, nele pondo tanto entusiasmo, que a sua convicção se comunicou aos que o ouviram exclamar confiante: — "Poderemos fazê-lo, se quisermos!" Organizou-se, sob sua direção, uma sociedade no Colégio Williams, denominada dos "Irmãos", os quais tinham o propósito de ir como missionários ao mundo que não conhecia Jesus Cristo. Após concluirem o curso aí, alguns "Irmãos," entre os quais se achava Samuel Mills, foram preparar-se para o ministério no Seminário de Andover. Aí encontraram Samuel Newell, do Colégio União; Samuel Nott, de Harvard, e Adoniram Judson, da Universidade Brown, os quais, por identidade de intuitos, se uniram em breve aos "Irmãos".

2. Adoniram Judson e seus companheiros

Adoniram Judson era dotado de notável inteligência, maravilhosa imaginação e uma incontestável energia para o trabalho e, pois, onde estivesse, exercia logo uma influência dominadora. Conquistara os lugares de honra na Universidade e agora, no Seminário, era o seu nome indicado para pastor auxiliar da principal igreja de Boston, cargo esse que bastaria para satisfazer à maior ambição de um teólogo principiante. Entretanto, a sua aspiração o atraía para mais longe, muito além mesmo dos limites de sua pátria, porque o levaria ao antigo Oriente, onde seria o primeiro missionário

americano. Ansiava por falar a um povo que nunca tivesse ouvido o nome de Jesus Cristo, o nome do Mestre a Quem desejava apaixonada e lealmente servir, tornando-o conhecido e amado naquelas terras distantes.

Naquele dia de junho de 1810, na pequena casa de culto de Bradford, Adoniram Judson e seus três companheiros pediram corajosamente para ser enviados pelas igrejas de Massachusetts, *em missão ao mundo pagão!* Jamais um missionário americano pisara aquelas longínquas terras dalem mar, distantes meses de viagem. Da selvageria e degradação de seus habitantes conheciam-se histórias terríveis, narradas pelos marinheiros que tinham tocado nas costas da Índia, Birmânia e África. E, pois, parecia loucura tentar converter tal gente à doce religião cristã.

Idéias desencontradas provocavam uma luta íntima no cérebro dos ministros. A primeira impressão foi de que o projeto era extravagante, quasi impraticável, produto apenas de jovens espíritos idealistas; mas na fisionomia dos moços transparecia a firmeza da convicção e da coragem. Estavam convencidos de que o Senhor os chamara para aquele serviço. "Não ponhamos empecilhos à obra de Deus", disse um dos pastores. A assembléia, porém, permaneceu duvidosa e hesitante, enquanto ouvia com atenção cada um dos moços explicar por que acreditava ser-lhe um dever deixar o lar e os amigos para arrostar os perigos de uma longa viagem ao mundo pagão. Assunto tão importante não podia ser decidido logo, sem maior exame; para estudá-lo e dar parecer no dia imediato, foi nomeada uma comissão de três membros.

3. Junta Americana dos Encarregados de Missões Estrangeiras.

Esta apresentou-se na sexta-feira, 29 de junho, perante a assembléia e apresentou a conclusão do seu estudo e da sua meditação: recomendava a aceitação do projeto dos jovens, e mais, que fosse organizada na América uma junta de missões estrangeiras para garantir o sustento dos novos voluntários bem como daqueles que lhes quisessem seguir o exemplo. Foi até lembrado o nome bem comprido por sinal: "*Junta Americana dos Encarregados de Missões Estrangeiras*". O parecer foi aprovado unanimemente, sem discussão alguma, causando intensa emoção aos quatro moços, que quasi não acreditavam em tão forte vitória. Mas todos reconheciam que a dedicação e o entusiasmo é que tinham triunfado das dúvidas e incertezas.

Suspenderam a sessão para o intervalo de meio dia. Adoniram Judson e alguns ministros, passeando pela estrada, passaram além da "Academia" e chegaram até à casa da família Hasseltine, onde foram convidados para jantar. Era conhecida a hospitalidade dos donos da casa, e nesse dia não foi desmentida pela abundância de comestíveis e variedade de bolos, pastéis e outras iguarias, dispostas todas na mesa, agradavelmente preparada na sala do lado do oeste.

O olhar brilhante e expressivo com que Nanci observava os hóspedes, ao transporem estes o portão, revelava bem o interesse da moça pelos acontecimentos do dia. Foi a ela que coube a tarefa de servir a mesa. Com vinte primaveras, mostrava-se mais bela ainda que aos dezesseis anos de idade, pois uma austeridade simples e afável temperava a alegria travessa e frívola de outrora. Os cabelos caíam-lhe em cachos sobre o pescoço alvo e o rosco das faces acentuava-se pelo calor e pela excitação do dia. De todas as coisas lindas daquela bela manhã de junho, nenhuma ultrapassava em encanto a mais nova das Hasseltine.

4. Início dum romance abençoado

Quando os hóspedes entraram na sala, um par de olhos castanhos, penetrantes e intrépidos encontraram os seus e como que se imobilizaram extasiados. E desde o momento em que Adoniram Judson e Nanci Hasseltine se contemplaram, uma transformação maravilhosa se operou na vida íntima de cada um.

Ele, de espírito vivo e fácil conversação, manteve, contudo, durante a refeição, um estranhável silêncio, parecendo muito preocupado com o próprio prato. Nanci, que ouvira falar da sua eloquência e da corajosa declaração que fizera de sua crença, admirou-se de vê-lo tão silencioso. E, enquanto partia os pasteis no largo peitoril da janela, olhava de vez em vez para o moço, que era o herói do momento, mas que se mantinha alheio à conversa ao derredor. Mal sonhava ela que o pensamento dele se desviava bruscamente do assunto importante que prendia ainda a atenção dos companheiros e que, por uma inspiração bem sensível, compunha soneto de louvores à mais bela moça que jamais vira.

III. JOVENS PIONEIROS

1. Carta que muda o rumo de uma vida

Certo dia, cerca de um mês depois daquela memorável reunião na igreja, a diligência de Boston trouxe uma carta que iria fortemente decidir da vida da destinatária. Vinha cuidadosamente lacrada e endereçada por letra bonita e firme, a Miss Nanci Hasseltine. Quando esta abriu e leu o conteúdo, deixou transparecer no semblante uma alegria entremesclada de receio.

Por muitos dias ficou a carta sem resposta; no entanto, Nanci andava pela casa e pelas estradas de Bradford com um brilho maravilhoso no olhar. Simulava indiferença e adiava propositalmente a resposta à missiva, quando sua irmã mais velha, contrária a esse procedimento, a interpelou: "Já respondeste à carta do Sr. Judson?" E à resposta negativa acrescentou: "Se não respondes, responderei eu".

Esta última frase foi decisiva para o efeito almejado. Assim, dentro em pouco, era enviada por Nanci uma carta a Adoniram Judson. As palavras escritas pela jovem trouxeram algum desapontamento ao moço tão acostumado sempre a vencer em tudo quanto empreendia. E' que o espírito de

Nanci, por demais jovem e inexperiente, cheio de inquietudes e perplexidade, produzira uma resposta muito fria, bem diferente da carta dele, tão eloquente e inflamada. Adoniram Judson percebeu o dilema em que ela se achava, pois, com o seu sentimento de justiça e fina imparcialidade, compreendia o alcance do grande sacrifício que exigia da moça que amava, quando lhe pedia que fosse sua esposa.

Poderia ter-lhe oferecido, se ficasse em Boston, uma casa confortável, como esposa de um dos principais ministros da cidade. Alí sua beleza, inteligência e vivacidade de espírito teriam brilhado condignamente. Em vez disso, porém, oferecia-lhe a coparticipação do destino incerto de primeiro missionário da América às regiões desconhecidas e misteriosas do sul da Ásia, onde devia esperar sofrimentos e privações, ou mesmo a perseguição e a morte. Entretanto, ele julgava Ana Hasseltine capaz do heroismo que tal vida exigia. Esta prometedora convicção levou-o confiante a Bradford, onde passaria aqueles maravilhosos dias de verão, que inspiravam aos dois jovens tantos sentimentos de esperança.

2. O problema e os conselhos humanos

Nanci lutava com um problema que jamais preocupara outra mulher americana. Que deveria ela fazer, casar com o homem que ocupava todos os seus pensamentos e abandonar a casa paterna para ir para uma terra longínqua, donde provavelmente nunca voltaria? Quando pedia conselho a alguem ou ouvia algumas opiniões espontâneas, era sempre a mesma resposta que se repetia de várias formas: "Não, não deve ir". "E' um absurdo uma mulher pensar em aventura tão temerária". "E' de todo impróprio", afirmou o sr. Kimball, pai de uma colega de escola de Nanci, e acrescentou que "absolutamente não deixaria uma filha sua ir, nem que para isso tivesse que amarrá-la ao pé da cama". Nanci, porém, com a independência de espírito que a caracterizava, reforçada agora com a nova compreensão do dever, seguiu a cha-

mada de Deus, sem se importar com os comentários contrários.

Eram poucas as pessoas simpáticas à sua resolução e que a animavam com boas palavras. Entre estas, sua irmã Abigail, aquela moça de porte alto e de alma serena, e que mais tarde passou a ser a diretora da "Academia" de Bradford, posição que ocupou durante quarenta anos. Abi e Nanci eram muito amigas, compreendendo-se perfeitamente, apesar da diversidade de temperamentos, ou talvez por isso mesmo. Assim, antes do fim do verão, Nanci foi visitar Abigail e, nessa mesma ocasião, escreveu à sua colega Lidia, que lhe era vizinha:

"Beverli, 8 de setembro de 1810 — Sempre a considerei minha confidente e amiga. Continuo a confiar em você e peço as suas orações para que eu seja guiada a respeito do assunto que lhe passo a narrar. Sinto-me disposta a passar os meus dias, deste mundo, em terras pagãs, coisa que espero realizar, se não houver impedimento. Sim, Lidia, resolvi deixar todas as minhas comodidades e prazeres, sacrificar minha afeição aos parentes e amigos, para ir onde Deus, na sua providência, julgar próprio colocar-me. A minha decisão não é apressada, nem é fruto da irreflexão, pois sei dos perigos, das tribulações e dificuldades que acompanham uma vida missionária. Também não é determinada apenas por uma afeição terrena, pois foi tomada pela firme convicção de ter sido chamada pela Providência Divina e, pois, em cumprimento do dever para com o Senhor. Tenho pensado mui seriamente neste assunto. Mas sinto-me agora calma e decidida, tendo entregue a Deus a direção dos acontecimentos: ninguem, senão ele, pode amparar-nos nas aflições e nos sofrimentos; somente nele é que confio".

3. Resultados de uma decisão sábia

Nanci tinha também outra amiga a quem devia participar que ficara noiva e que resolvera ser missionária. Assim, de regresso a Bradford, num dia de outubro, a jovem

atravessou a ponte sobre o Merrimac, até Haverhill, galgou o morro que vai ter à praça do centro da vila e foi mais além para alcançar a casa de Harriet Atwood. Esta completara dezessete anos de idade, enquanto Nanci faria vinte e um em dezembro. Ao receber a nova de que sua amiga ia ser missionária na Índia, os grandes olhos castanhos de Harriet abriram-se ainda mais pela admiração, e humedeceram-se de comoção, sentimento este que deixou expresso no seu diário:

"Como esta notícia me tocou o coração! Nanci está pronta para fazer tudo por Deus. E devo eu negar a minha pequena parte no trabalho do Senhor, vivendo numa terra em que a revelação divina brilha tão extraordinariamente? Hoje tenho pensado mais na salvação dos pagãos do que durante toda a minha vida passada... Que poderei eu fazer para que a luz do Evangelho possa derramar-se sobre eles? Estremeço ao considerar que muitas almas perecem por falta de conhecimento, enquanto eu gozo dos privilégios de viver numa terra cristã. Que o Senhor todo poderoso me guie! Oh! como desejo que Ele permita que, de algum modo, eu sirva de auxílio à salvação de suas almas imortais!"

E mais adiante, menos de um mês depois desta data, liam-se no diário de Harriet as seguintes palavras:

"Foge-me o sono, sinto minha alma cercada por uma nuvem escura de dúvidas! Que Deus me guie, que me indique claramente o caminho do dever e não me deixe sair dele".

Nesse tempo já Samuel Newell, um dos missionários voluntários, tocara o coração da moça, e assim, dia e noite, os seus pensamentos eram cheios de romantismo.

Passou o inverno e voltou a primavera. Numa tarde de abril, quando Harriet voltava de uma visita à sua irmã, encontrou um bilhete que lhe era dirigido. Era apenas um pedacinho de papel com algumas linhas traçadas à tinta, mas que de agitação produziu no coração da mocinha! Abriu-o e leu as palavras e o nome que esperava, mas que receava ver. Para Harriet, como para Nanci, chegara a grande prova de amor e lealdade!

Poucos dias depois, com os olhos húmidos de emoção, escreveu Harriet no seu diário:

"Falta-me ainda a grande decisão: sinto-me perturbada pela hesitação. Desejo imensamente ver minha mãe, com ela conversar. Não hei de expôr a outrem uma situação tão delicada. Se as lágrimas pudessem dirigir-me no caminho do dever, certamente eu estaria bem guiada. Meu coração está cheio de dor; não sei o que hei de fazer! Dirige, ó Deus, a minha vida! Irei na terça-feira para casa, talvez para ouvir de minha mãe: "Harriet nunca irá". Se isso acontecer, terei que ficar para cumprir o meu dever. Sei que não me é permitido ir de encontro ao conselho ou à ordem de minha mãe."

Ao amanhecer de terça-feira, tomou Harriet a diligência que a conduziu à casa materna, na praça da vila. Antes, porém, de atravessar o Merrimac, a diligência passou, ruidosa e apressada, na "Estrada de Boston", pela "Academia" e pela casa dos Hasseltine. A filha mais nova e mais bela daquele lar, e a delgada e graciosa mocinha dos grandes olhos castanhos do outro lar, essas duas lindas flores de mocidade, beleza e candura, estavam destinadas a deixar, dentro em poucos meses, as alegres localidades da Nova Inglaterra e as suas famílias queridas, para atravessarem dois vastos oceanos e alcançarem terras misteriosas do sul da Asia, onde viveriam entre gente estranha e pagã.

Harriet encontrou a mãe já preparada para resolver a questão que tanto a preocupava e que chegara já até o seu lar. E' que Samuel tudo contara a Nanci, e esta levara à mãe de Harriet, o delicado pedido do moço. E a bondosa senhora, leal e dedicada serva de Jesus Cristo, respondeu com os olhos rasos dágua: "Não tenho coragem de opor-me..." Assim, quando Harriet voltou para casa, naquele luminoso dia de abril, sua mãe estava resolvida a deixar a solução da questão à conciência da jovem filha. Esta dedicava à sua progenitora um grande amôr, sentimento que se tornara ainda mais forte, por exclusivo, desde a morte do pai, ocorrida três anos

antes. Aparecia, entretanto, agora, outro afeto maravilhoso na sua vida, transformando o que de infantil havia em sua alma, em responsabilidade e conciência da própria força, levando-a irresistivelmente à grande decisão. Era verdade que Samuel tinha conquistado fortemente o seu coração. Entretanto, não sómente esse afeto determinara a sua resolução, mas, principalmente, o desejo muito dalma de ir onde Deus a conduzisse.

Em junho, Samuel teve que seguir para Filadelfia, onde se demorou nove longos meses. Aí se uniu ao seu amigo Gordon, para estudarem física e medicina, como preparatórios para o trabalho missionário a que se dedicariam. Enquanto isso, ficou um coração bem saudoso, para o qual Nanci Hasseltine poderia trazer grande consolo; mas Nanci permanecia nesta ocasião em Salem, onde fora fazer uma visita.

4. Adoniram Judson vai à Inglaterra

No começo do inverno a graciosa Nanci despedia-se do noivo, que embarcara então para uma viagem a lugar bem mais distante que Filadelfia, para onde se ia de diligência. Adoniram embarcou para Inglaterra, devendo ir a Londres conferenciar com a sociedade inglesa, em nome dos diretores da nova sociedade missionária, a ver se seria possível uma combinação entre essas duas organizações.

Naquele tempo eram necessários dois meses para se fazer uma viagem até a Europa. As cartas ainda levavam mais tempo, de sorte que Adoniram chegaria, de volta, ao vale do Merrimac, antes da carta que, porventura, escrevesse, anunciando a sua chegada à Inglaterra.

Passaram-se pois, muitas semanas, antes que chegasse em Bradford a notícia das aventuras extraordinárias ocorridas na travessia do Atlântico. O navio foi tomado por um corsário francês e o moço levado prisioneiro à França, onde permaneceu detido por seis semanas, embora poucos dias depois do seu desembarque, fosse solto sob palavra, ficando como hóspede de uma família americana. Só a 6 de maio pode se-

guir para Londres e, finda a sua missão, em junho, embarcou para Nova York. Corria já o mês de agosto, quando ele chegou finalmente à casa paterna, indo também àquela outra casa à beira rio, em Bradford.

A volta de Adoniram Judson com a mensagem vinda da Inglaterra foi o toque de reunir para os que tinham estado juntos, havia mais de um ano, na igreja de Bradford. A 18 de setembro os ministros, agora oficiais e membros da nova sociedade missionária, reuniram-se numa cidade em Massachusetts. Adoniram Judson, com a sua frágil aparência de adolescente, porém com os olhos cintilantes e a voz sonora e forte , ergueu-se resoluto e comunicou a sua decisão. Conquanto não aprovasse a idéia de uma empreza missionária unida da Inglaterra e América, os oficiais da Sociedade Missionária de Londres aceitariam os voluntários e os mandaria imediatamente aos seus distantes campos de ação. Por conseguinte — e nisso Adoniram Judson manifestou a sua tremenda força de vontade — se a Sociedade Americana recusasse enviá-lo à Asia, ele se tornaria missionário da organização inglesa. Samuel Nott anunciou resolução idêntica.

O propósito inabalável dos moços foi como um incentivo aos que constituiam a Junta Americana de Comissários de Missões Estrangeiras, os quais, no mesmo instante, nomearam seus primeiros missionários: Adoniram Judson, Sumuel Newell, Samuel Nott e Gordon Hall. Mais uma vez triunfavam a coragem e a dedicação desses jovens servos do Senhor.

5. Decisão e casamento

Passaram-se os dias do outono e entrou o inverno. Aproximava-se a hora da partida; a esperança e o receio agitavam o espírito de Nanci e Harriet, de Adoniram e Samuel. Chegou em janeiro uma importante comunicação de Samuel e Gordon, segundo a qual partiria de filadelfia para Calcutá, dentro de quinze dias, o navio *Harmonia*, no qual poderiam embarcar os missionários. Parecia que nova guerra rebentaria entre os Estados Unidos e a Inglaterra e, pois, deveriam

logo seguir antes que um possível bloqueio impedisse ou retardasse a partida.

Deveriam ir? Esta momentosa questão tinha que ser resolvida imediatamente pelos oficiais da nova Junta. O dinheiro de que dispunham não chegava para pagar nem mesmo as passagens dos novos missionários. Entretanto, seria razoável esperar que a partida desses servos do Senhor despertasse interesse e boa vontade tais, que surgiriam ofertas bastantes para tal empreendimento. Deveriam, pois, decidir-se corajosamente e confiar com firmeza em Deus, que os sustentaria. Oraram longamente e longamente discutiram o assunto. Afinal, posta a votos a questão, veio a decisão: — *os missionários iriam!*

As famílias Hasseltine e Atwood receberam a notícia de que Nanci e Harriet, dentro em poucos dias, teriam que pronunciar os votos do casamento e seguir em demanda de estranhas terras, despedindo-se dos seus lares, talvez para não mais voltarem.

Os ventos penetrantes do inverno de Nova Inglaterra varriam o vale do Merrimac e a neve cobria as estradas de Bradford quando, a 5 de fevereiro, se reuniram várias pessoas na casa dos Hasseltine. Reinava aí um silêncio estranho e as lágrimas toldavam os olhos das pessoas presentes. Harriet, serena e triste, sentou-se ao lado do noivo, Samuel. O que, porém, atraiu todas as atenções foi a fisionomia bela e radiante de felicidade de Nanci, quando se efetuava a cerimônia de seu casamento com o missionário Adoniram Judson, que ela vira pela primeira vez, nessa mesma sala, havia menos de dois anos. Seus lindos olhos adquiriram um fulgor estranho quando aos seus ouvidos soou a voz do pastor, dando aos jovens a bênção, chamando-os "meus queridos filhos", e falando ternamente dos serviços que iriam efetuar.

Ela deixava de ser a menina Nanci, tão elogiada pela sua inteligência e beleza, para tornar-se a mulher corajosa e cheia de iniciativa, que seria conhecida em três continentes como Nanci Hasseltine Judson, *a heroína de Ava*.

IV. A DESPEDIDA.

1. O abençoado 6 de fevereiro de 1812

Naquele frígido dia de fevereiro, as ruas de Salem apresentavam uma desusada animação. Embora a temperatura convidasse a ficar em casa, próximo à grande chaminé, ao confortável calor do fogo, o povo daquela vila à beira mar parecia todo atraído à casa de oração, conhecida pelo nome de Igreja Tabernáculo. Das povoações vizinhas chegavam os trenós carregados, deslisando sobre a neve das estradas, carregados de pessoas envoltas em muita lã, mas ainda assim tremendo à ação do frio intenso que se fazia sentir. De Andover veio uma delegação de estudantes, meninos e moços, que venceram corajosamente, a pé, a distância de vinte e seis quilômetros mais ou menos, sob os rigores da baixa temperatura da manhã, para regressarem à tardinha, nas mesmas condições. Mas o frio e a fadiga eram facilmente esquecidos pelo grande interesse que despertavam os acontecimentos da Igreja Tabernáculo.

Era 6 de fevereiro de 1812, dia em que cinco jovens iam ser consagrados ao ministério cristão, ao mesmo tempo que receberiam delegação das igrejas evangélicas da América para irem como seus primeiros missionários a terras pagãs. Era fácil imaginar a dôr da separação do lar antigo, o sacrifício da longa viagem de inverno pelo oceano sombrio, além da provável hostilidade e da perseguição por parte dos selvagens habitantes daquelas longínquas regiões. Assim, todos os corações palpitavam comovidos, plenos de simpatia por aqueles jovens ousados, que não trepidavam em abandonar família e pátria, talvez para sempre.

Na igreja, diante dos ministros de Boston, Salém e outras cidades, ajoelharam-se cinco moços, novos missionários voluntários. Eram eles: Adoniram Judson, Samuel Newell, Samuel Nott, Gordon Hall, e um novo recruta, Luther Rice. As mãos foram postas sobre a cabeça de cada um deles, enquanto era impetrada a bênção do Altíssimo para cada um

daqueles que alí estavam prostrados, em inteira consagração a Deus e obedientes à Sua chamada.

2. O poder da influência feminina

Houve olhares, entretanto, que se desviaram dos jovens para a gracil figura da mocinha que se curvara junto a um dos bancos da frente. Os lindos cabelos castanhos ocultavam-se quasi inteiramente sob as abas do chapéu que protegia o lindo rosto da corajosa esposa de Adoniram Judson. Na longa visita que fizera a Salem, Nanci tornara-se bem conhecida. Além disso, dado o que aí corria em relação à sua beleza, aos seus folguedos colegiais e ao seu temperamento alegre e bem mundanos, não era de estranhar que fosse de espanto e surpresa a impressão que causou a notícia de que ia ser missionária no estrangeiro. No entanto, uma suave alegria parecia irradiar-se da moça, naquela hora em que a sagração dos novos missionários parecia selar santamente os seus votos conjugais.

Outra fisionomia nova e fresca atraía também a atenção de todos, a de Harriet, que dentro de poucos dias seria a esposa de Samuel Newell, com o qual iria formar um lar, além do grande oceano, no distante Oriente. A sua delicada aparência era de uma mimosa flôr de mocidade, não preparada para os fortes embates das tempestades da vida. Entretanto, os que se detiveram na contemplação daqueles tristes olhos castanhos puderam, certamente, neles descobrir a energia indomável que se escondia em tão frágil corpo.

Ao anoitecer daquele memorável dia, Samuel Nott, Gordon Hall e Luther Rice, partiram para a Filadélfia, onde em breve embarcariam no *Harmonia*, para Calcutá. Os dois novos casais permaneceram em Beverli e Salem, à espera de que o vento e a maré fossem favoráveis à saída do navio *Caravana*, no qual seguiriam em demanda da Asia.

Enquanto isso o navio flutuava sobre as ondas, seguramente ancorado no porto. De quinhentas toneladas apenas, considerar-se-ia um pigmeu comparado às gigantescas naves

de hoje, como o *Titanic*, que lhe era cem vezes maior. E o próprio *Mayflower*, navio pequenino e frágil, que trouxe os primeiros colonos ingleses para a América do Norte, representava, em tamanho, três vezes o *Caravana*. A bordo era grande a azáfama da tripulação nos aprestos para a longa viagem de contorno à África, pelo sul do Cabo de Boa Esperança, até à Índia.

Em terra, ansiosamente vigiavam quatro pessoas, olhos fitos nos grandes mastros pretos da náu que as levaria para longe de tudo quanto conheciam e amavam, para uma vida que só Deus sabia como seria. Mas era bastante que o Senhor soubesse, para que confiassem no futuro.

Numa segunda-feira, 17 de fevereiro, caiu sobre Salém uma terrível tempestade de neve, quasi soterrando toda a cidade. O dia imediato apresentou-se intensamente frio, parecendo pairar no espaço o preságio dos próximos acontecimentos. De fato, antes das doze horas, recebiam os dois casais a notícia que desejavam e ao mesmo tempo receiavam: que deviam seguir sem demora para bordo, pois partiria o navio ao primeiro vento favorável.

3. A partida e a primeira carta de Harriet

Apressadamente reuniram as bagagens e levaram-nas às docas. Após dizerem o último adeus, tomaram o treinó que, deslisando sobre a neve, os conduziu, pelas ruas de Salém, até à última plataforma, onde já os esperava o bote da Alfândega, para levá-los ao *Caravana*, fora da baía.

Embora o dia estivesse sombrio e frígido, acorreu ao cais um bom número de amigos, que aos novos missionários não se dispensaram de dar essa última prova de aplauso e admiração. Até mesmo os que tinham sido contrários ao empreendimento cediam aos impulsos do coração e interessavam-se pelos quatro jovens servos do Senhor, procurando auxiliá-los no louvável propósito. Como que milagrosamente apareceu todo o dinheiro necessário ao custeio da novel missão, tendo sido oferecida por alguem uma bolsa com cincoenta dólares, acompanhada dos seguintes dizeres: "Para uso particular do sr. Judson." Havia, a 27 de janeiro, na tesouraria da nova Junta de Missões, duzentos dólares apenas, os quais, três semanas após, foram acrescidos com as ofertas que se elevaram a mais de seis mil dólares, de sorte que, ao partirem os navios, estavam os missionários garantidos com o necessário para um ano de subsistência.

O vento de oeste, que soprara durante o dia e que auxiliaria a partida da embarcação, ao anoitecer desapareceu, e com ele a esperança da saída naquela noite. Era desolador o quadro que se descortinava do convés do *Caravana*: no céu uma sinistra escuridão, no mar as ondas tempestuosas e ameaçadoras, e mais além, em terra, as pequeninas luzes que traziam recordações saudosas da casa paterna. No interior do camarote dos Judsons, porém, era bem diversa a cena que se desenrolava. Adoniram e Ana, Samuel e Harriet e mais dois amigos que passavam a noite a bordo, falavam com entusiasmo das grandes esperanças com que iam encetar o trabalho e das vitórias que, em nome de Jesus Cristo, alcançariam nos países pagãos. Entoaram hinos de um velho hinário do qual ninguem mais se lembra hoje, e oraram, unidos e calmos, pois na prece diariamente buscavam a força que os animava e conduzia. Ana, olhos cintilantes de triunfo, marteve na palestra a vivacidade de costume. Um tanto mais quieta e silenciosa do que os outros, mantinha-se a mais nova do grupo, a mimosa Harriet. E' que seus pensamentos se voltavam, saudosos, para além dos campos cobertos de neve, para a vila, onde estava a sua querida mãe. Assim, a ela escreveu, antes de adormecer, para que o piloto levasse à terra no dia imediato, a seguinte carta: "Aqui estou, minha querida mãe, a bordo do *Caravana*, num camarote pequeno e limpo. Já me despedi da terra dos meus antepassados e entrei finalmente no navio que será minha residencia até que chegue ao porto almejado. Não pense, entretanto, minha mãe, que estamos tristes, em silêncio, como estranhos à paz espiritual. Oh! não! Embora seja doloroso pensar que a deixei para não

vê-la mais, posso afirmar-lhe, contudo, que tenho recebido do meu Redentor a graça de que necessito para poder tudo suportar: *a Sua força tem-se aperfeiçoado na minha fraqueza*. Esta noite temos passado o tempo cantando hinos, e posso assegurar-lhe que nunca encontrei tanto prazer em fazê-lo, como presentemente... Sei, minha querida mãe, que jamais poderei pagar o que lhe devo em bondade e amôr com que me tem cercado durante toda minha existência. Quero, todavia, enviar-lhe agora os meus agradecimentos por todo o bem que me tem feito, e peço que me perdoi as inquietações e cuidados que lhe tenho inspirado. Que o Todo-poderoso lhe dê centuplicada a recompensa dos benefícios com que me tem cercado. E agora, minha querida mãe, que mais poderei dizer-lhe, senão que ore por mim, e que peça aos outros cristãos que façam o mesmo? E' já muito tarde, vou recolher-me; adeus, minha mãe, adeus".

Ao amanhecer do dia seguinte 19 de fevereiro, soltava o *Caravana* as suas velas e saía mar em fora. Por algum tempo distinguiu-se ainda, do porto, a alta chaminé negra contra a alvura da neve sobre os morros. Foi, porém, pouco a pouco desaparecendo até que se sumiu por completo, deixando à contemplação da terra apenas o oceano cinzento e sombrio.

PERGUNTAS

1. Diga algo a respeito de Ana Hasseltine.
2. Qual a grande bênção resultante da conversão de Ana?
3. Qual o movimento que agitou Bradford?
4. Que pedido fazem Adoniram Judson e seus três companheiros?
5. Narre o fato resultante de uma decisão sábia.
6. Que sucedeu a 6 de fevereiro de 1812?
7. Discuta o poder da influência feminina.

CAPÍTULO II

Índia — Porto Desejado

I. PERPLEXIDADES DE TODOS OS LADOS

1. Só, à beira do rio Hoogli
2. Série de acontecimentos desagradáveis
3. Mudança de Campo
4. De congregacionalistas a batistas.
5. Surpresa que os anima
6. Viagem e impedimentos
7. Desempedidos afinal.

II. A ILHA DE FRANÇA

1. Tristíssima recepção
2. Ultimas mensagens filial e fraternal.
3. Ana assiste à terrível cena pagã.
4. Novamente sós e perplexos.

III. O PORTO DESEJADO

1. Deixam a Ilha de França.
2. Diário que merece ser lido
3. Deus socorre os filhos seus
4. Rangun em 1813.

IV. NAS PROXIMIDADES DO VELHO PAGODE DE RANGUN

1. Que é Pagode de Rangun
2. Situação dos birmanianos
3. Encontro feliz
4. A lição de ano e meio de provações
5. A primeira Igreja de Cristo em Rangun
6. A visita ao vice-rei e o incêndio.

CAPÍTULO II

ÍNDIA — PORTO DESEJADO

1. PERPLEXIDADE DE TODOS OS LADOS

1. Só, à beira do rio Hoogli

Em velha taverna feita de estuque e sapé, à beira do rio Hoogli, na Índia, encontrava-se uma jovem, a qual via diante de si um futuro temeroso e incerto. A sua atitude de desolação e dúvida mostrava claramente que era de terra estranha, se para isso não bastassem os seus cabelos castanhos e a alvura da sua pele, tão diferente da tez carregada das formosas morenas da Índia. Todavia, em beleza ela se igualava às mais lindas daquela terra de lindas mulheres, e a tristeza e a ansiedade que nos seus olhos se manifestavam, concorriam para torná-la ainda mais simpática e encantadora.

Pela primeira vez, desde que, havia cinco meses, desembarcara na Índia, via-se Ana Judson, desprotegida e só, em meio de gentes outras, tão diferentes das que ela conhecia. Eram de côr escura e seus costumes, gestos e modo de falar pareciam-lhe exquisitos e novos. Ela não sabia onde estava, nem quando chegaria o marido, pois tinham sido separados a umas dezesseis milhas rio acima, quando receberam ordem do governo para desembarcarem do navio que lhes havia facilitado a fuga para Calcutá, dois dias antes. Assim, refugiada naquela velha taverna onde contava com uma hospitalidade incerta, encontrava-se ela, desprotegida e só, com algumas moedas apenas no bolso e conhecendo sómente poucas palavras da língua do país. A casa de seus pais, parecia-lhe milhões de léguas distante, como se fora quasi outro mundo, e a sua infância, na vila, afigurava-se outra existência, tão mudada estava agora a sua situação.

Experimentava a primeira provação da vida de missionária, que ela vagamente sonhara durante o seu noivado. "Estas são as provas que acompanham uma vida missionária e que eu esperava", disse consigo mesma, "mas, com o auxílio de Deus, estou pronta para enfretá-la firmemente".

2. Série de acontecimentos desagradáveis

Uma série de acontecimentos desagradáveis, uns sobre os outros, vieram culminar na situação desoladora de Ana, nessa taverna à beira rio. Ao desembarcarem em Calcutá, em junho de 1812, a Companhia Leste Índia olhou-os com hostilidade e decidiu obrigá-los a sair do país. Essa companhia era uma corporação mercantil que exercia muita influência na política da Inglaterra, na Índia. Os seus oficiais não viam com bons olhos os missionários, pois receavam que o combate à religião idólatra do país pudesse trazer, como consequência, alguma revolta contra o governo britânico. Demais, o culto dos ídolos produzia não pequeno rendimento para a companhia, que se via, desse modo, interessada pela religião pagã. Um ano depois, alguns esforçados cristãos conseguiram que o Parlamento inglês modificasse em parte o regulamento da Companhia Leste Índia, de sorte que fossem respeitados os direitos dos missionários na Índia.

Contudo, em 1812, os bravos pioneiros americanos, chegados pelo *Caravana*, e seis semanas mais tarde, pelo *Harmonia*, esbarram em cheio com a oposição do govêrno, oposição esta agravada pelo rompimento das relações entre a América do Norte e a Inglaterra, que se empenhavam então na segunda guerra havida entre estes dois países.

Ao desembarcarem na Índia, os dois casais foram convidados a visitar, em Serampore, os missionários batistas ingleses, enquanto esperavam a chegada dos companheiros, vindos no *Harmonia*, para que pudessem determinar onde iriam iniciar as novas missões. William Carey, o primeiro missionário inglês no estrangeiro tinha conseguido fundar com dois

de seus colegas, e após persistentes lutas, uma empreza missionária maravilhosa nesta cidade banhada pelo Ganges e situada a quinze milhas de Calcutá.

Aí os recem-chegados passaram dez dias felizes, nos quais trataram de observar os costumes do país, e ouvir as informações dos missionários pelas quais procuravam decidir onde deveriam iniciar o trabalho. A Birmania sempre fora a terra almejada por Adoniram Judson, desde os dias em que, estudante ainda, lera o *Embassy a Ava*, de Symes, que, com sua poderosa imaginação, pintara ao vivo as descrições reais da existência oriental. Mas a Birmânia era terra interdita aos missionários, afirmava o Dr. Carey, não só pelo despotismo cruel do seu governo, como também pela brutal selvageria dos seus habitantes. Dois ingleses, que alí haviam tentado uma expedição, tiveram de abandoná-la por verificarem-na irrealizável. E o próprio filho do Dr. Carey, único missionário então na Birmânia, tinha sido obrigado a refugiar-se por cincoenta dias em um navio de guerra inglês, e a sua volta fora efetuada em bem precária situação. A Birmânia, pois, apresentava-se como triste perspectiva; mas onde poderiam ir, que ficassem isentos da hostilidade da Companhia Leste Índia, e como encontrar um povo que estivesse disposto a aceitar as boas novas de que eram portadores?

Numa tarde de julho foram as suas deliberações bruscamente interrompidas. Chegou a Serampore uma mensagem oficial que entregou ao sr. Judson e ao sr. Newell uma intimação para comparecerem imediatamente à prefeitura de Calcutá. Ali receberam do governo geral, e por escrito, ordem de voltarem à América no mesmo navio em que tinham vindo, no *Caravana*, que se estava preparando para a viagem de regresso. Enquanto isso, era exigido do capitão Heard, comandante do navio, que só levantasse ferros quando tivesse a bordo, como passageiros, os missionários. Não podiam, pois, resistir, embora não lhes fosse possível conformar-se com a viagem de volta, sem terem nem ao menos iniciado o trabalho. Se se sentiam acabrunhados pelo desapontamento e pela humilhação, não podiam, contudo, vacilar, na convicção firme e inabalável de que o Senhor queria que ficassem e prosseguissem nos seus intuitos.

3. Mudança de Campo

Assim, a única solução que se lhes afigurava razoável na difícil situação em que se achavam, seria procurar outro país pagão, fora da jurisdição da Companhia Leste Índia. Pediram, por isso, permissão para seguir para a Ilha de França, hoje conhecida pelo nome de Maurícia, situada a cinco milhas a sudoeste de Madagascar. Atendidos que foram no pedido, a 4 de agosto Samuel e sua esposa despediram-se de seus amigos e seguiram para Porto Luiz, na Ilha de França, numa pequena embarcação, que só comportava dois passageiros, não podendo, portanto, transportar os outros. Foram eles os preferidos, devido ao estado de saude de Harriet, que exigia fosse ela instalada em residência permanente o mais breve possível.

Adoniram Judson e sua esposa demoraram-se ainda quatro meses em Calcutá, assaltados sempre pelo temor de poderem ser dali despedidos sumariamente. Felizmente, porém, um cavalheiro inglês, o Sr. Rolt, ofereceu-lhes, em sua casa, generosa hospitalidade. E foi nessa espaçosa vivenda, enquanto não resolviam o duro dilema que os confundia, que se lhes apresentou inoportuno e perturbador, um delicado problema, que os veio colocar em embaraçosa e delicada situação moral.

4. De congregacionalistas a batistas

E' que, durante os quatro longos meses de viagem da América à Índia, principiaram a estudar a diferença de doutrinas entre os batistas e os congregacionalistas, e desse estudo resultou para o sr. Judson não pequena perturbação. A senhora Judson, porém, resoluta e firme, declarou franca-

mente ao marido, com a sua acostumada independência: "Se te tornares batista, eu permanecerei com a minha doutrina, não serei batista".

Entretanto, esse magno assunto foi posto de lado, ao desembarcarem, pela necessidade, maior e mais premente, de procurar casa ou abrigo. Mas nos longos dias de verão passados em Calcutá, na tranquila quietude da biblioteca do Sr. Rolt, voltaram novamente a pensar no assunto e resolveram estudá-lo conscienciosa e profundamente. E o resultado foi que se sentiram na dura contingência de se desligarem dos congregacionalistas com os quais tinham vivido em união desde a infância, para unirem-se aos batistas.

Não foi sem grande luta íntima que tomaram tal resolução, que implicava em heróico ato de conciência, dada a idéia de divisão que reinava então entre as denominações, muito mais forte e rigorosa que atualmente. Difícil e corajosa decisão esta para os missionários pioneiros, privados que se veriam do sustento fornecido pelos congregacionalistas, sem poderem contar todavia, com a ajuda financeira dos batistas ainda não organizados para o trabalho missionário. De onde esperar auxílio? Os amigos que os mantinham certamente interpretariam mal o seu ato. Até mesmo suas famílias tão distantes poderiam achar tal decisão difícil de compreender e aceitar. E, o que era mais, teriam que se separar dos companheiros, dos antigos companheiros de colégio, no trabalho futuro. Este último, principalmente, causava-lhes funda mágua: "A renúncia de nossas amizades provocava-nos maior dôr que qualquer outro triste acontecimento que nos sobreviesse na vida", escreveu Ana numa carta mandada para a sua terra natal.

5. Surpresa que os anima

Mas ainda bem que, no abatimento em que estavam, uma agradável surpresa lhes veio trazer algum conforto espiritual: Luther Rice, em meio do espanto geral dos companheiros, manifestou, calma e resolutamente, a deliberação que tomara de unir-se aos batistas. Sózinho, no sigilo dos seus próprios pensamentos, ele estudara e analisara a momentosa questão, e concluira pela aceitação dos princípios batistas, sem que para isso tivesse sofrido influência estranha ou consultado alheia opinião.

E assim tiveram os Judsons um grande consolo na certeza da companhia desse amigo certo, no futuro incerto que enfrentavam. Encontraram, além disso, uma generosa acolhida da parte dos missionários de Serampore. Estes, reunidos em conferência, resolveram suprir do necessário a seus colegas americanos, enquanto não recebessem o dinheiro que lhes viria da América. Adiantaram para isso a soma precisa, e decidiram que a mesma seria considerada como dádiva à causa de Cristo, caso não pudesse ser reembolsada.

O sr. Rolt foi pródigo em manifestações de simpatia pelos jovens missionários, mostrando-se inexcedível no interesse com que tratava esses bravos moços, que tinham deixado a pátria mui distante para virem a serviço da boa causa, e que tão hostil recepção encontraram por parte das autoridades. Manteve-lhes cordial hospitalidade até que, em fins de novembro, pouco antes do dia que é na América do Norte consagrado à "Ação de Graças", receberam, do governo, o sr. Judson e senhora, o sr. Rice e esposa, ordem de embarcar imediatamente para a Inglaterra, num navio da Companhia Leste India. Seus nomes foram publicados pelos jornais na lista dos passageiros daquele navio. Desta vez parecia não haver esperança de fugir à difícil situação, mas não estavam dispostos os jovens a se submeter, vencidos, e procuraram, pois, livrar-se da ordem recebida.

6. Viagem e impedimentos

Judson e Rolt descobriram que o navio *Creole* partiria dentro de dois dias para a Ilha de França e procuraram obter um passaporte, que lhes foi, entretanto, recusado. Indagaram então do capitão se os transportaria sem as formali-

dades legais, e tiveram como resposta: "Está aí o meu navio, façam o que quiserem". Assim, arranjaram os carregadores para transportarem as bagagens e, à meia noite, como se fossem criminosos, passaram pelas ruas desertas de Calcutá, transpuseram os portões das docas que lhes foram franqueados, contrariamente ao regulamento da noite, e seguiram para bordo do navio proibido. Ao amanhecer do dia seguinte saiu o *Creole* do porto de Calcutá, pelo rio Hogdi, em direção à baía de Bengala e ao alto mar.

Tudo correu bem a bordo durante os dois primeiros dias; na tarde do segundo dia, porém, um mensageiro do governo os alcançou, para proibir que o navio continuasse a viagem, enquanto abrigasse a bordo os dois passageiros que tinham sido intimados a seguir para a Inglaterra. Esses passageiros teriam que desembarcar imediatamente, mesmo na escuridão da noite, e, pois, entraram os dois moços num pequeno bote que os transportou à terra, onde ficaram numa modesta taverna, uma milha distante da costa. Com a galanteria que desperta sempre a vista de uma mulher bela em aflição, permitiu o comandante que Ana permanecesse no navio até o dia seguinte, garantindo-lhe absoluta tranquilidade e segurança, embora sofresse mesmo o navio alguma busca rigorosa por parte de oficiais do governo. Assim, só no dia imediato partiu ela para juntar-se aos seus companheiros, sendo, entretanto, o *Creole* inibido de prosseguir viagem, enquanto não provasse que não abrigava mais a bordo as pessoas que não tinham tido ordem de acolher. E teve o piloto que certificar por escrito não mais estarem aí as pessoas suspeitas.

Na taverna, Judson, a esposa e Rice consultavam-se ansiosamente sobre o que deveriam fazer.

Que deliberação tomariam? Falhara-lhes o generoso auxílio do comandante do *Creole*. Não desejavam, de maneira alguma, voltar derrotados para Calcutá. Como, pois, encontrar saída neste labirinto de dúvidas e perplexidades?

Opinou então Rice pela sua ida a Calcutá, afim de tentar, ainda uma vez, conseguir os desejados passaportes. Adoniram e Nanci passaram a noite e o dia seguinte na taverna cheios de ansiedade, sem as bagagens, que permaneciam no navio, e à espera do companheiro, que lhes trouxe afinal mais uma recusa. Eram dificuldades por todos os lados, mas não desesperavam, pois sabiam que "Aquele que cuida dos corvos, não os desampararia na hora da aflição".

Mais uma noite de inquietação, e logo ao amanhecer um recado do comandante do *Creole*: tinha permissão de partir e, pois, deveriam imediatamente remover de bordo as suas bagagens. Aconselhava a prudência que não permanecessem por mais tempo onde estavam; decidiram por isso viajar mais dezesseis milhas, rio abaixo, até outra pequena taverna, que os abrigaria. Por outro lado, seria perigoso aparecerem os dois moços a bordo do navio, razão por que foi Ana que seguiu para a embarcação, onde cuidou da transferência da bagagem. Encontrando dificuldade em arranjar um bote para transportar esta para terra, indagou do comandante, a corajosa senhora, se seria possível ao navio permanecer com a mesma até chegar defronte da taverna que os acolhia. E não só isto conseguiu, mas foi igualmente convidada para deixar-se transportar tambem ela, visto como seria muito desagradável fazer a viagem num pequeno bote.

Outra vez foi apressadamente à terra avisar aos moços de como seguiria para a pequena taverna. E pela segunda vez partiu Rice para Calcutá, a ver se arranjaria passagem para Ceilão, enquanto Judson alugava um bote que o levaria ao seu precário abrigo. Entretanto, a sra. Judson voltou para bordo no bote do piloto, gentilmente posto à sua disposição, fazendo perigosa travessia, devido à alta da maré, que arrastara rapidamente o navio rio abaixo. O sol muito quente causticava-lhe a pele delicada, e um vento forte movimentava o mar em ondas colossais; o bote tombava para um lado, parecendo ceder ao peso da grande vela que lhe haviam içado os nativos. Estes, com o intuito de eliminar os receios da passageira, repetiam constantemente: "Cutcha pho annah, sahib,

cutcha pho annah", querendo dizer: "Não se assuste, senhora, não se assuste."

Chegaram afinal ao navio, que parou, pouco depois, defronte da velha taverna, desatracnte e triste, e que devia abrigar a passageira americana. Transportada à terra no bote do piloto, a corajosa senhora rapidamente arranjou uma embarcação que pudesse trazer a sua bagagem, e em pouco estava, hesitante e temerosa, na frágil taverna de sapê, à espera do marido.

Bastante tempo esperou Ana Judson pela volta do seu esposo. Só depois de decorridas algumas longas horas, apareceu este à entrada da taverna, procurando ansioso a esposa, que o precedera. Comovidos e felizes, aliviados dos temores da separação, renderam graças ao Senhor, por se acharem sãos e salvos e novamente reunidos.

7. Desempedidos afinal

Contudo, dentro de pouco tempo principiaram novamente a pensar no meio que empregariam para enfrentar a sua precaria situação. Deveriam, apesar de tudo, voltar para Calcutá, ou recorrer ao taverneiro e pedir-lhe algum auxílio? Qualquer coisa se lhes afigurava preferível a voltarem à cidade que os exilara. Perguntaram então ao taverneiro se lhe era possível arranjar-lhes passagem para Ceilão, e obtiveram como resposta a informação de que conhecia um comandante que chegaria em breve com o seu navio, e que, provavelmente, poderia transportá-los para Madras. Animados com esta notícia, esperaram dois dias na taverna, onde também chegou Rice. No terceiro dia ancorou o navio em frente à taverna, e o taverneiro foi a bordo interceder por seus hóspedes, mas voltou com a recusa do comandante. Não convencidos ainda da sua desdita, resolveram ir, eles próprios, ao comandante obstinado, afim de pedirem que deles tivessem compaixão. Assim, sentaram-se à mesa para jantar, ainda com uma fraca esperança a acalentar-lhes o ânimo, quando uma carta lhes foi entregue. Ao abrirem-na sentiram, maravilhados de contentamento, que um milagre se havia operado em seu favor; chegavam-lhes às mãos, vindos do primeiro magistrado, os passaportes necessários para embarcarem no *Creole* para a Ilha de França. "Não sabemos quem arranjou os passaportes, nem como estes vieram ter às nossas mãos; só podemos ver nisso a mão de Deus e ficámos maravilhados", escreveu Ana, numa longa carta que endereçou à família, narrando as peripécias da viagem.

Seguiram então, em viagem apressada, a ver se alcançariam o *Creole*, talvez ancorado em Sangur, setenta milhas rio abaixo, mas que também podia estar já em alto mar, visto levar sobre eles três dias de dianteira. Logo ao anoitecer entraram os três fugitivos num pequeno bote e puseram-se corajosamente a remar contra a maré. No dia seguinte a maré e o vento foram-lhes favoráveis, e ao anoitecer avistaram Sangur e os mastros dos navios alí ancorados. Estaria entre eles o *Creole*, ou já estaria fora do seu alcance? Os olhos buscaram ansiosos, e com alegria intensa acharam o *Creole* que havia dois dias permanecia ancorado à espera de parte da tripulação. "Nunca passei um momento mais alegre na minha vida do que aquele em que meus olhos pousaram no navio que tão sofregamente buscavam" escreveu Ana Judson para a família.

II. A ILHA DE FRANÇA

1. Tristíssima recepção

Não raras vezes o mais belo aspecto natural serve de cenário à mais acerba tragédia. A Ilha de França, pela sua exuberante natureza, é uma das mais encantadoras do Oceano Índico. O azul da abobada celeste reflete-se nas águas do porto, cercado pelos recifes; nuvens alvas e tenues cobrem levemente os cumes das montanhas; aquí e alí brilham as águas prateadas das nascentes, e sobre os rochedos escuros cacm abundantes as trepadeiras salpicadas de flores escar-

lates e azues. Crescem nos bosques e nos vales os limoeiros e as laranjeiras, as tamareiras e os coqueiros, além das flores silvestres em profusão, cujo perfume agradável se espalha por toda parte.

Dentro dêste rico panorama de verdura tropical desenrolaram-se as cenas da verdadeira e trágica história de Paulo e Virgínia, escrita por Saint Pierre. Foi na cidade de Porto Luiz, do outro lado da montanha, junto, da qual estavam situadas as cabanas de Paulo e Virgínia, que, cem anos mais tarde, se passaram os acontecimentos trágicos da vida dos abnegados jovens Samuel e Harriet. E foi aí mesmo que chegaram Ana e Adoniram Judson, porém tarde de mais para que pudessem socorrer aqueles seus amigos, na triste contingência em que se achavam.

Após quasi dois meses de ventos contrários e de mar tempestuoso, em janeiro de 1813, entrou o *Creole* em Porto Luiz e aí ancorou. No convés, Ana, seu marido e o Sr. Rice apreciavam o lindo panorama que daí se descortinava, olhando a terra em que esperavam encontrar o abrigo por que, havia tantos meses, ansiavam, ao mesmo tempo que pensavam em seus amigos Samuel e Harriet, de quem não tinham notícias. Ainda a bordo, quando estavam à espera de condução para terra, viram aproximar-se, vacilante e triste, um moço em quem era difícil reconhecer o amigo estremecido, Samuel tão mudado estava o seu semblante. Antes que êle pronunciasse as primeiras palavras, já Ana Judson adivinhara a amargurada história que os seus olhos tristes revelavam: Harriet, sua amada Harriet, tinha partido, deixando-o só no mundo. E narrou a sua grande infelicidade.

O navio em que tinham embarcado, em agosto do ano anterior, em Calcutá, teve de lutar tão fortemente contra os ventos e as ondas, que a viagem durou três longos meses de ansiedade. Assim, em pleno Oceano Índico, na exiguidade de um camarote de navio, nasceu uma linda menina que recebeu o nome da mãe. Por breve tempo encheram-se de alegria e esperança os corações dos pais, mas sobrevieram dias

de chuva e frio e, não podendo resistir à brusca mudança de temperatura, morreu nos braços de sua mãe a debil criancinha. Logo após o doloroso transe, manifestaram-se em Harriet os primeiros sintomas da moléstia fatal que lhe tiraria a vida.

2. Últimas mensagens filial e fraternal

Quando, finalmente, terminou a viagem e o navio ancorou no porto, em socorro da senhora doente vieram um cirurgião inglês e um médico dinamarquês, mas em vão o fizeram. Iam-lhe pouco a pouco decrescendo as forças e com elas a esperança de seu restabelecimento. Noite e dia passou ao lado da querida enferma o esposo angustiado, procurando colher cada palavra que seus lábios pronunciavam. Ela confiava em Jesús Cristo e seus pensamentos voavam para as coisas celestes. Às vezes, porém, lembrava-se de sua mãe tão distante, lá do outro lado do oceano, na sua casa: — "Quero que minha mãe querida saiba quanto a amava a sua Harriet", dizia ela ao esposo aflito; "ela que se volte para Deus, que nêle busque a consolação de que necessita e esta não lhe faltará". E acrescentava: — "Diga a meus irmãos que só vale a pena viver quando se vive por Jesus Cristo; e que jamais tive pesar de ter abandonado minha pátria pela causa de Cristo".

Finalmente, numa tarde de novembro, a morte cerrou para sempre aqueles grandes olhos castanhos, que tiveram como última visão as toscas paredes de barro de miserável choupana. E durante tôda aquela noite amargurada velou Samuel ao lado do corpo inerte da esposa estremecida, tendo, como seu único companheiro, um criado negro. Em terra estranha, combalido e só, sem o conforto da presença de um amigo, acompanhou o esposo desolado o corpo da esposa até o cemitério de Porto Luiz e aí, ao abrigo de viçosa fronde cujo verde vivo era como que uma evocação da terra natal, foi sepultada a linda jovem, a primeira americana que deu a vida pelo trabalho de Cristo entre os incrédulos.

Os pensamentos de Ana Judson volveram-se tristemente

para aquele cemitério. Quem diria que tão cedo ceifaria a morte aquela existência, reduzindo ainda mais o já tão diminuto número dos batalhadores da grande causa!

Instalaram-se os viajantes em Porto Luiz, na incerteza, porém, de aí se fixarem definitivamente, pois esperavam que o Senhor lhes indicasse o caminho a seguir. Enquanto aí permaneciam, procuravam atender às necessidades espirituais do povo. Aos domingos, pregava o Sr. Judson, ou o Sr. Rice, aos soldados estacionados na ilha, e o governador, homem amável e bondoso, chegou a afirmar que de bom grado permitiria que alí se estabelecesse uma missão cristã, apesar do aviso do governo inglês de que "fossem vigiados os missionários americanos". O trabalho na ilha se fazia urgente, dado o estado de ignorância e de degradação moral dos habitantes.

3. Ana assiste à terrível cena pagã

Certa tarde a atenção de Ana foi despertada por grande bulha que se fazia ouvir do pateo contíguo à sua casa. Entreabrindo a porta, dolorosa cena desenrolou-se antes seus olhos atônitos: de pé, com as mãos amarradas às costas, uma escrava negra era cruelmente espancada a cacete por sua senhora. Imediatamente interveio Ana, exprimindo-se em mau francês (que pequenos eram ainda os seus conhecimentos deste idioma), mas falando sinceramente, num insistente pedido à bárbara senhora para que desistisse de continuar a bater na pobre mulher. Surpreendida pela aparição da bela estrangeira e pela sua enérgica atitude, cessou de bater mas falou, irada, contra a escrava, que era, na sua opinião, muito ruim e que fugira da casa havia pouco.

Serenamente Ana entabolou conversação com a dama enraivecida até que esta pareceu acalmar-se, conquanto atirasse, ao sair, o cacete à cabeça da pobre escrava, fazendo correr sangue. Ficou alí a mísera criatura tôda a noite, de mãos atadas, sendo solta ao amanhecer, para ser enviada ao trabalho.

Na noite seguinte, o ressoar de uma cadeia de ferro, arrastada ao solo, fez-se ouvir no pateo. Da casa vizinha viu, com horror, a sra. Judson, que a pesada cadeia era destinada à infeliz escrava. De uma de suas extremidades pendia uma argola, bastante larga para rodear-lhe o pescoço, e da qual saiam duas chapas de ferro que lhe comprimiam as faces de tal maneira que a impediriam de comer. A pobre escrava assistia de pé, trêmula de pavor, aos preparativos do seu suplício. Nessa ocasião a senhora, sempre colérica, começou novamente a bater-lhe, como na noite anterior. Foi outra vez interrompida pela voz suave da sra. Judson, que lhe disse: "Sua escrava é muito ruim, não há dúvida, mas a senhora seria muito boa se a perdoasse". E às suas insistências consentiu a cruel senhora em soltar a escrava, afirmando enfaticamente que lhe concedia o perdão, não porque tivesse dó do seu sofrimento, mas apenas por atender ao pedido da senhora americana. Compreendendo então o que se passava, caiu a negra de joelhos diante da senhora branca que a salvara, balbuciando: — "*Merci madame, merci madame*". Mal podia Ana Judson conter as lágrimas de emoção ante a gratidão da mísera escrava. Regressou satisfeita à casa, por ter evitado, a uma criatura humana, tão grandes sofrimentos físicos. Mas quão maior ainda era a miseria espiritual que tudo aquilo revelava!

4. Novamente sós e perplexos

Em março partiu o Sr. Samuel para Ceilão, abandonando assim os lugares que mais lhe avivavam as suas tristes recordações, e seguiu o sr. Rice para a América, a pátria distante e cada vez mais amada, para narrar de viva voz, às igrejas batistas, o que pelas cartas não poderia bem exprimir. Queria manifestar aos batistas americanos o estado desesperador em que se encontravam aqueles povos pagãos, sem terem o conhecimento de Cristo, ao mesmo tempo que lhes cientificaria que alí, na Asia distante, um jovem americano

e sua esposa ansiosamente esperavam ser adotados como primeiros missionários batistas da América, naquela região.

Ficaram, pois, sós, na Ilha de França, Ana e seu marido. Aí permaneceram à espera que o Senhor lhes indicasse o o trabalho que deveriam efetuar. Havia muito que fazer na Ilha de França, porém muito mais vasto se lhes afigurava o campo de trabalho no Oriente, com milhões de habitantes e onde, de missionários, existia pouco mais que o número inicial de doze, aos quais Jesus determinou que fossem "fazer discípulos em todas as nações". Entre "todas as nações" da Asia, onde encontrariam eles um lugar estratégico para o estabelecimento da missão cristã? Era este o problema que procuravam resolver durante os dias da primavera passados na ilha tropical, problema este que seria inesperado e desagradavelmente resolvido no verão seguinte.

III. O PORTO DESEJADO

1. Deixam a Ilha de França

Na sua infância foi sempre Nanci irrequieta e travessa, não sabendo quasi estar parada, razão por que certa vez lhe disse sua mãe: — *"Espero, minha filha, que um dia há de chegar em que seja satisfeita a tua ânsia de andar"*. Mal imaginavam elas, mãe e filha, como seriam fielmente cumpridas estas palavras.

De fato, durante todo um longo ano, desde o dia em que desembarcaram em Calcutá, não fizeram o Snr. Judson e sua senhora, quasi mais nada senão viajar, andando de um lado para outro, ansiosos, à procura de um lugar onde pudessem permanecer.

Vamos vê-los agora deixando a Ilha de França com destino à Ilha do Príncipe de Galles, no Estreito de Malaca, a qual recebia, desde a sua compra pelos ingleses, grande população de indús, chineses, birmanianos e siameses. Mas, como não houvesse navio, direto tiveram que tomar passagem para

Madras, donde prosseguiram viagem até o Estreito de Malaca.

Em princípio de Junho acharam-se novamente os viajantes nos dominios da Companhia Leste Índia, que já por duas vezes lhes decretara a tristeza do exílio. A sua chegada em Madras foi desde logo conhecida da polícia e anunciada ao governo supremo em Bengala. Era, portanto, certo que dali viria ordem para que fossem presos e deportados para Inglaterra. E, pois, competia-lhes escapar, sem perda de tempo. Com ansiedade procurou o Sr. Judson saber do destino dos diversos navios que se achavam ancorados em Madras, para poder decidir quanto ao que fariam, e onde estabeleceriam a nova missão.

Mas, ai deles! O único que lhes poderia servir, por partir oportunamente, seguiria viagem para o porto mais temido em toda aquela região, seguiria para Rangun, Birmânia! E, pois, desse difícil dilema não poderiam esquivar-se: ou partiriam para Birmânia, ou teriam que seguir rumo à Europa, de regresso à terra natal.

Nesta situação que deveriam fazer? Seria prudente aventurarem-se a todos os perigos que se lhes deparariam entre povo bárbaro, quasi selvagem, sem governo civilizado, sob uma monarquia cruel e despótica? Em Madras, as pessoas que lhes eram conhecidas e amigas, achavam absurda e irrealizável esta última hipótese.

Mas os dois jovens dificilmente se conformariam com a idéia de voltar à pátria, sem terem realizado a obra santa, para a qual tão fortemente se sentiam chamados. Ainda não tinham vinte e cinco anos de idade, mas sentiam em si a fortaleza que vem da graça de Deus; assim, entregaram-se à proteção divina e tomaram o Senhor como seu guia único.

2. Diário que merece lido

Nesta ocasião escreveu Ana Judson no seu *diário*:

"20 de Junho. Finalmente resolvemos ir para Rangun, visto não haver navio que nos conduza a outra localidade, a

tempo de impedir que sejamos novamente presos. O nosso Pai celeste guia-nos e dirige-nos. Onde queres que vamos? — que queres que façamos? A nossa única esperança está em Ti, e a Ti sómente pedimos proteção.

Acostumei-me a encarar com terror esse campo de trabalho... Entretanto, agora me sinto calma e disposta a aí morar toda a minha vida.

Deixaremos amanhã este lugar bem como os poucos amigos que aquí encontramos. Diremos adeus, então, a toda a sociedade culta e cristã. Leva-nos o destino para os pagãos, para os bárbaros e selvagens, que desconhecem a misericórdia e só praticam crueldades. Mas é por vontade própria e por amôr de Jesús que escolhemos tais companheiros".

Mais do que nenhuma outra, a viagem para a Birmânia transcorreu agitada e cheia de apreensões, triste prenúncio do que lhes seria a existência entre aquele povo inculto.

Era precária a saúde de Ana, razão por que arranjaram uma senhora para servir-lhe de companheira. Esta, porém, embora de aparência robusta, mal haviam iniciado a viagem, caiu em convulsões que só cessaram para sobrevir-lhe a morte, máu grado todos os cuidados que lhe foram dispensados.

A emoção que lhe causou este fato, além dos esforços que fizera para salvar a vida da enferma, foi causa bastante para a por doente, e em estado grave. Era extrema a falta de comodidade a bordo, além de que o navio, velho e imprestável, parecia sossobrar a cada instante. Tinham por camarote, sobre o convés, uma pequena divisão feita de lona, batida pelo vento forte e sacudida pelas ondas agitadas, o que produziu na doente dores lancinantes. Nem médico, nem remédios havia com que aliviar-lhe o sofrimento. Demais, sendo o navio português, era o comandante a única pessoa que com eles podia trocar palavras, pois ninguem mais conhecia o inglês. Adoniram Judson foi médico, enfermeiro e companheiro dedicado naqueles dias angustiados.

Só então, junto da esposa extremecida, cujas dores não lhe era dado aliviar, é que pôde ele avaliar o doloroso transe porque passara o seu amigo Samuel, quando se vira, sem recursos e só, ao pé da espoa moribunda na Ilha de França.

3. Deus socorre os filhos seus

A única coisa que poderia salvar a vida de Ana Judson era aparentemente um fato difícil de realizar-se. Seria conseguir que o navio, que se apresentava tão agitado, permanecesse socegado por espaço de uma hora, tempo bastante para sentir-se ela aliviada e, pois, voltarem as esperanças de salvá-la. *Ora, "Aquele que cuida dos corvos não abandonará seus filhos na hora da aflição"*, dizia Ana, toda animada por aquela confiança inquebrantável de que jamais se apartou.

Veio ao convés o comandante avisar que não poderia o navio chegar à ilha Nicobar, onde deveria receber um carregamento de cocos, visto como os ameaçava o sério perigo de serem atirados de encontro às ilhas Adaman. E mais, que, para tentar salvar o navio, teria que dirigir-lhe a marcha por entre duas ilhas, por um estreito pelo qual nunca tinha passado e que, segundo diziam, era bem perigoso às embarcações e aos passageiros. Encontravam-se no canal grandes rochedos, de que era mistér acautelarem-se, e as costas estavam habitadas por canibais que não perderiam a ocasião que se lhes apresentasse para devorar os incautos viajantes.

Foi ante tão desagradáveis perspectivas que penetrou o navio no canal e (oh! maravilha!) o vento cessou como por encanto e as águas apresentaram-se mansas como um lago. E' que as ilhas formaram como uma muralha que interceptava o vento, de sorte que o estreito canal era um abrigo num porto seguro, onde o navio deixou de jogar, parecendo imóvel como em terra firme.

Esta quietude trouxe à Ana o alívio almejado, e a seu marido a primeira esperança de salvá-la. Dentro em pouco desapareciam os rochedos e, com eles a ameaça dos canibais, e o navio, sereno, impelido por ventos favoráveis, prosseguia a sua rota.

4. Rangun em 1813

A 13 de Julho entrou o Georgina no porto de Rangun, na Birmânia.

Que desolação! Parece impossível haver palavras capazes de traduzir todo o horror que inspirava o aspecto da cidade de Rangun em 1813, principalmente quando vista dos navios que entravam no porto.

Figure-se um vasto brejo cortado por um riacho deslizando em terra pantanosa, e aquí e alí, sobre estacas, as cabanas de bambú, tudo miserável e sujo, parecendo cair em ruinas, e far-se-á idéia do quadro triste que se apresentou aos olhos curiosos e indagadores dos viajantes.

Era a primeira vez que Ana e Adoniram contemplavam uma terra em tal estado de abandono e atrazo e um brusco terror atravessou-lhes a alma.

À tarde desse mesmo dia o Snr. Judson desceu à terra e de lá voltou mais abatido do que nunca. De fato a noite da sua chegada a Rangun foi a mais angustiosa e desanimadora que se podia conceber. Só passado o primeiro instante de emoção é que puderam compreender que não lhes assistia senão regosijar-se por terem chegado ao porto desejado e haverem alcançado terras pagãs, onde poderiam desembarcar sem receio de ser expulsos. Naquele momento, porém, tão grande foi o desalento e tão funda a saudade da pátria distante, que se deixaram dominar por um enorme desejo de morrer, para trocarem as vicissitudes da existência pela liberdade gloriosa do céu.

Marido e mulher sentiam ambos a mesma angustia abater-lhes o ânimo, a eles que por tanto tempo se tinham mantido fortes e seguros do que faziam e do que queriam. Ajoelharam-se então e oraram juntos, entregaram-se completamente à guarda do Pai celeste... e, pouco a pouco, foi-lhes voltando a paz ao espírito atribulado. *"Ainda que os lancei longe entre as nações, e ainda que os espalhei pelas terras, todavia lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo, nas terras para onde foram."*

Ao amanhecer do dia seguinte prepararam-se para desembarcar na cidade onde passariam a viver.

A Sra. Judson, ainda de cama, foi conduzida à terra em uma cadeira de braços, sustida por quatro homens. E foi desse modo que ela penetrou naquela cidade miserável e imunda, com as suas casas de bambú e os seus riachos lamacentos.

Depois de caminharem um pouco, os homens pararam em uma boa sombra e descansaram a cadeira. Foi quanto bastou para que esta fosse logo rodeada por uma multidão de birmanianos, que acorriam pressurosos para ver a estrangeira. E' que, se não era raro aparecerem alí homens de nacionalidade inglesa, não se dava o mesmo em relação às senhoras, e, pois, Ana Judson, representava uma raridade. E, como esta deixasse pender a cabeça sobre o peito, devido ao seu estado de fraqueza, aproximaram-se muito algumas mulheres para tentarem ver-lhe o rosto, por baixo do chapéu. Apareceu-lhes então uma linda fisionomia risonha, que deveras lhes agradou. Assim, quando os homens novamente levantaram a cadeira, os birmanianos deram gritos de alegria, como que os aclamando.

Seguiriam até a Alfândega de Rangun, pequeno telheiro, todo aberto, tendo ao chão alguns tapetes sobre os quais estavam sentados alguns oficiais daquela repartição. Aí foi o Sr. Judson submetido a rigoroso exame, o mesmo sucedendo à esposa por parte de uma birmaniana, que lhe pediu antes permissão para isso.

Cumprida essa formalidade, seguiu o pequeno grupo para a casa da missão, situada além das portas da cidade e que, construida pelos batistas ingleses, lhes ia servir de moradia.

E onde agora as colinas verdes e as casas pintadas de branco, tão lindas e alegres, da Nova Inglaterra? Por ventura não representarão todas essas coisas senão meras criações da memória?

E onde aquela bela e robusta mocinha, de faces rosadas

e lindos cabelos em cachos, que se mostrara sempre tão prazenteira e alegre nas festas da Academia de Bradford?

Não passará, também ela, de um fantasma do passado? Não; as realidades presentes são a forte confirmação daquele risonho passado.

Na vida de abnegação e sacrifício de Ana Judson vão patentear-se todas as qualidades latentes e inatas que os habitantes de Bradford, na Nova Inglaterra, nem de leve podiam suspeitar que se abrigassem na travessa e irrequieta Nanci, a mais bela e querida de todo o vale do Merrimac.

IV. Nas Proximidades do Velho Pagode de Rangun

1. Que é Pagode de Rangun

Apesar de sua aparência desagradável, era Rangun uma cidade importante do império birmaniano, com muitos milhares de habitantes, além de ser a sede do governo de uma extensa província dirigida por um vice-rei, alto oficial do reino.

Ao norte da cidade, desta afastada umas duas milhas, erguia-se o colossal Pagode de Rangun, o Templo dourado de Buda, resplandescente de ouro, de um luxo que atingia ao grotesco, e cuja altura o tornava visível a uma distância de vinte milhas.

Durante a festa solene de Gotama ou Buda, todo o povo, em multidão, após vencer enormes distâncias em botes, através do rio, vinha adorar o grande deus e trazer ofertas ao Pagode, que se supunha encerrar uma relíquia de Buda. Assim se mantinha o prestígio de Rangun, inferior sómente a Ava, a corte real.

Situada sobre um afluente do grande rio Irauadi, tinha Rangun, o mais importante porto de mar do Oriente. Apesar de tudo, porém era, em 1813, uma cidade insalubre, miserável e imunda.

Certo dia, subindo Ana Judson a escada de acesso ao velho Pagode, um panorama estranho desenrolou-se ante seus olhos curiosos. Dir-se-ia que contemplava todas as belezas imaginárias de um país de fadas, com os castelos encantados, as abadias em ruínas, a que se juntavam as imagens fantásticas de Buda, de anjos e demônios, de elefantes e leões, que emprestavam à paisagem um tom ao mesmo tempo bárbaro e pitoresco.

E, às vezes, postada à janela de sua casa tão isolada, situada além das portas da cidade, ela fixava a vista na torre faiscante do grande templo, a qual sobressaía entre as copas das árvores, e seu pensamento volvia-se então para as torres brancas da Nova Inglaterra. E considerava o espaço enorme que a separava da pátria extremecida... e ainda mais, o valor moral da igreja da Nova Inglaterra em contraposição ao grande Pagode birmaniano. A modesta casa de culto de sua terra era o símbolo exato da vida reta e simples dos valorosos pioneiros americanos, no princípio de sua colonização; ao passo que aquele edifício grotesco, de avantajadas proporções, representava bem a falsidade e a degradação moral dos habitantes do Oriente antigo.

2. Situação dos birmanianos

Tanto nas ruas centrais como nos subúrbios de Rangun ostentava-se constantemente a condição miserável em que se encontravam os birmanianos. Pobres, doentes e desgraçados mendigos imploravam a esmola de alguns grãos de arroz, com que se pudessem alimentar, e arrastavam consigo a própria habitação — um pano esticado por quatro bambús — e que era em geral colocado sob a proteção da sombra de uma árvore. Outros sujeitavam-se a um pesado jugo de trabalho, para ganhar uns miseráveis tostões, que lhes eram, na maior parte, extorquidos pela voracidade do governo. Este não pagava ordenado certo aos seus oficiais, enquanto que por todos os modos, impunha ao povo tributos pesadíssimos com que se enriquecia cada vez mais. O vice-rei, ou governador de uma província, era conhecido pelo apelido de "*homem que*

come" pois parecia ter a incumbência de devorar os bens dos seus súditos. Cada oficial dividia o que sugava do povo com o vice-rei; e este, por sua vez, com o rei, cujos rendimentos eram sempre fartos.

Na Birmânia, a palavra do rei era lei absoluta, da qual dependia mesmo a vida de qualquer um, fosse ele embora o mais alto oficial do reino. Certa vez, um alto dignatário da corte foi agarrado pelo carrasco, que o obrigou a deitar-se ao chão, ao lado da estrada, sob um sol causticante e com um grande peso sobre o peito, assim permanecendo até se aplacar a ira do rei, para ser então, novamente, reintegrado na sua antiga posição no reino. O único meio de escapar a um castigo, quer inocente quer culpado, era pagar grandes somas ao vice-rei.

Os roubos eram ousados e frequentes, especialmente na época da fome, em que quasi todas as noites assaltavam as habitações para roubar e assassinar. A casa da missão, situada fora dos muros da cidade, permanecia muito exposta aos ataques dos bandidos e das feras. Além disso ficava-lhe muito próximo o lugar em que eram executados os condenados, bem como o depósito de lixo da cidade inteira. Entretanto o terreno imediatamente ao derredor era de muito agradável aspecto, todo plantado de árvores de frutos deliciosos. Havia em profusão as saborosas laranjas, bananas, goiabas, jacas e fruta-pão, além dos abacaxís tão apreciados. O prédio fora construido de madeira e, conquanto não estivesse ainda de todo concluido, era bastante espaçoso e bem arranjado.

3. Encontro feliz

Foi em certa manhã de julho de 1813 que o jovem missionário americano fez transportar a esposa enferma, do navio *Georgiana* à casa da missão, fora da cidade de Rangun. Ora, naquele tempo havia em Birmânia apenas mais um missionário, Felix Carey, filho do grande William Carey. Ele habitava a propriedade da missão, com sua família, mas estava ausente, em viagem, a mandado do rei, quando chegaram os Judson. Assim, foi a Sra. Carey, e seus dois filhos que receberam, em sua casa, o novo missionário. Era esta senhora natural de Rangun e mal falava o inglês, além de não poder, como oriental que era, oferecer a uma dama ocidental as comodidades a que esta estava habituada. Era para Ana Judson um sacrifício diário o ter de tolerar a comida birmaniana, tão diferente da boa cozinha da Nova Inglaterra. Faltavam-lhe o pão, o arroz, as batatas, o leite e a manteiga; e a galinha temperada com *curri*, usual entre os orientais, parecia-lhe difícil de comer. Contudo, "*em vez de lamentar por não termos mais comodidades, devemos agradecer as que ainda nos restam*", escreveu Ana, a corajosa.

Apesar da comida, da diversidade de clima e falta de recursos, Ana recuperou em pouco tempo a saúde, e tanto ela como o marido não desfaleceram nem um momento diante das dificuldades e dos sacrifícios; antes continuaram firmes na resolução, que haviam tomado, de permanecer entre os birmanianos, para o trabalho do Senhor. "*Convencemo-nos*, disse o Sr. Judson, *que está em nosso coração a determinação de vivermos e morrermos entre o povo deste país.*"

4. A lição de ano e meio de provações

Ano e meio de vicissitudes e provações, tinha-lhes ensinado que Deus está ao lado dos que cumprem o dever, e que seu auxílio vale mais que qualquer ajuda ou impecilho provenientes da vontade humana.

Desde que se acharam instalados na nova moradia, o Sr. Judson e sua esposa começaram a estudar a língua birmaniana, tarefa que lhes pareceu muito mais penosa do que seria a de aprender toda a matemática, mais o sanscristo e o hebraico reunidos. De fato, estudar o grego ou latim, o francês ou o alemão, segundo os métodos modernos dos nossos colégios de hoje, é quasi o mesmo que brincar num jardim de infância, e compararmos esse trabalho com as dificuldades que se antolham aos americanos ou europeus que se queiram familiarizar com uma língua oriental. Junte-se a isso a si-

tuação em que se encontrava o casal de não disporem de um só dicionário, nem de gramática, nem mesmo de pessoa alguma que entendesse o inglês, e tendo por livros folhas secas de palmeiras, nas quais os traços se tornavam em pouco obscuros e incompreensíveis, e ter-se-ão avaliado os imensos óbices que se lhes deparavam a cada passo no aprendizado da língua birmaniana.

Depois de um ano de penoso esforço, dizia o Sr. Judson que, entre fazer exame do idioma birmaniano ou do francês, que ele estudara por espaço apenas de dois meses, preferia certamente este último, tão complicado se lhe afigurava aquele.

Conseguiram finalmente arranjar um homem que lhes ensinasse a língua da terra, mas que não queria aceder em ter Ana Judson como aluna, pois a mulher era alí considerada como um ente inferior, a quem, para não se perder tempo, nada se devia ensinar. Felizmente, porém, não foi muito difícil fazê-lo mudar de opinião, ante a firme vontade do sr. Judson.

E, pois, começaram a aplicar-se os dois estudantes, com novo afã, na tarefa voluntária em que consumiam os dias, desde às 7 horas da manhã até às 10 da noite, deitando-se então cansados como jamais haviam estado em qualquer outra situação da vida.

E sucediam-se os dias, ocupados sempre no difícil empenho que lhes tomava as horas todas, só lhe permitindo, como recreio, um breve passeio ao jardim, ou à vila próxima, sem outra companhia que a deles próprios.

Entretanto decorria o tempo sem que chegassem notícias da família tão distante, e só após dois anos e meio de ausência é que receberam, ansiosos, a primeira carta que lhes vinha da pátria estremecida.

Em todo o império birmaniano, era Ana a única mulher que falava inglês e, fora da casa dos missionários, num país de oito milhões de almas, não havia um só cristão.

Era este o meio em que passava a viver aquela que, não

havia muito, fora a bela e corajosa menina, cuja inteligência e vivacidade eram conhecidas em todo o vale do Merrimac.

"*Durante o dia, expostos aos invasores e à rapinagem à noite, achama-nos, contudo, mais felizes do que nunca*", escrevia ela em seu *diário*, em Rangun, a 8 de agosto de 1813. *Sentimos bem que este é o lugar que o Senhor escolheu para nós, e que estamos cumprindo o dever, num campo de atividade que se nos afigura mais vasto que qualquer outro*".

5. A Primeira Igreja de Cristo em Rangun

A 19 de setembro de 1813 os jovens missionários, esposo e esposa, participaram da ceia do Senhor, como já haviam feito, na Ilha de França, Samuel e esposa, dias antes dela morrer. Era a primeira igreja de Cristo que se formava em Rangun, na casa da Missão, com dois membros apenas, quando hoje, pouco mais de cem anos depois, há no vasto império birmaniano, 900 igrejas batistas organizadas, com cerca de 65.000 membros.

6. A visita ao vice-rei e o incêndio

A primeira visita de Ana à esposa do vice-rei, a qual lhe foi apresentada por uma dama francesa que privava com a família real, revestiu-se de circunstâncias interessantes.

Quando chegaram os dois visitantes, sua alteza não se tinha ainda levantado e, pois, era mistér esperar. Enquanto isso, divertiram-se bastante com as outras mulheres do vice-rei, que logo os cercaram, curiosas, a examinar-lhes as vestes procurando calçar-lhes as luvas e experimentar-lhes os chapéus.

Apareceu afinal a vice-rainha, ricamente vestida à moda birmaniana, e fumando um comprido cachimbo de prata. Afastaram-se as outras respeitosamente, conservando-se à distância, agachadas ao chão e caladas, só falando quando lhes era endereçada a palavra. Avançou a vice-rainha para os visi-

tantes, olhando com interesse a fisionomia da bela estrangeira. Tomou-a pela mão e conduziu-a a um assento de tapete, onde tambem ela se sentou. Tirou depois algumas flores de um ramalhete que lhe apresentou uma de suas damas, e com elas adornou o chapéu de Ana. E iniciou a palestra, indagando muitas coisas a respeito da vida da americana, como: se tencionava permanecer muito tempo no país, se era a primeira mulher de seu marido, se era a principal e quantas tinha ele (supondo-os sujeitos aos mesmos costumes do seu povo).

Nesse ínterim surgiu na sala o vice-rei, com enorme pompa. Era de fazer medo vê-lo de tão avantajada estatura, a arrastar o seu pesado manto e tendo à mão uma grande lança. Além de ser ele o governador da cidade, dispunha tambem do poder que lhe vinha da sua influência na corte real de Ava, de sorte que apenas um gesto seu podia decidir da vida dos seus súditos, do perdão ou da condenação de muitos homens.

Entretanto, ele cumprimentou afavelmente Ana, perguntando-lhe mesmo se aceitaria um pouco de vinho ou rum. E, ao despedirem-se, a vice-rainha afirmou à sua visitante o prazer que lhe dera e o seu desejo de que voltasse todos os dias.

Nessa visita tivera Ana o intuito de obter a amizade da vice-rainha, amizade que lhe poderia ser útil, caso surgisse alguma dificuldade entre eles e os birmanianos e, ao seu marido, fosse recusado o comparecimento perante o vice-rei. Havemos de vêr, mais tarde, como, de fato, o encanto da sua personalidade conseguiu atrair para o casal favores extraordinários da orgulhosa esposa do vice-rei.

Após seis meses de estada nos subúrbios, resolveram os missionários mudar-se para a cidade, onde, protegidos pelas muralhas, não teriam que temer os bandidos, e gozariam a vantagem de estar em contacto com o povo. Uma semana depois de se terem mudado, os malfeitores atacaram uma casa próxima à da missão, e, armados de lanças, facas e espingardas, nela mataram o chefe da família, roubando tudo quanto puderam carregar.

Esse assalto irritou de tal sorte o vice-rei, que logo foram destacados, trezentos homens para perseguirem os bandidos, dos quais sete foram presos e barbaramente executados.

Dois meses decorridos após estes acontecimentos, um fato doloroso veio trazer o pesar e a consternação a Rangun, evidenciando, mais uma vez, a situação precária dos que habitam uma cidade pagã, sem as luzes e o progresso do cristianismo.

Certo domingo, tinham ido os missionários à casa da missão, onde, como de costume, realizavam em socego e calma os seus cultos, quando, ao regressarem ao lar, lhes veio ao encontro um empregado para avisar-lhes de que havia um incêndio próximo à cidade. Para lá se dirigiram e, atônitos, verificaram que as labaredas consumiam algumas casas e caminhavam para a cidade, sem que se fizesse esforço algum para dominá-las.

Diante disso o que lhes competia fazer era correr à casa para dela retirar o que lhes pertencia e que seria transportado para a casa da missão, fora dos muros da cidade. Nesta não puderam, entretanto, penetrar, pois os seus habitantes, quais ingênuas crianças, julgavam proteger-se, fechando as portas, embora fossem estas de madeira.

Tiveram que esperar bastante tempo antes que se lhes desse passagem e pudessem por fora de perigo tudo quanto possuiam. Durante todo o dia o fogo alastrou-se pela cidade, destruindo portas, muralhas e inumeráveis habitações, ficando sem abrigo milhares e milhares de famílias.

Tantas dificuldades e incertezas, tanto atrazo e tantos infortúnios não conseguiram plantar o desânimo no coração dos jovens missionários. Enquanto o templo dourado de Buda e o velho Pagode de Rangun permaneciam impassíveis e inúteis ante todas as calamidades, parecendo apenas testemunhos eloquentes da incapacidade do budismo para salvar

seus adeptos, alí no coração daqueles jovens estrangeiros, ardia intensa e constantemente a chamada de amôr do Deus Onipotente, que por eles enviava a santa mensagem da salvaço, a qual só, é capaz de remir o povo da escravidão e do pecado.

PERGUNTAS

1. Narre alguns acontecimentos desagradáveis experimentados pelos missionários.
2. Por que mudam de denominação Adoniram e Ana Judson e quem os anima fazendo o mesmo?
3. Para onde viajam os missionários e que recepção os aguarda?
4. Qual a mensagem que Harriet envia aos irmãos antes de ir para o céu?
5. Dê em resumo o diário de 20 de junho, de Ana Judson.
6. Narre o milagre que provou o socorro de Deus aos filhos seus.
7. Descreva Rangun em 1813.
8. Que sucedeu em 19 de setembro de 1813 e que significa isso?

CAPÍTULO III

Dilema e Chamada

I. VOZES DE CRIANÇAS

1. Ana vai a Madras a busca de saude
2. Novamente em Rangun
3. Sociedade Batista Americana de Missões Estrangeiras
4. Alegria dupla e tristeza infinda
5. A vice-rainha e Ana Judson
6. Fé que não enfraquece ante os infortúnios

II. O DILEMA DE ANA

1. Primeiro Natal e separação ligeira.
2. Chega mais um casal de missionários
3. Novo ano e novas tarefas
4. Visita imprevista e inesquecível
5. Apreensões e petição
6. Alastra-se o cólera em Rangun
7. Deus dirige e guarda em tempos calamitosos.

III. O ORIENTE CHAMA

1. Ana volta à América
2. Ana volta ao Oéste com o Oriente no coração
3. Moung Nau, o primeiro convertido na Birmânia.
4. Recordação da viagem do esposo a Ava
5. Chegada à Inglaterra
6. Enfim na terra natal
7. Provações, cura e volta

CAPÍTULO III

DILEMA E CHAMADA

I. VOZES DE CRIANÇAS

1. Ana vai a Madras à busca de saúde

Foi num dia de Janeiro de 1815 que se alvoroçou o lar dos Judsons, em Rangun, com preparativos de viagem. Dar-se-ia o caso de abandonarem a missão como tarefa irrealizavel? Entretanto, não estava a casa em desordem, antes tudo permanecia em seus lugares; apenas uma pequena mala havia para ser transportada para bordo, pois sómente uma viajante, Ana, deixaria Rangun por dois ou três meses. Ia a Madras, à procura de um médico que atendesse ao seu estado precário de saúde, devido às privações passadas na Birmânia.

Era dolorosa a separação para um casal tão unido, já pelo afeto que os ligára, já pelas vicissitudes que juntos tantas vezes tinham afrontado, arrimando-se um ao outro, e ambos na fé que os animava. Não consentiu ela, todavia, que o marido a acompanhasse, para que não se abalasse a nova missão, com a ausência de ambos. E' que principiavam a fazer-se compreender pelos birmanianos e eram preciosos demais para serem negligenciados esses primeiros sinais da futura colheita. De fato, havia já os que começavam a interessar-se pela história de um Deus que os amara, embora fosse ainda vaga a idéia que podiam fazer da bela e santa mensagem. Era, pois mistér maior afinco no estudo da língua, para melhor se fazerem compreender.

Desde que ficou decidida a viagem de Ana, ela e seu marido foram à presença do vice-rei, com um pedido extraordinário a fazêr-lhe e um mimo a oferece-lhe, pois era costume da terra presentear a autoridade antes de impetrar-lhe alguma graça. Ia o Sr. Judson pedir licença para uma birmaniana acompanhar sua esposa através do golfo de Bengala, até Madras, pedido este difícil de ser atendido, dada a proibição que na lei do país havia, de sairem da terra as suas mulheres.

No entanto, voltando-se o vice-rei para seu secretário, ordenou-lhe que expedisse a ordem necessária, com a permissão solicitada, ficando a seu cargo as despezas da viagem. Dir-se-ia que a energia e a audácia que transpareciam na fisionomia da franzina estrangeira, influiam no ânimo do arrogante governador, fazendo-o ceder sempre. O fato porém, é que ao sairem da casa do vice-rei, sentiram-se ambos imensamente gratos ao Senhor por ter-lhes concedido tal animação para a viagem que, sem a companhia do esposo, ia ela empreender.

Atormentava-a, contudo, o temor da travessia do golfo de Bengala, travessia esta que tantos sofrimentos lhe custara, quando a realizara no verão de 1813. Graças, porém, aos cuidados e às atenções do comandante do navio, foi-lhe suavizada a viagem, como feliz foi a sua chegada a Madras, onde teve alegre e carinhosa recepção. Havia quasi dois anos pisara ela, pela primeira vez, o solo daquela cidade, ansiosa por vencer as dificuldades que se opusessem à sua permanência em Birmânia, a terra de que ouvira tantos horrores. E embora tal perspectiva lhe trouxesse fundo receio à alma, aparentava a corajosa senhora uma tranquila serenidade que lhe vinha do firme propósito em que estava de ir onde fosse preciso, por amôr de Cristo. Agora, de novo em Madras, veio encontrar, da parte dos que a conheciam, um cordial acolhimento. Aí passou seis semanas, findas as quais, já restabelecida de saúde, preparou-se para o regresso a Rangun. O médico, que a tratara, recusou-se a receber a retribuição do seu trabalho, confessando-se já bem pago com o prazer de ter-lhe prestado algum serviço.

2. Novamente em Rangun

Voltava novamente a Rangun. Mas como diferem agora os seus sentimentos dos que a agitavam na primeira vez que para lá se dirigia! Além disso, não vai só. Junto dela, no convés do navio, está uma menina que agita as mãos para a terra, em despedida. Assim, Ana tem uma nova companheira de viagem. Vejamos quem é ela.

Por ocasião das suas duas estadas em Madras Ana tivera ocasião de travar conhecimento com um jovem, filho de um major do exército holandês, cujo nome era Von Someren. Interessava-se esse moço pelos missionários que chegavam, oferecia-lhes hospedagem na sua espaçosa casa, auxiliava-os nos negócios e em tudo quanto necessitassem, depois de os ir buscar, não raras vezes, a bordo dos navios ancorados no porto de Madras.

Tinha ele em casa três crianças orfãs, suas primas, e que lhe haviam sido entregues por morte dos pais. Dessas meninas, a mais moça, Emília, de sete anos de idade, fez muita amizade com a Sra. Judson, e esta, ao preparar-se para a partida, sentiu um desejo intenso de levá-la consigo. Falou nisso ao Sr. Von Someren que facilmente acedeu à vontade daquela que ele tanto admirava, confiando-lhe a pequenita. Foi assim que, de volta para Birmânia, levava Ana Judson uma companheirinha.

Enquanto isso, em Rangun, trabalhava incessantemente o Sr. Judson, procurando desse modo atenuar a tristeza da solidão de sua casa. Desde o amanhecer até tarde da noite, entregava-se ele ao estudo da língua, dando-se apenas uma pequena folga, essa mesma aproveitada para palestrar com os nativos, o que de fato era outra maneira de aprender. Em todo o império birmaniano, não havia pessoa alguma com quem ele pudesse conversar intimamente, como amigo, ou entrar em comunhão de oração. E o seu isolamento tanto maior se fazia sentir, quanto era enorme o contraste entre a tristeza dele e a alegria da companhia da esposa, que tão bem compartilhava dos seus ideais e do seu grande empenho.

Assim, só quando chegasse ao porto o navio que a trouxesse, é que ao seu coração voltariam novamente o prazer e o gozo de viver.

Mas veio a primavera, e com ela os sinais de vida e atividade na casa da missão em Rangun. Estava o Sr. Judson à varanda, com o seu professor, quando uma voz de criança e os sons de passos femininos chegaram aos seus ouvidos. Ana, sadia e bem disposta, e a pequena Emília traziam ao lar, antes triste e solitário, as alegrias da vida em família, de que estava privado o Sr. Judson. E logo tomou Ana a direção da casa para que pudesse o marido melhor aplicar-se ao estudo da língua. Ela é que sentia o seu estudo prejudicado pelos afazeres domésticos. Entretanto, o próprio contacto com as criadas obrigava-a a falar a língua de que ia adquirindo novos vocábulos. Da mesma maneira Emília aprendia todos os dias palavras e frases que a iam familiarizando com o idioma, e em pouco tempo falava a língua e nela entoava cânticos e hinos. Destes, um era-lhe predileto, e mais tarde, anos depois, sentia virem-lhe as lágrimas aos olhos, quando o repetia.

3. Sociedade Batista Americana de Missões Estrangeiras

Passaram-se os dias da primavera e do verão em constante felicidade, e assim também transcorreu o outono. Finalmente, depois de três anos de espera, receberam da América a notícia que os encheu de satisfação: tinham resolvido, as igrejas batistas da América, aceitar o Sr. Judson e sua esposa como seus primeiros missionários na Birmânia, e, como tais, assumiriam a responsabilidade do seu sustento. Ficavam, assim, livre desse pesado encargo os ingleses de Serampore, os quais, pobres embora, e pois, com penoso sacrifício, vinham mantendo os dois americanos, cumprindo desse modo o compromisso assumido.

Não fora, portanto, em vão que voltara Luther Rice a sua pátria para descrever ao vivo o que seus próprios olhos tinham presenciado naqueles pobres países do Oriente. Em

maio de 1814, à semelhança daquela importante reunião que houvera em junho de 1810, em Bradford, realizou-se nos Estados Unidos uma segunda assembléia histórica. Todos os ministros batistas, desde Massachuetts até Georgia, reuniram-se em Filadélfia para organizarem a segunda sociedade de missões estrangeiras da América, conhecida primeiramente como a Convenção Trienal, e mais tarde como a *Sociedade Batista Americana de Missões Estrangeiras*. E a nova junta de Missões, não sómente garantia o sustento do casal Judson, como tambem dava esperanças de que mais tarde outros missionários seriam enviados. Num futuro maravilhoso talvez pudesse a denominação batista da América oferecer a Cristo, conquistada pelos missionários pioneiros, toda a terra da Birmânia, assim como, dos arrojados descobridores, recebiam os velhos governos da Europa as grandes terras da América, para nelas desenvolverem o seu reino e o seu poder.

4. Alegria dupla e tristeza infinda

Naquela casa longínqua em Rangun, os dois habitantes sentiam-se confortados com a notícia de que eram seus nomes lembrados entre os cristãos da América. Esse sentimento de solidariedade, que lhes vinha da pátria distante, serviu para fortalecê-los e, pois, prepará-los para a grande bênção que lhes veio a 11 de setembro, quando lhes surgiu o primogênito, que foi a primeira criança nascida de pais estrangeiros, em Rangun.

Sem o conforto da ciência, teve a jovem mãe a amparála apenas o carinho e a dedicação do esposo, que lhe serviu de médico e de enfermeiro, ao mesmo tempo.

Contudo, duas semanas após o advento da nova criaturinha, escrevia a mãe ditosa à familia, nos seguintes termos: *"Sinto-me muito melhor de saúde agora. Dir-se-ia que inicio uma nova fase de existência, cheia de esperanças e de promessas. Tem sido muito insignificante ainda o êxito do nosso trabalho entre os birmanianos, mas a nossa confiança em Deus permanece firme."*

E mais adiante, depois de manifestar o desejo de que sua mãe contemplasse o netinho, tão vivo e esperto, dizia: *"Esperamos que sua vida seja poupada e seu coração santificado para que possa ser um missionário entre os birmanianos."*

Recebeu a criancinha o nome de Rogério Williams, pois assim se chamara um corajoso missionário da Nova Inglaterra.

Com o pequeno Rogério, nova fonte de radiantes alegrias surgiu naquele lar abençoado de Deus. Desde tenra idade parecia o pequenito retribuir o amôr imenso que lhe votavam os pais. Assim é que permanecia horas seguidas deitadinho num tapete colocado próximo à secretaria do Sr. Judson, desde que daí pudesse contemplar a fisionomia paterna.

Quando no berço, seus lindos olhos azuis acompanhavam o pai ou a mãe, quando por alí passavam, e enchiam-se de lágrimas se um deles seguisse sem esguê-lo dos lençois para a carícia desejada. E os venturosos pais, mal terminavam a lida diária, corriam pressurosos ao filhinho, para levá-lo ao jardim, afim de respirar o ar puro e fazer algum exercício. Junto do pequenino ser estremecido, não podia o jovem par sentir o isolamento que o cercava, nem tristeza pelas atribulações da vida.

Passaram-se assim alegremente os dias de inverno, mas ao vir a primavera, chegou tambem a inquietação ao coração de Ana Judson. E' que à noite ela sentia o calor de febre no corpinho amado, embora ele se apresentasse bem disposto e forte durante o dia. Julgaram a princípio que o mal desapareceria com a dentição. Certo dia, porém, ao retirá-lo a mãe do berço, forte acesso de tosse sacudiu-o por quasi meia hora e, depois, uma febre alta prostrou-o por todo o dia. Por falta de médicos, foi chamado um sacerdote português, que entendia um pouco de medicina. Seus remédios, porém, não produziram melhora alguma no pequenino enfermo. Este, atacado da garganta, respirava ruidosamente, e seus pais, angustiados, não o deixavam um só instante. Na quarta noite de moléstia, porém, às duas horas da madruga-

da, a pobre mãe exausta de forças, deixou o esposo junto ao berço e foi descançar um pouco. Adoniram Judson deu ao seu filhinho um pouquinho de leite, que ele bebeu com gosto, adormecendo em seguida. Durou meia hora o seu sono socegado para depois, calmamente, sem um estremecimento, adormecer tambem seu coraçãozinho, passando o pequenino e amado Rogério para a sua pátria celestial.

Na tarde daquele mesmo dia, uma procissão de uns quarenta ou cincoenta birmanianos e portugueses acompanhou os pais desolados ao pequeno sepulcro que fora aberto na chácara cheia de mangueiras. Estavam tristes e chorosos todos os que conhecim o "*menino branco*", como o designava a vice-rainha. Poucos dias depois recebiam os pais enlutados os pêsames que lhes trazia sua alteza, com toda a pompa de sua alta posição, pois era seguida de uma comitiva de duzentos oficiais e muitas outras pessoas. Ao cumprimentar a mãe angustiada, perguntou-lhe a nobre dama: "Por que não me mandou avisar, para que pudesse vir ao enterro?" Ao *que* respondeu a sra. Judson que de nada se lembrara naquela hora de dor e aflição.

5. A vice-rainha e Ana Judson

Procurou então a bondosa vice-rainha consolar a sua triste amiga e, voltando-se para o Sr. Judson, advertiu-o da necessidade de cuidar que a tristeza não viesse prejudicar a saúde de sua esposa, saúde já de si alterada. Não se esquecendo de seus deveres de dona de casa, ofereceu Ana, à sua hóspede chá, doces e bolos, que lhe pareceram agradar. Entretanto, como desejaria ela servir à vice-rainha, atendendo às suas necessidades espirituais, de sorte que a fizesse aceitar o maior de todos os dons — a salvação que vem de Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo!

Pouco depois dessa visita, num belo dia de primavera, veio da vice-rainha um gentil convite à família americana: desejava sua alteza que a acompanhassem os missionários

num passeio ao campo, que lhes faria bem à saúde e "*refrescaria suas mentes*", segundo rezava o convite.

Prontamente acederam à amavel lembrança da nobre dama e em pouco chegava à casa da missão um alto elefante preparado para servir-lhes de meio de transporte. Formou-se então uma longa e imponente procissão, que seguiu o caminho da floresta. Trinta homens de bonés vermelhos à cabeça e armados de lanças e espingardas, abriam o préstito. Logo após vinha um elefante monstro, ricamente ajaezado, sobre o qual se destacava a figura graciosa e esbelta da vice-rainha, toda vestida de seda branca e vermelha. Em seguida vinham os dois americanos, acompanhados por três ou quatro elefantes, que conduziam o filho da vice-rainha e oficiais do govêrno. Finalmente, fechando o cortejo, seguiam duzentas ou trezentas pessoas, homens e mulheres, todos membros da casa do governo.

Atravessaram a floresta os elefantes, com seu passo grave e macio, quebrando a vegetação que lhes impedisse a passagem, até que alcançaram um belo e encantador jardim. Aí, em meio a uma exuberante profusão de plantas tropicais, estenderam-se os tapetes sobre o solo, para a vice-rainha e seus convidados. Sua alteza procurava em tudo entreter e distrair os missionários americanos. Colhia frutas e descascava-as, apanhava flores com as quais fazia ramos para oferecê-los aos seus amigos estrangeiros. Sua toalha foi estendida próximo à deles e as iguarias distribuidas em abundância.

À tarde, na volta do passeio, parou o alto elefante em frente à casa da missão, para que se apeassem seus passageiros. Não havia mais, desde a morte do pequeno Rogério, aquela alegria com que antes penetravam no lar. Entretanto, num florido recanto do jardim, um pedacinho de terra prendia agora, mais que nunca, seus corações ao país adotivo: era a sepultura do filho querido, sob a fronde das mangueiras, onde a pobre mãe ia derramar lágrima de saudade e de dor.

6. Fé que não enfraquece ante os infortúnios

Contudo, a sua fé era a mesma sempre, e firme a sua confiança em Deus. Assim é que, em meio ao sofrimento atroz da perda do filho, escrevia ela a uma amiga, na terra natal: "*Deus é o mesmo sempre, quer nos experimente nas aflições, quer derrame sobre nós misericórdia; merece agora a mesma fé e confiança que nos animava quando nos entregou a nossa preciosa joia pequenina*".

Durante todo este tempo, Emília, a holandesazinha, mais se achegava ao coração de seus pais adotivos, na sua solitária existência em Rangun.

II. O DILEMA DE ANA

1. Primeiro natal e separação ligeira

Eis que surge o dia de natal, o primeiro que passam os Judsons numa terra onde é ignorado o nome de Cristo e pois, desconhecidas são as verdades da história e as lendas encantadoras que cercam o nascimento do Homem Deus. Será possível, então, que o bendito nome do Deus humanado esteje apenas no coração dos filhos do ocidente? Entretanto, como descobrir sinais da presença de Jesus Cristo naquela cidade birmaniana, quando os sinos ressoam para chamarem os homens à adoração de um ídolo feito de barro? De fato, no dourado e esplêndido Pagode não pode haver lugar para o culto divino do Filho de Deus, nascido na humilde mangedoura de Belém.

Aquele natal de 1817 transcorreu, na casa da missão, em meio aos preparativos de próxima jornada. Mais uma vez separava-se o casal, por ter ele que empreender viagem. Antes do por do sol, partiria o Sr. Judson, seguindo pelo rio Irauadi até o mar, e daí para o norte, pela costa, até Chitagonga, porto de Arracan. Pertencia este porto aos domínios da Companhia Leste Índia, circunstância esta que deveria

sobressaltar Adoniram Judson, pela ameaça que lhe trazia de afastá-lo de Rangun, no momento mesmo em que ia encetar o trabalho publicamente.

Entretanto, fazia-se mistér partir. E' que, após quatro anos de preparo, sentia que era chegada a hora de proclamarem publicamente o Evangelho, que até então anunciavam apenas pelo testemunho de suas vidas consagradas ao Senhor ou em palestras, e só recentemente pela circulação de dois folhetos e do livro de Mateus, impressos em língua birmaniana. Agora, porém, já se achava o Sr. Judson familiarizado com essa língua tão complicada e, pois, capaz de enfrentar um auditório de birmanianos. Todavia considerou que, se pudesse ter junto a si um crente natural do país, que declarasse aos seus patrícios, na sua própria língua, a beleza da religião cristã, o efeito seria cem vezes mais poderoso. Mas não existia em Rangun um só birmaniano discípulo do Senhor, embora não fosse pequeno o número dos interessados. Entretanto, em Chitagonga devia haver diversos convertidos, frutos da missão inglesa que em tempos lá existira. Era, pois, provável que o Sr. Judson conseguisse trazer consigo um desses crentes, para ajudá-lo na pregação pública.

Assim, quando soube que no dia 25 de dezembro partiria um navio de Rangun para Chitagonga, de onde voltaria dentro de poucas semanas, sentiu bem que se lhe apresentava uma oportunidade que não deveria perder. Além disso, essa viagem por mar, de dez dias de ida e outros tantos de volta, talvez concorresse para renovar-lhe as forças, já de si abatidas pelo excesso de trabalho.

Por dois anos sofrera ele uma dor aguda nos olhos e na cabeça, dor esta proveniente do estudo constante dos complicados caracteres da escrita birmaniana. E por tal forma se acentuou o seu sofrimento que, durante quatro meses, não lhe foi possível ler uma só página dum livro birmaniano. Todavia, não perdia tempo, pois nessa ocasião, aproveitando-se dos conhecimentos adquiridos, compilou uma gramática da língua birmaniana, gramática esta que vinte anos

mais tarde era considerada como uma obra prima, na sua brevidade, pelos melhores conhecedores da língua. Enquanto doente, pensou em partir, mas uma notícia inesperada, vinda de Calcutá, veio adiar a projetada viagem. Tinham chegado da América um novo missionário e sua esposa, e seguiram para Rangun no primeiro navio. E, tendo melhorado dos seus padecimentos, resolveu o Sr. Judson ficar, com sua esposa, para receber os novos recrutas.

2. Chega mais um casal de missionários

Foi assim que, em outubro de 1816, recebiam Adoniram e Ana Judson, os primeiros americanos que visitaram seu lar. E, desse modo, o isolamento em que viviam foi substituido pela agradável companhia de amigos que lhes traziam notícias da pátria distante e dos parentes e amigos que lá viviam. Além disso o senhor Hough, o novo missionário, trouxe para Adoniram Judson um magnífico presente, enviado pelos missionários de Serampore, uma máquina de imprimir, a primeira que aparecia no império birmaniano. E trabalhando juntos, o senhor Judson, com o conhecimento que tinha da língua, e o Sr. Hough, com a prática de tipografia, puderam imprimir às centenas, e até aos milhares, livros e folhetos cristãos, na língua birmaniana. E naquele natal, ao partir o sr. Judson para Chitagonga, de onde voltaria dentro de três meses, deixava entre amigos a sua nobre companheira, bem como a pequena Emília.

3. Novo ano e novas tarefas

Mas começava o ano novo e com ele novas tarefas. Aos domingos reuniam-se na casa da missão umas vinte a trinta birmanianas que iam ouvir de Ana a história maravilhosa de um Deus vivo que amava verdadeiramente os homens. E, interessadas, formulavam indagações que bem mostravam o desejo que tinham de adorar o verdadeiro Deus e abandonar o templo pagão. Mas a compreensão das mesmas era ainda

muito limitada e muito fraca a convicção para que tal coisa permitisse.

Da parte do governo recebiam os americanos demonstrações contínuas de benevolência e agrado. De quando em quando vinham buscá-los, em elefante, para um passeio com a família do vice-rei. A vice-rainha mostrava verdadeira afeição à Ana, com quem muitas vezes mantinha palestra sobre religião. Assim é que de suas mãos recebeu um exemplar do Evangelho de Mateus, bem como um catecismo impresso, que ela mandou fosse ensinado a uma de suas filhas. Entretanto, uma demonstração positiva e clara de aceitação da nova crença não aparecia, apesar da ansiedade com que Ana Judson a esperava.

4. Visita imprevista e inesquecível

Em fins de janeiro uma visita mprevista trouxe alegria a todos da casa da missão. Havia já decorrido um ano desde que, estando o sr. Judson na varanda, com o seu professor da língua do país, entrara um homem respeitável, acompanhado de seu criado, e que procurava falar-lhe.

Recebido gentilmente pelo dono da casa, esse homem formulou a seguinte pergunta: "De quanto tempo precisarei para aprender a religião de Jesus?" Adoniram Judson indagou então onde tinha ele ouvido falar em Jesus, e soube que fora em dois pequenos livros que lhe chegaram às mãos. E, ao ser-lhe trazido um folheto e depois o catecismo, reconheceu-os imediatamente o indivíduo, que, folheando-os, dizia para o criado: "*Este é o verdadeiro Deus, este é o caminho certo*". E pedia ansioso ao servo de Deus que lhe fornecesse mais impressos que tratassem do mesmo assunto. Ao ter a resposta de que só dentro de dois ou três meses é que estaria pronto um livro maior, insistiu por que lhe cedesse então a parte do livro já impressa. Foi assim que ele recebeu, das mãos do sr. Judson, os primeiros cinco capítulos de Mateus, depois do que ele se retiron satisfeito.

Passou-se quasi um ano sem que ele voltasse, embora

soubesse o Sr. Judson que ele estava lendo os livros e que os mostrava aos amigos e conhecidos. Fora nomeado governador de um grupo de aldeias em outro distrito e nesta função não lhe era fácil vir constantemente a Rangun. Desde, porém, que o pôde fazer, aproveitou o ensejo para visitar a casa da missão. Perguntou-lhe então Ana se já se tornara discípulo de Jesus Cristo. "Ainda não", foi a sua resposta, "mas estou lendo e meditando para que possa vir a ser seu discípulo. Não consegui ainda transformar-me bastante. Peço-lhe que diga ao grande mestre que quero vê-lo, quando voltar, embora eu não seja ainda discípulo de Jesus Cristo." E pediu os outros capítulos do Evangelho de Mateus, que lhe foram dados, com uma porção de catecismos e folhetos, depois do que se retirou com as pessoas que o acompanhavam.

5. Apreensões e petição.

Assim, iam aparecendo sinais animadores que alentavam as esperanças dos trabalhadores do bem, e que enchiam de nova coragem o coração de Ana, tanto mais que se aproximava o desejado dia da volta do marido. Três meses já eram decorridos, desde que ele partira e Ana perscrutava o horizonte, ansiosa por descobrir um mastro de navio que surgisse. Certo dia de março entrou no porto a desejada embarcação, vinda de Chitagonga, após doze dias de viagem. Não era, porém, o navio em que partira o esposo, e trazia notícias alarmantes. Em Chitagonga não sabiam do Sr. Judson nem do navio que o levara. Esta notícia foi confirmada pelos recados que Ana recebeu de amigos seus em Bengala. Era, pois, certo que a embarcação em que fora seu marido não chegara ao seu destino. Entretanto, podia ser que, tendo mudado de rumo, o navio estivesse em algum porto desconhecido e o esposo são e salvo. Mas havia tambem a probabilidade, que se afigurava quasi certeza, de que se perdera o navio com todos de bordo. Oh! era preciso conhecer a verdade, fosse qual fosse!

Foi no meio desta angustiosa incerteza que surgiram novas dificuldades. Certa tarde recebeu o Sr. Hough, vinda da casa do governo, uma ordem de lá comparecer afim de dar "conta de si". Este fato pôs em sobressalto todas as pessoas da casa da missão, acostumadas até então a só receberem delicadezas e atenções da parte do governo. Apressou-se o missionário em obedecer à intimação, seguido à distancia por professores, criados e amigos da missão. Como fosse tarde já, exigiram-lhe que prestasse fiança e que voltasse no dia imediato, sendo, intempestivamente, avisado: "Se não nos contar toda a verdade relativa à sua posição no país, nós a escreveremos com o sangue de seu coração".

Em tão difícil conjuntura, natural seria que Ana apelasse para a boa vontade da vice-rainha. Entretanto, esta e seu amável esposo tinham sido transferidos, havia pouco, de Rangun para Ava. E o vice-rei sucessor quasi não conhecia os Judsons; além disso ele estava sem a família, pois esta não chegara ainda à cidade. Ora, os costumes birmanianos condenavam o comparecimento de uma mulher à corte, na ausência da vice-rainha. Tornava-se, pois, difícil, se não impossível, a intervenção inteligente e hábil de Ana. E o sr. Hough não sabia exprimir-se na língua do país, para poder apelar ele próprio ao vice-rei; assim, nada mais lhe restava senão voltar no dia seguinte para entregar-se ao que lhe tivesse reservado o destino incerto.

Ficou detido por espaço de dois longos dias, submetendo-se a um humilde e absurdo interrogatório, no qual procuravam conhecer todos os pormenores da sua vida, sendo todas as suas respostas tomadas por escrito. E na manhã do dia seguinte, que era domingo, veio nova ordem para que se apresentasse, afim de que o inquérito prosseguisse. Não se conteve então Ana; era preciso descobrir a quem cabia a responsabilidade dessa insólita perseguição: se ao vice-rei ou se aos seus subordinados, com o intuito talvez de extorquir dinheiro dos americanos. Foi assim que ela pediu ao seu professor de birmaniano que redigisse uma petição ao vice-

rei, na qual lhe rogava que cessassem esses agravos, entre os quais ela salientava o da intimação de comparecer um cristão à corte, no seu dia sagrado.

Munida de tal petição, e infringindo embora o costume birmaniano, resolveu-se afinal Ana a ir, ela própria à casa do governo, com o fim de interceder pelo missionário. Acompanhada por este, entrou no salão das audiências e, felizmente, foi logo vista e reconhecida pelo vice-rei, que se achava rodeado de oficiais da administração, com os quais confabulava. Foi imediatamente atendida e depôs nas mãos do secretário a petição que levava, após cuja leitura o vice-rei, indignado, interpelou o próprio oficial que mais tinha molestado o sr. Hough: "Por que tanto se detiveram no exame deste mestre estrangeiro?" E redigiu uma ordem por escrito na qual proibia que o americano fosse incomodado no seu dia sagrado, bem como que o molestassem sob qualquer pretexto. Desse geito as intrigas e os ardís daqueles oficiais inferiores foram vencidos pela energia de uma mulher.

6. Alastra-se o colera em Rangun

Os perigos e a adversidade são em geral novos estímulos à luta e ao labor para um espírito forte e corajoso como o de Ana; desta vez, porém, eles apareceram capazes de abater aos de ânimo mais forte. Pela primeira vez na história de Rangun, alastrou-se pela cidade uma terrível epidemia de cólera, cujo surto maléfico foi facilitado pelo calor intenso daquele ano e pela seca que se fez sentir. Sómente a chegada das chuvas é que poderia suster o progresso fatal da epidemia. E desde o alvorecer do dia até o cair da noite, ouvia-se o som lúgubre do tambor que anunciava mais uma morte, e que assim lembrava a Ana e às suas companheiras o perigo iminente em que estavam, mas tambem lhes fazia sentir a proteção do seu Pai Celeste. De fato, durante todo o longo período da epidemia, não foi alcançada pelo mal uma só pessoa da casa da missão, embora estivessem rodeadas de doentes por todos os lados. Além dos lamentos das vítimas, havia,

todas as noites, um barulho ensurdecedor, que era necessário, segundo criam, para afugentar os máus espíritos que eles acreditavam ser a causa de todos os males. Um tiro de canhão da casa do governo era o sinal para que cada birmaniano começasse, em casa, a bater com um cacete ou qualquer outra coisa que fizesse barulho. Era medonha a algazarra e só mesmo um espírito de todo surdo ou muito teimoso é que se recusaria a sair; entretanto, a moléstia continuava a grassar com a mesma impetuosidade. Embora no meio de tanta desolação e tanta dor, não podia Ana abafar os lamentos de seu coração, que ansiava pela volta do marido. Onde estaria ele e quando regressaria? E ela sofria pela incerteza, temendo pela sorte do esposo estremecido.

Piorava, no entanto, a situação, pois, além do deplorável estado sanitário da cidade, corriam boatos de guerra. Dizia-se mesmo que a Inglaterra estava prestes a bombardear a cidade. Seria talvez esta a razão da falta de navios provenientes de portos ingleses? Seria tambem por isso mesmo que, um a um, tinham abandonado Rangun todos os navios antes aí ancorados, só restando um, que devia em breve partir? E ficariam assim os missionários isolados naquela cidade, tendo a rodeá-los todas as especies de terrores em perspectiva?

O Sr. Hough era de parecer que deveriam abandonar Rangun antes que isso se lhes tornasse impossível. Entretanto, Ana repelia a idéia de afastar-se do único lugar em que poderia ser procurada pelo marido. Desejava ficar em Rangun, apesar da guerra, da epidemia e do abandono, pois sentia que era seu dever permancer no seu posto. Mas, como poderia regressar ao lar o Sr. Judson, se se fechassem os portos aos navios ingleses? Como, porém, encontrá-lo em Bengala ou no vasto país da Índia? Era embaraçosa a sua situação, e ela não sabia como decidir-se, vendo perigos e incertezas por todos os lados.

Finalmente decidiu-se a partir, embora isso lhe trouxesse uma grande mágua ao coração. Contudo, acalentava a espe-

rança de encontrar o esposo em Bengala e, com este pensamento, chegou mesmo a propor ao professor de birmaniano que fosse tambem, para lá continuarem (ela e o marido) o estudo da língua. Mas o professor não aceitou a proposta, temendo que se declarasse guerra entre a Inglaterra e a Birmania.

7. Deus dirige e guarda em tempos calamitosos

No dia 5 de julho Ana, a menina Emília, o Snr, e a Sra. Hough deixaram a casa da missão e embarcaram no último navio que restava no porto. Intimamente, porém, não se conformava Ana com a partida, e à medida que o navio seguia, rio abaixo, para ganhar o mar, mais lhe pesava o ter deixado Rangun. Sentia que era vítima das circunstâncias da vida, todas elas contrárias aos seus desejos. Entretanto, ela, que sempre encontrara em si mesma energia bastante para suportar todos os reveses, sentia-se agora fraca para ir de encontro aos pressentimentos que a agitavam e que a atraiam a Rangun, numa persistência irressistível, tal qual sucedera outrora ao Divino Mestre, quando decidiu voltar para Jerusalém, onde o esperava o martírio da crucificação.

Mas o navio alcançava já o mar quando, mudando repentinamente de rumo, regressou novamente ao porto da saída. E' que tinham verificado que não estava a embarcação em condições de prosseguir viagem. Em tudo isso, porém, Ana só viu uma coisa, que lhe fez pulsar forte o coração: o ensejo que se lhe oferecia de desembarcar em Rangun. Tomada a resolução de deixar o navio, comunicou-a ao comandante e este lhe pôs à disposição um bote, que a deixou em terra em companhia da menina Emília; a bagagem seria desembarcada no dia imediato. Era já ao escurecer quando Ana Judson e Emília entraram na cidade, em busca da residência de um inglês, único europeu que ainda permanecia em Rangun e em cuja casa pernoitaram. Pela manhã dirigiam-se para a casa da missão, com o que surpreenderam e alegraram ao mesmo tempo aos birmanianos. Tendo Emília como única

companheira, entre povo estranho e numa cidade assolada pela desgraça, escrevia, contudo, Ana Judson no seu *diário*, a 14 de julho: "Sei que estou rodeada de perigos por todos os lados e que devo esperar sofrimentos e aflições, mas sinto-me tranquila e disposta a continuar calmamente os meus estudos, e deixar o futuro entregue ao Senhor".

Dois dias após a sua volta a Rangun, entrou no porto o navio em que, havia seis meses, partira Adoniram Judson, e que era julgado perdido. Ana apressou-se em procurar o comandante, ansiosa por obter notícias do marido. Soube então que o navio não conseguira chegar ao porto a que se destinava, isto é, a Chitagonga, pois durante três meses esteve à mercê das ondas, jogado daquí para alí, sem conseguir tocar em terra firme. Finalmente puderam aportar em Masulipatam, ao norte de Madras, na costa da Índia. Aí desembarcou o sr. Judson com o intuito de procurar o melhor meio de voltar para Rangun, ao encontro de sua família. Essa notícia trouxe ao coração da esposa aflita uma grande esperança e o mais firme propósito de não abandonar Rangun. Quatro meses tinham passado sem que chegasse navio algum proveniente da Índia, mas a vinda deste indicava agora que a guerra não era tão iminente quanto se supunha.

Poucos dias depois desembarcaram o sr. Hough e a esposa, pois o navio em que haviam tomado passagem ainda se demoraria no porto por algumas semanas. Com a chegada desses amigos, Ana orou para que viesse o marido antes que eles partissem novamente, para que ela não "ficasse sem amigo e sem protetor neste país terrível". Ela continuava a estudar diligentemente e assim escreveu no seu diário: "Acho que é esse o melhor meio de evitar o desânimo; além disso, a minha consciência obriga-me a trabalhar para não dar lugar a temores do futuro, pois a estes pensamentos não deve ceder um crente em Jesus Cristo".

E uma semana se passou na sucessão dos dias, cada um dos quais surgia com uma nova esperança para findar com o desapontamento e a mágua daquela alma dolorida de espo-

sa cansada e aflita. Entrara já o mês de agosto, quando o dia chegou em que um navio inglês, sereno e majestoso, entrou no porto. Nele vinha o sr. Judson. E' facil de imaginar-se a emoção que experimentou Ana ao rever o seu nobre companheiro, após sete longos meses de separação, dos quais cinco tinham sido só de angústia e incertezas.

Na sala da casa da missão, defrontando-se, marido e mulher, narraram, um ao outro, as duras provas por que haviam passado. No que ela lhe dizia facilmente advinhava ele a coragem, o ânimo forte e o espírito de iniciativa que haviam salvado a missão da ruina. Nas palavras dele, as quais narravam a febre, a fome e a sede que experimentara e as esperanças que vira desfazerem-se, no que ele lhe contava, compreendia ela a firmeza da fé sublime que salvara o marido do desespero e da morte. E agora, novamente unidos, pensaram no futuro, para repetirem a mesma oração dos primeiros tempos de Rangun: "Senhor, permite que possamos viver e morrer entre os birmanianos, ainda que com o nosso trabalho não consigamos mais que abrir caminho para outros trabalhadores".

III. O ORIENTE CHAMA

1. Ana volta à América

Corria o ano de 1822. Partindo de Calcutá com destino a Liverpul, seguia vagarosamente um navio de vela inglês pela antiga rota que o obrigava a dobrar o cabo da Boa Esperança. A bordo vinham vários passageiros europeus, que regressavam à pátria após longa permanência no Oriente. Era um dos camarotes ocupado por uma bondosa e meiga senhora e por três crianças que não lhe pertenciam. O seu olhar denotava fadiga e tristeza, mas ainda assim nele se descobria claramente uma energia extraordinária; tinha na tez a cor própria dos que por longo tempo residem nos trópicos.

Pelas suas maneiras finas e aparência delicada e atraente soube ela logo impor-se ao respeito, quiçá à reverência dos seus companheiros de viagem. Enquanto esteve de cama, não pelo enjôo, mas por uma moléstia antiga, foi alvo do interesse de duas jovens distintas, que vinham saber de seu estado e, junto à sua cabeceira, liam em voz alta para distraí-la. Não raras vezes ela lhes pedia que lessem algumas passagens da Bíblia e, nessas ocasiões, falava-lhes no ideal de uma vida de abnegação e sacrifício em prol da salvação de almas. As duas moças impressionaram-se vivamente pelo entusiasmo e pela sinceridade dessa estrangeira missionária, que fora uma das primeiras que deixaram a América pelo Oiente e que vinha agora visitar a família, após uma ausência de dez anos de trabalhos e sacrifícios.

A estrangeira era Ana Hasseltine Judson, que deixara o marido na Birmânia, em Rangun, e que viajava para a América, em direção à casa paterna. Em meio à alegria com que pensava em rever seus pais, seus irmãos e todos os lugares familiares à sua infância, sentia Ana uma funda tristeza apertar-lhe o coração. Léguas e léguas atrás, em Rangun, ficara o lar que constituira com o casamento, o lar que tantas tristezas lhe custara, mas onde morava o seu coração no afeto do esposo fiel e dedicado e no interesse do povo a que tinha votado a sua existência. E de tal sorte se tinha apegado ao desejo de servir à Birmânia pagã, que mudar de propósito agora seria o mesmo que procurar desenraizar do solo uma grande árvore. — "Rangun tornou-se, para nós, o lugar mais caro do mundo, porque alí sentimos os sinais evidentes do poder e da misericórdia de Deus; porque nesses dez anos alí passados temos vivido uma vida de sacrifícios, mas de consagração ao Senhor, que nos tem protegido sempre com a sua bênção. Não foi, pois, pequeno o motivo que me obrigou a partir". Estas palavras foram escritas por Ana a uma amiga, quando embarcava para a América.

2. Volta ao Oeste com o Oriente no coração

De fato, não tinha sido pequeno o motivo que a forçara

a separar-se por tanto tempo do esposo e também do trabalho amado. Atacada por pertinaz e rebelde moléstia, que resistia a todo tratamento, ela emagrecia visivelmente e enfraquecia-se cada vez mais. Foi então que Adoniram Judson compreendeu a necessidade de enviá-la para um clima mais frio, afim de conservar-lhe a vida. Era preciso uma coragem espartana para tal decisão, "mas", como disse Ana, "assim procedendo cumpriríamos o nosso dever para com Deus, com a Junta de Missões e tambem para com os birmanianos, que pereciam no pecado e para os quais queríamos a todo transe, viver".

Chegando a Calcutá, em setembro de 1821, não pode Ana embarcar nos navios que seguiam para a América, por estarem eles já de lotação completa. Não houve, pois, remédio senão tomar passagem para a Inglaterra, e isso mesmo porque um comandante bondoso disse que podia aceitá-la como passageira, por módico preço, se ocupasse um camarote com três crianças que seguiam para a Inglaterra. Quando o pai soube da proposta do comandante, ofereceu pagar todo o camarote para que seus filhos tivessem a companhia da sra. Judson.

E' dum escritor inglês a seguinte asserção: "Se já ouviste a voz do Oriente que chama, nunca mais ouvireis outra coisa". E assim acontecia com Ana: quanto mais avançava para o lado do Oeste, mais se sentia apegada à cidade oriental que ficava atrás. Diante de seus olhos estendia-se a vastidão do oceano, mas na sua imaginação desenhava-se nítida uma modesta e interessante casa de bambú e sapê, situada numa das estradas que iam ter ao Pagode de Rangun. Era a pequena igreja edificada à beira do caminho pelo sr. Judson, logo após a volta de sua infeliz viagem a Chitagonga, e tinha sido alí, na *zaiat*, como a chamavam os birmanianos, o cenário das suas mais preciosas experiências.

3. Moung Nau, o primeiro convertido na Birmânia

Na *zait* Moung Nau confessou publicamente sua fé em

Jesus Cristo, cheio da alegria que lhe causava a situação de ser ele o primeiro birmaniano que se convertia ao cristianismo, embora soubesse que com isso procurava perseguição e talvez a morte. Nesse mesmo domingo, após o batismo de Moung Nau, celebrou Adoniram Judson a Ceia do Senhor em duas línguas, inglês e birmaniano, satisfazendo assim ao desejo que por seis longos anos acalentara o seu coração. Na varanda da frente vinha todos os dias sentar-se o erudito mestre Moung Shwa-gnong e aí permaneciam por longo tempo indagando e aprendendo, ou apresentando as dúvidas que lhe surgiam na mente perturbada e ansiosa, mas não convencida ainda, para depois de muitos meses resolver-se afinal a aceitar a Jesus Cristo como seu salvador; pediu o batismo, mesmo à custa do opróbrio e da perseguição que sobre ele certamente cairiam. E recordava-se Ana das reuniões das quartas-feiras, quando dirigia ela uma classe de estudos bíblicos; e vinha-lhe à lembrança a sua amiga Mah-Men-la, a primeira mulher birmaniana que se declarou cristã e que pôs ao serviço do cristianismo toda a sua influência e capacidade, abrindo uma escola para que as crianças não tivessem necessidade de procurar os sacerdotes budistas para se instruirem.

Transportando-se em pensamento às plagas orientais cada vez mais distantes, via a sua querida irmã Mah Miat-lah, sempre tão fiel, e Moung Thah-lah, e Moung Byaa, e todos os outros membros daquele grupo de *doze discípulos, que a tanto montava o número dos convertidos que ela deixava na Birmânia*. Doze tinham sido os primeiros discípulos de Jesus, mas em pouco tempo multiplicavam-se e espalhavam-se por todo o mundo; por que, pois, desanimar quando sentiam a proteção do Senhor?

Ana não podia esquecer-se da fidelidade e constancia dos três primeiros convertidos, que tanto haviam instado para que seu marido permanecesse em Rangun quando ele, cheio de desânimo e tristeza, parecia decidido a abandonar a missão e mudar-se para Chitagonga. — "Fique conosco,

pediam eles, pelo menos até que tenhamos uma igreja de dez membros, e, então, poderá deixar-nos, porque esta religião há de espalhar-se por si mesma; o imperador não terá mais força para impedir o seu desenvolvimento".

4. Recordação da viagem do marido a Ava

Fora a viagem a Ava que plantara o desânimo no espírito enérgico do sr. Judson. Ana sentia fraquejar o seu coração ao lembrar-se das tristezas e decepções por que passara o marido naquela ocasião. O sr. Judson e o seu novo colega missionário viajaram num bote, percorrendo as trezentas e cincoenta milhas que distanciavam Rangun da corte real de Ava, para apresentar ao imperador uma petição em favor da liberdade religiosa da Birmânia. Com a preocupação de agradar à sua majestade, levavam-lhe presente precioso — uma Bíblia impressa em seis volumes de capa folheada a ouro e colocada em belo envólucro ricamente bordado.

A cena que se desenrolara então desenhava-se nítida na imaginação de Ana; via o esplendor do palácio real e a figura altiva e desdenhosa do jovem monarca, metido nas suas aparatosas vestes orientais, com a espada em bainha de ouro e o olhar petulante de quem tudo pode. Diante dele, humildes e simples, apresentaram-se, ajoelhados, os mestres americanos, srs. Coleman e Judson, para pedir-lhe, como uma grande graça a liberdade de pregar o evangelho de Jesus Cristo ao povo da Birmânia!

Fora comovente a cena em que pela primeira vez, após a época do império de Roma pagã, se defrontavam discípulos de Jesus Cristo, resolutos e calmos, e a petulante arrogância de um imperador pagão. Escutou-os sua majestade e, tomando a petição escrita que levavam, leu-a, devolvendo-a em seguida. Esperavam ansiosos os dois missionários, quando o orgulhoso monarca tomou do primeiro volume da Bíblia que lhe ofereciam e, lendo os dois primeiros versículos que dizem de um Deus eterno, atirou o precioso livro ao chão, como uma inutilidade que em nada lhe interessava. Duas

frases sarcásticas, pronunciadas pelo ministro, acabaram de destruir as esperanças dos dois servos de Deus: — "Sua majestade não responde à vossa petição; quanto a vossos livros sagrados, não precisa deles, podeis levá-los".

E desiludidos deixaram o palácio em busca do doce refúgio do lar e do conforto dos poucos amigos fiéis.

A menina Emília também tinha deixado a Birmânia, pois viera com Ana até a Índia, onde ficara, para passar em Madras, sua terra natal, o tempo em que sua mãe adotiva estivesse ausente. E desenhava-se-lhe na imaginação a figura gentil daquela criança que, aos dez anos de idade, se sentava em frente a uma classe de mulheres e homens para ensinar-lhes as letras do alfabeto. E fora também ela que no verão anterior com treze anos apenas, se constituira em amparo da família, durante o ataque de febre que sofreram ao mesmo tempo, ela e o esposo. Para eles Emília representava uma dádiva da bondade de Deus, que lhes quisera fornecer a companhia agradável e útil da bondosa menina.

5. Chegada à Inglaterra

Ana foi despertada do seu cismar para a realidade da vida, felizmente agora cheia de prazer inesperado. Foi assim que, mal desembarcou na Inglaterra, recebeu um membro do parlamento e cavalheiro cristão, um insistente convite para que se hospedasse em sua casa. Aí encontrou ela muitas pessoas distintas, entre as quais, o capelão do rei. Certa vez o membro do parlamento, referindo-se a permanência de Ana em sua casa, disse que ela fazia lembrar a recomendação do apóstolo: "*Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos*" (Heb. 13:2).

Algumas pessoas amigas, da Escóssia, sabendo da sua chegada à Inglaterra, insistiram por que os visitasse, para o que pagariam eles as despesas. Desse modo passou ela algumas semanas naquela pequena, mas maravilhosa terra, causando admiração a quantos ouviam a sua história, em que se

patenteava, a cada passo, a fortaleza de ânimo e a firmeza na fé em Jesus Cristo. Enquanto ela aí permanecia, recebeu uma carta da Junta Missionária Batista da América, pedindo que seguisse imediatamente para os Estados Unidos pelo paquete *Nova York*. Apressou-se em atender ao pedido, para o que teria que seguir viagem até Liverpool, onde embarcaria naquele navio. Eis, porém, que algumas bondosas senhoras a convenceram de que devia ir em melhor navio e, para isso pagaram elas a diferença da despesa. Foi assim que, a 16 de agosto, escreveu Ana no seu *diário*, a bordo do "Amiti": *"Se o Senhor permitir que eu viva até o fim desta viagem, a primeira terra que pisarei será a de minha pátria, a de minha querida América. Custa-me crer que novamente verei minha casa paterna, que estarei em Bradford, em meio a cenários tão conhecidos e que evocarão, na minha memória, as fases todas da minha infância. Só uma coisa me entristece, parecendo estender um manto de sombra sobre todas as alegrias de minha alma: a ausência de meu marido, a idéia de que ele não está junto a mim para compartilhar das minhas emoções e dos meus sentimentos de júbilo"*.

A opulenta vegetação das colinas cobria-se do vivo colorido que nelas aparece sempre no mês de outubro, em Nova Inglaterra, quando, pela velha Estrada de Boston, em Badford, chegou Ana à casa de seus pais.

6. Enfim, na terra natal!

De toda a extensa viagem que fizera nada lhe parecera tão longo e demorado como longas e demoradas se lhe afiguram as últimas dez milhas pelas quais se arrastava a diligência. Desdobravam-se finalmente ante seus olhos húmidos de emoção as estradas que lhe eram familiares e que iam ter às vilas vizinhas ou às casas de pessoas conhecidas, uma aldeia num morro à distância e mais além, o querido Merrimac, precipitando-se rumoroso pelos rochedos até espraiar-se, já mais calmo, pelo vale. Mas eis que ante sua vista deslumbrada se desenhou o grupo de casas brancas que formavam a

sua vila natal; e ela pode ver a "Academia", de que se orgulhava todo o povo de Bradford, instalada ainda no mesmo humilde edifício em que, havia dezoito anos, tinham estudado Nanci Hasseltine e Harriet Atwood. E chegou a diligência à residência dos Hasseltines, onde ela recebeu, comovida, as boas vindas de seu pai, de sua mãe, de Rebecca, Maria e Abigail.

Que alegria! Dez anos de ausência e, às vezes, mais de um ano sem notícias! Ana chegara mesmo a passar dois anos e meio sem receber carta dos seus. Não era, pois, de admirar que toda a família estivesse em álacre alvoroço, parecendo-lhe até que tivesse ressuscitado sua filha mais nova! A casa enchia-se de gente, desde pela manhã até a noite, a ela afluindo vizinhos, amigos e parentes, desejosos todos de dar as boas vindas àquela que tinha conhecido menina, e que viajara muito mais do que podia imaginar o pacato povo de Nova Inglaterra. Vinham vê-la e ouví-la na narração de suas aventuras tão extraordinárias, e das quais tirara ela a lição da experiência. Esta claramente lhes mostrava agora que as missões estrangeiras, consideradas, dez anos atrás, como idéias estranhas e românticas, se transformavam em realidade presente, pelas coisas que de seus lábios escutavam, relativas aos acontecimentos da Birmânia.

Foi um motivo de orgulho para Abigail Hasseltine, diretora da "Academia" de Bradford, ver sua irmã mais nova, e que sempre lhe fora a predileta, de pé diante dos estudantes, para falar-lhes do trabalho no Oriente, das dificuldades e privações que lá sofrera e da gloriosa perspectiva que antevia para o evangelismo na Birmânia. Ficaram todos encantados com a beleza e a graça da oradora, ao mesmo tempo que se sentiam tocados pelo seu grande entusiasmo.

Infelizmente não imaginava Ana como lhe sairia cara essa volta ao lar paterno, como lhe pesaria forte sobre o sistema nervoso o gozo imenso que então experimentava o seu coração afetivo. De fato, desde o momento em que pisou o solo pátrio, as alegrias e as emoções foram tantas que lhes

excitaram por demais os nervos, levando-os a um estado de desequilíbrio que abalou todo o seu organismo. Nas primeiras quatro noites não conseguiu dormir um só instante e durante seis longas semanas o seu sono não pode ser tranquilo. A esse estado de excitamento nervoso juntou-se a intensidade do frio, que já se fazia sentir, e tudo isso alterou-lhe de tal modo a saúde que chegou a inspirar cuidados.

Urgia uma providência que lhe viesse dar o socego e o descanso de que ela necessitava, em clima que fosse mais ameno.

Tinha o Sr. Judson um único irmão, Dr. Elnatan Judson, médico ilustre que ocupava bela posição oficial em uma grande localidade. Para aí quis o conceituado facultativo que fosse a cunhada, afim de tratar-se, visto não lhe ser possível, depois de ter-se acostumado a um clima tropical, aguentar agora os rigores do inverno gelado de Nova Inglaterra.

Era, pois, chegado o momento de mais uma decisão heróica, qual a de afastar-se novamente de seus pais e de suas irmãs, com os quais convivera apenas seis semanas, após dez anos de ausência e saudade. Tratava-se, porém, de sua saúde e, pois, era mistér partir. Foi o que ela fez, no fim de novembro, seguindo para Providência e aí embarcando para Nova York, onde passou uma noite memorável. Reuniu-se um grande número de pessoas para dar-lhe as boas vindas e orar pelo trabalho missionário na Birmânia. Foi para ela um animador consolo o verificar o interesse de todos pela longínqua missão. Entretanto, a própria exaltação de sentimentos entremesclados com a lembrança do lar distante, em Rangun, concorreram para fatigá-la ainda mais, a ponto de quasi não poder seguir viagem.

Durante os quatro meses seguintes lutou Ana para recuperar a saúde perdida. Por influência do cunhado teve ela a assistência dos mais eminentes médicos, e concordaram todos em que ficaria ela restabelecida até a primavera, mas que não teria resistido, se houvesse permanecido em Nova Inglaterra. Todavia, demandava o seu estado muitos cuidados,

em vista de ter a moléstia dominado profundamente o organismo. Por prescrição médica, foi ela proibida de receber visitas, bem como de tratar dos interesses da Birmânia. Entretanto, isolada no seu quarto não deixou de trabalhar pela missão que amava mais que a própria vida. Amigos seus da Inglaterra, tinham-lhe pedido que escrevesse a história da missão americana na Birmânia, de que ela e seu marido tinham sido os fundadores. Tentou dar-lhe começo ainda a bordo do navio, na travessia do Atlântico, e agora, que não lhe permitiam que fizesse outra coisa, resolveu entregar-se a essa tarefa, na qual trabalhava cinco horas por dia, apesar de débil e enferma. O livro foi escrito em forma de cartas dirigidas ao parlamentar que, em Londres lhe dera hospedagem e a cumulara de bondades e delicadezas durante sua curta permanência na Inglaterra. Publicou-se o manuscrito antes de sua partida da América, e o livro é ainda hoje encontrado em algumas bibliotecas e coleções particulares, onde aparece na sua forma antiga de 1823.

7. Provações, cura e volta

De todas as cartas que lhe chegavam às mãos, certamente nenhuma lhe poderia trazer mais alegria que as que vinham da distante ciddae de Rangun. Certo dia de fevereiro recebeu uma cópia do *diário* do esposo. E' fácil de imaginar-se o interesse imenso com que ela leu essas páginas, em que lhe vinham, traçadas pela sua letra, as impressões e os sentimentos do esposo ausente. Havia mais de cinco convertidos ao cristianismo, entre os quais três mulheres que costumavam assistir às reuniões dirigidas por Ana, às quartas-feiras, na capela. Dezoito membros da igreja de Cristo na Birmânia eram certamente um número miseravelmente pequeno, quando se considera nos milhões de incrédulos que cobrem a superfície da terra; contudo, representavam eles uma grande esperança, pois extraordinária é a mutação que se há de operar no cérebro humano, quando este tem que deixar a concepção da divindade como um ídolo pagão, para poder al-

cançar a idéia de um Pai espiritual, Criador e Senhor de todas as coisas. "*Podes bem imaginar a minha ansiedade por voltar a Rangun*", escreveu Ana à irmã, pouco depois de ter recebido a carta do marido.

Afigurava-se-lhe dolorosa a situação de estar assim presa pela moléstia, quando tão cheias de esperanças apareciam as oportunidades do trabalho na seara do Mestre, sem imaginar, porém, que durante o seu tranquilo retiro estava se preparando o seu espírito para a grande tribulação por que teria que passar. Pela constante prática da oração, como que já entrara na resplendente região de paz e luz, onde moram os "próprios habitantes do céu", e donde parecia ter trazido alguma coisa daquela radiosa atmosfera. Deus tornara-se em consolo e deleite de sua alma, e dalí em diante "*nem a morte, nem a vida, nem os anjos,... nem alguma outra criatura*" poderia separá-la do amôr de Deus que está em Jesus Cristo, nosso Senhor. Era justamente desta armadura que precisava o seu espírito para a luta vindoura.

De março a abril passou Ana algumas semanas em Washington, corrigindo provas do seu livro, que estava sendo impresso. Aí, como em todo lugar aonde ia, logo se fez sentir a influência da sua encantadora personalidade, toda ela consagrada ao serviço de Deus. Reunia-se, naquela ocasião, na capital americana, em sessão anual, a Convenção Batista geral, tambem conhecida pelo nome de — junta missionária. Foi nomeada uma comissão para conferenciar com Ana, a respeito da missão na Birmânia, do que resultou serem adotadas as diversas medidas por ela sugerida. Pelo que dela souberam, todos tiveram a convicção, maior que nunca, do dever das igrejas batistas para com a Birmânia, parecendo-lhes que a elas exclusivamente entregava Deus aquele pedaço do mundo necessitado, para a obra da evangelização.

Com a entrada da primavera pode ela voltar ao lar paterno, onde permaneceria apenas até o começo do verão, para regressar então à Birmânia. Em vão imploraram os amigos que ela adiasse por um ano a partida, para que pudesse fi-

car completamente restabelecida. A voz do Oriente clamava em sua alma com tanta insistência, que ela não podia pensar em outra coisa. Um estranho pressentimento parecia avisá-la de que jamais voltaria; mesmo assim, porém, era intenso o desejo de partir.

Foi assim que, no mês de junho de 1823, acorreram ao cáis de Boston, certo dia, diversos cristãos que iam dizer adeus aos três missionários que embarcavam para o Oriente, destinados todos à missão americana na Birmânia: Ana e o sr. Jonatan Wade e esposa. A partida, desta vez no verão, era bem diferente daquela cena triste e fria do inverno de fevereiro de 1812, quando os primeiros missionários da América deixavam a pátria em demanda do mundo pagão. Tão diferente é a versão do inverno, quão diversos dos daquela época eram os sentimentos de esperança que agitavam o coraço de Ana, que voltava agora para o lar distante.

PERGUNTAS

1. Quais as duas crianças que vêm alegrar o lar do casal Judson?
2. Qual a segunda Sociedade a se organizar na América?
3. Quais as provações de 1817?
4. Como mostrou Deus guardar os seus em tempos calamitosos?
5. Como se chama o primeiro convertido na Birmânia?
6. Com quem volta Ana ao Oriente?

CAPÍTULO IV

Ava e sua Heroina

I. A DOURADA CIDADE DE AVA

1. O trabalho imortal de Judson
2. Encontro após dois anos e quatro meses
3. Viagem e recepção em Ava
4. Início de novas atividades cristãs
5. Rangun tomada pelos ingleses
6. Intimação e prisão dos missionários
7. Começa o sofrimento terrível do casal.

II. A Heroina de Ava

1. Só e prisioneira em casa
2. Judson na prisão da morte
3. Ana intercede junto ao governo
4. Nova petição e doce esperança
5. Confiscados os bens do casal Judson
6. Decepções novas e martírios outros
7. Fé inabalável que vence séculos
8. Ana vai ao general Bandola
9. Maria visita o pai na prisão
10. Sofrimentos aumentados e esperança falha
11. Judson doente e roubado à esposa.

CAPÍTULO IV

AVA E SUA HEROINA

I. A DOURADA CIDADE DE AVA

1. O trabalho imortal de Judson

Ouvindo o repicar dos sinos do velho pagode de Rangun e avistando o largo rio que desembocava no mar, permanecia de pé Adoniram Judson, perscrutando o horizonte do lado do oeste. Pelo seu porte decidido e esbelto e pelos olhos castanhos penetrantes, facilmente nele reconheceriamos o mesmo moço que fora sempre o primeiro da classe na Universidade e no Seminário. A expressão fisionômica doce e pensativa denotava nele um cérebro amante do estudo, ao mesmo passo que acusava a firmeza e decisão do seu caráter, a que se juntavam agora os traços do sofrimento e das rudes experiências por que passara. Entretanto, apesar dos dez anos de trabalhosa vida em terras tropicais e sem civilização, nele se via ainda a mesma jovialidade e energia de aparência, como se tivesse saído então da casa do pastor, em Nova Inglaterra, onde passara a sua meninice.

Durante o longo tempo de ausência da esposa, terminara a tradução do Novo Testamento, além de escrever na língua birmaniana, e em doze capítulos, um resumo de toda a matéria contida no Velho Testamento, trabalhos esses que dariam para ocupar o tempo de uma dúzia de pessoas normalmente inteligentes e ativas. Concluira, pois, a tarefa que a si mesmo se impusera; faltava-lhe agora apenas satisfazer ao desejo de seu coração saudoso da esposa estremecida. Quando chegaria o navio que transportava, no seu entender, a mais preciosa carga que jamais atravessara os mares? E

perscrutava o horizonte, nele procurando descobrir o primeiro sinal de luz a brilhar numa vela de navio que se aproximasse.

Depois da partida de Ana, seguira seu marido outra vez rio acima, com destino à cidade real de Ava. E' que alí fora chamado seu novo colega, o missionário Dr. Price, pelo rei, que desejava conhecer o médico estrangeiro, de cuja perícia ouvira falar. Neste convite da corte real percebeu logo, o sr. Judson, a oportunidade que se lhe oferecia de novamente impetrar ao rei a liberdade tão ardentemente ambicionada pelos novos discípulos de Cristo. Nessa ocasião não foram embalde as esperanças, pois o rei e a sua corte tiveram empenho em manifestar-lhes apreço e cortezia na recepção com que os acolheram, além do interesse que mostraram em conhecer a nova religião, de que eram eles introdutores no velho império budista. Depois de uma demora de quatro meses em Ava, durante os quais estivera constantemente em contacto com a família real e oficiais do governo, resolveu o sr. Judson regressar a Rangum, afim de aguardar a chegada de sua esposa. Quando foi despedir-se do rei, protestou este contra a sua retirada insistindo por que novamente voltasse, para instalar aí a sua residência permanente. Ofereceram-lhe um terreno para que nele fosse edificada sua casa, o que ele aceitou com a esperança de fundar uma missão cristã na capital do país, pensamento que lhe tomou o espírito, sem que nenhum máu pressentimento viesse perturbar-lhe o curso das idéias. E foi assim que seguiu o rio Irauadi abaixo, até o porto de Rangun, de regresso de Ava, em fevereiro de 1823.

2. Encontro após dois anos e quatro meses

Dez meses mais tarde, a 5 de dezembro, anunciaram-lhe que na fóz do rio estava um navio inglês que, poucas horas depois entrava majestosamente no vasto porto de Rangun. As intensas saudades acumuladas nos dois longos anos de separação dissipavam-se agora com o regresso da querida

viajante! Voltava, em verdade, Ana, com todo o esplendor de saude e beleza da mocidade, em substituição à fragilidade doentia da senhora que dalí partira, havia dois anos e quatro meses. Quanto viajara ela, tocando as costas de quatro continentes, atravessando léguas e léguas do oceano, contornando dois hemisférios, para chegar agora, sã e salva, à cidade birmaniana onde deixara o lar, cuja lembrança não a abandonara um só instante, cuja saudade povoara a sua mente de sonhos e recordações! Entretanto, alí não devia permanecer, era mistér seguir até a capital do império, onde se encontrava o poderoso e volúvel monarca. Ava, a cidade dourada, continha em si todo o despotismo imaginável e a crueldade desenfreada que é possível conceber-se, e que recairiam sobre aqueles que incorressem no desfavor do orgulhoso monarca.

Sem pensar no perigo que os ameaçava, partiram os Judsons, e mais alguns crentes birmanianos, para a nova missão na cidade real. O sr. Hough e sua esposa, que haviam regressado de Bengala durante a ausência de Ana e mais os novos missionários, formaram um grupo de obreiros suficientes para cuidar da missão em Rangum, enquanto os intrépidos pioneiros Adoniram e Ana Judson deviam ir adiante, afim de conquistar a cidade pagã para o Deus único e verdadeiro.

3. Viagem e recepção em Ava

Por espaço de seis longas semanas, nos meses de janeiro e fevereiro de 1824, lentamente subiu rio acima o pequeno bote, vencendo a correnteza, em caminho de Ava. Desembarcavam por vezes os viajantes para atravessarem a pé as aldeias à beira-rio e alcançarem mais adiante a embarcação que, vagarosamente, seguia o tortuoso curso das águas. Nessas ocasiões alvoroçavam-se as populações que, por nunca terem visto uma mulher estrangeira, acorriam pressurosas a presenciar a sua passagem.

Quando se achavam a uns cento e sessenta quilômetros

distantes de Ava, foram surpreendidos por um espetáculo capaz de infundir espanto e medo ao coração dos que o presenciassem. O famoso general birmaniano, Bandola, viajava pomposamente com o seu exército, em direção à costa, onde esperava atacar e vencer as forças da Inglaterra. A sua dourada embarcação, rodeada por uma frota de navios de guerra da mesma cor, ao defrontar o humilde bote dos missionários, ordenou-lhes que se detivessem, como se tratasse com indesejáveis intrusos. Informado, porém, de que não eram ingleses, mas americanos que se dirigiam para Ava, por ordem do rei, permitiu, sem mais incômodo, que prosseguissem viagem. Entretanto, de ora avante, sabiam bem os missionários que era a guerra uma ameaçadora probabilidade que poderia ser transformada, de um momento para outro, em temerosa realidade.

Poucos dias antes de chegarem a Ava, saiu-lhes ao encontro, em um pequeno bote, o Dr. Price. O que lhes contou foi bastante para dissipar-lhes no coração as esperanças, que antes alimentavam, de ser bem recebidos na cidade real. Tinha desaparecido a sua popularidade, pois os birmanianos já não apreciavam os estrangeiros estabelecidos em Ava. Os membros do conselho real tinham sido demitidos e os novos oficiais, que lhes preencheram os lugares, não conheciam os professores americanos e, pois, não lhes deram importância. Compreendeu, portanto, o Sr. Judson que nenhuma simpatia da parte do govêrno poderia advir-lhe para a missão que aí pretendia estabelecer com o Dr. Price.

Não foi animadora a recepção que tiveram na cidade. Nenhuma porta se abriu para recebê-los, a não ser a da casa do Dr. Price, cuja construção, inacabada ainda, apresentava tais condições de umidade e insalubridade, que logo à Ana apareceu a febre. À vista disso, não houve remédio senão permanecerem no bote, até que se pudesse levantar uma habitação no terreno que o rei dera ao Sr. Judson, na sua visita anterior. Entretanto, após quinze dias apenas, teve Ana a grande alegria de ver transportar sua bagagem para uma

confortável casa, com três cômodos e uma varanda, tudo construído e pronto naquele tão curto espaço de tempo.

4. Início de novas atividades cristãs

Assim instalados, e embora sem contar com a animação do palácio real, começaram a fazer, todas as noites, conferências a que assistiam muitos birmanianos. Era-lhes uma grande vantagem a facilidade com que manejavam a língua do país. Aos domingos pregava o Sr. Judson a um auditório de doze a vinte pessoas, que se reuniam em casa do Dr. Price, do outro lado do rio. Ana abriu uma escola para meninas, tendo, no começo, apenas três alunas, das quais duas, irmãs, tinham sido entregues pelo pai para serem educadas pela jovem americana. Ela lhes deu os nomes de suas irmãs — Maria e Abigail Hasseltine — e decidiu que uma delas seria sustentada com o dinheiro que a "Sociedade Judson da Academia de Bradford" prometera enviar. Com a tranquilidade daqueles que se colocam sob a dependência de Deus, decidiram-se os missionários ao trabalho, convencidos, entretanto, de que, dia após dia, sobre suas cabeças se acumulavam sérias ameaças de perturbações.

Duas ou três vezes foi o Sr. Judson ao palácio, como era seu costume, mas o rei não lhe deu atenção. Até a rainha que anteriormente mostrara desejo de ver a esposa do professor com os trajes próprios do seu país distante, nem perguntava por ela, agora, como se nunca tivesse pensado nela. Dada esta situação, não procurou Ana visitar o palácio real, conquanto, para isso, recebesse constantemente convites dos membros da família real, que habitavam em dependências do palácio, fora do recinto principal. Julgavam os missionários que o único meio de trabalhar era seguir o plano delineado de manterem uma atitude, a mais modesta possível, esforçando-se por provar que nada tinham com a guerra. Mesmo assim suspeitavam deles, em Ava.

Quando o rei e a rainha se alojaram no novo plaácio que acabava de ser construído, ordenaram que nenhum estran-

geiro, sem excepção de pessoa, poderia penetrar na residência real. Era natural que essa ordem causasse alguma inquietação aos missionários americanos; entretanto, após ela, duas ou três semanas decorreram sem que nada de anormal acontecesse, enquanto prosseguiam os trabalhos de construção da nova casa de tijolos, que abrigaria a família Judson do calor ardente dos trópicos.

5. Rangun tomada pelos ingleses

A 23 de maio, que era domingo, estava reunido, como de costume, o pequeno grupo de cristãos em casa do Dr. Price, quando, ao terminar o culto, receberam uma alarmante notícia: — *Rangun fora tomada pelo exército britânico*! A guerra era, pois, uma realidade e bem precária se tornava a situação dos estrangeiros em Ava. Ao receberem a triste nova da guerra, tinham os americanos em sua companhia um jovem negociante inglês, por cuja segurança receiaram mais que pelas próprias vidas, visto pertencerem a um país que nada tinha com a guerra. Reuniram-se todos em casa do Sr. Judson para tomarem deliberações, enquanto se apressava o jovem negociante em entrevistar o príncipe, irmão do rei, e que maior influência exercia sobre a vontade real. A sua resposta foi que sua majestade tinha declarado que "os poucos estrangeiros que moravam em Ava nada tinham com a guerra e, pois, não seriam incomodados". Apesar, porém, desta promessa, eles não deixavam de estar um tanto apreensivos.

A causa da guerra fora aquela terra de tão tristes recordações para os Judsons e que era conhecida pelo nome de Chitagonga. Estava ela sob o domínio britânico, razão por que muitos súditos birmanianos alí se refugiavam para fugir ao despotismo do seu próprio governo. Não se conformando com tal estado de coisas, entendeu o rei da Birmânia que poderia exigir que lhe fossem entregues os seus súditos. Além disso, acreditavam os birmanianos que tal terra lhes devia pertencer e, pois, não podiam ver com bons olhos sobre ela tremular a bandeira inglesa. E audaciosamente avançavam

para o território inglês, indiferentes aos reclamos da poderosa nação européia, até que se prepararam finalmente para a guerra. E tão munstruosa era a pretensão daquele povo bárbaro que chegaram a pensar em invadir Bengala. E diziam que o exército de Bandola levava uma corrente de ouro para com ela trazer cativo o governador geral da Índia aos "pés dourados" do monarca birmaniano. Não era possível à Grã-Bretanha permanecer impassível por mais tempo a tão doidas pretensões. Assim, em maio de 1824, foi enviado a Rangun um exército de seis mil homens, sob as ordens de Sr. Archibaldo. Tão inesperado foi esse ataque, que pouca ou nenhuma resistência encontraram os Ingleses, que facilmente se apoderaram da cidade.

Quando a notícia da queda de Rangun chegou à cidade real, providências foram imediatamente tomadas para represálias ao inimigo. Convencidos estavam os birmanianos de que certa lhes era a vitória, apenas receiava o soberano que, ante a aproximação do seu numeroso exército, fugissem amedrontados os ingleses, antes que pudessem ser capturados como escravos. *"Tragam-me quatro homens"*, disse a esposa de alto oficial, *quatro estrangeiros para dirigirem os negócios de minha casa, pois ouvi dizer que são servos fiéis"*.

Após três ou quatro dias de preparativos, um exército de dez mil homens seguia pelo rio abaixo, em direção a Rangun. Quando as embarcações de guerra passaram diante da casa dos Judsons, à beira rio, os soldados dansavam e cantavam com gestos de grande contentamento. *"Pobres coitados"*, disseram os que conheciam a força desta nação possuidora do maior poder militar daquele tempo, *"é bem provável que nunca mais tenham ocasião de dansar!"*

Mal partira o exército da cidade, começaram a indagar, os oficiais do governo, dos motivos por que teriam os ingleses invadido Rangun. E logo surgiu a idéia de que o inimigo devia ter espiões a seu serviço. "E que espiões poderiam ser, senão os inglêses residentes em Ava?" Correu então o boato de que um capitão recentemente chegado, trouxera de

Bengala jornais que afirmavam o propósito que tinham os ingleses de tomar Rangun.

6. Intimações e prisão dos missionários

Alguns ingleses foram intimados a prestar declarações e ficaram detidos na sede do governo. Era, pois, natural que se tornassem apreensivos o Sr. Judson e sua esposa, na expectativa de algum acontecimento desagradável. Este não se fez esperar por muito tempo, pois Adoniram Judson e o Dr. Price receberam ordem de comparecer perante a corte de investigação. Aí lhes indagaram se tinham eles enviado informações ao estrangeiro, quanto às condições da Birmânia. Responderam que, conquanto sempre escrevessem aos seus amigos da América, não tinham tido correspondência alguma com oficiais inglêses; e tiveram permissão de voltar aos seus lares.

Entretanto, examinando as contas do Sr. Gouger, encontraram os oficiais birmanianos o que se lhes afigurava como evidências da cumplicidade dos missionários americanos. Como era costume, recebiam estes seu dinheiro por meio de ordens sobre casas em Bengala, e nos livros do Sr. Gouger estavam assinalados os pagamentos destas ordens ao Sr. Judson e ao Dr. Price. Não conhecendo os birmanianos este método de negócios, concluiram naturalmente que os americanos eram pagos pelos ingleses e, pois, seus espiões. Essa notícia foi prontamente levada ao rei, que, irritado ao extremo, ordenou que prendessem imediatamente os "dois professores".

Foi assim que, no dia 8 de junho, quando Adoniram Judson e sua esposa calmamente se preparavam para jantar, foi a porta bruscamente aberta, por ela entrando impetuosamente um oficial birmaniano, tendo na mão o livro preto, sinal de denúncia. Seguiam-no doze homens abrutalhados, dentre os quais se destacava um pelo seu hediondo aspecto, de rosto manchado, que era um carcereiro ou carrasco, designado por "filho da prisão".

— "Onde está o professor?" gritou o oficial.

O Sr. Judson aproximou-se.

— "Você é chamado pelo rei", disse o oficial (era esta a maneira por que falavam quando se dirigiam a criminosos). Mal, foi proferida esta frase, o carcereiro pegou o Sr. Judson, jogou-o ao chão e começou a amarrá-lo com a pequena corda usada pelos birmanianos como instrumento de tortura.

— "Espere", implorou Ana, pegando o braço do homem, "vou dar-lhe dinheiro".

— "Levem-na tambem", foi a brutal resposta do oficial. "Ela tambem é estrangeira".

Com um suplicante olhar falou o Sr. Judson, rogando-lhes que deixassem sua esposa até receberem nova ordem.

7. Começa o sofrimento terrível do casal

Daquele momento em diante a cena era de completa balbúrdia. Juntaram-se vizinhos em ansiosa curiosidade, enquanto os pedreiros, que trabalhavam na nova casa de tijolo, deixaram cair as ferramentas e fugiram atemorizados; as birmanianazinhas, Maria e Abigail, gritavam de terror, e os criados bengalenses horrorizavam-se com os insultos lançados ao seu mestre. No entanto o carrasco, com diabólica alegria, apertava as cordas com que amarrava o preso. Outra vez pediu Ana que aceitasse dinheiro e afrouxasse as cordas; mas ele desprezou a oferta e arrastou o preso para fora, levando-o para destino ignorado. Mas alí estava Mong Ing, um dos crentes de Rangun, que os havia acompanhado até Ava. Ansiosa e aflita, ela rogou-lhe que seguisse o marido para procurar aliviar-lhe o sofrimento, para o que lhe deu dinheiro bastante. Atentou ao seu apelo o fiel amigo, mas, de volta da incumbência, maiores angústias lhe trouxe ainda ao coração de esposa dedicada. Por ele soube Ana que, pouco distante de casa, fora seu marido impiedosamente atirado ao chão para que lhe apertassem mais as cordas, de sorte que mal podia respirar. E assim teve que marchar o preso até o tribunal, onde o governador e seus oficiais estavam reuni-

dos. Foi lida então a ordem do rei: o Sr. Judson iria para a prisão da morte, de onde ninguem saía senão por direta intervenção do rei.

Do tribunal ao cárcere foi ele arrastado brutalmente e, depois de descer por ingreme e estreita escada, achou-se em um sórdido e escuro quarto onde havia vários presos. O hediondo compartimento tinha um nome cujo significado fazia estremecer de horror a todos que o ouviam. Realmente, queria dizer que não recuasse ante as mais revoltantes crueldades, os mais dolorosos sofrimentos inventados por mortal criatura ou demônio encarnado.

Foi com a triste certeza de estar seu marido na "prisão da morte" que Ana viu findar aquele dia de junho, dia terrível que lhe deixava na mente tantas apreensões e tão reais e terríveis temores. Desde aquela memorável noite começou ela a por em prática seu extraordinário poder de iniciativa e perseverança, numa atividade a toda prova, numa indomável energia e num labutar sem tréguas, tudo realizando para libertar seu marido e os outros presos estrangeiros, o que fez com que Ana ficasse conhecida no Oriente como no Ocidente, como a *heroina de Ava*.

II. A HEROINA DE AVA

1. Só e prisioneira em casa

Era uma tarde de junho. Em Ava, a pequenina casa à beira rio recebia em cheio os raios ardentes do sol enquanto no seu interior, sofria atrozmente o coração de Ana,, alí abrigada ainda, com os seus companheiros birmanianos, naquele tremendo dia em que violentamente fora preso seu marido. Atordoada ainda pelo inesperado do acontecido, recolheu-se ao quarto, onde procurou vencer a emoção, afim de decidir como enfrentaria a dolorosa situação em que fora atirada, havia poucas horas. Era ela uma estrangeira, sem proteção alguma, no meio de um povo que se deixara dominar

por sentimentos de vingança! O seu querido companheiro achava-se, torturado, quiçá condenado à morte! A tragédia deste dia era talvez a maior de toda a história humana. E na sua dor atroz entregou-se ao amor e à misericórdia de Deus, implorando forças para suportar os sofrimentos que lhe estavam reservados. Só mesmo a infinita bondade do Senhor seria capaz de conter as expansões da crueldade e da ignorancia que parecia terem-se apoderado daquela cidade pagã.

Mas, até o consolo da solidão lhe foi negado, pois ressoaram na varanda os passos dos verdugos, que voltaram, e que grosseiramente lhe reclamavam a presença. Era o magistrado da cidade que a queria interrogar.

Antes de sair do quarto destruiu todas as cartas que tinha em seu poder e *diários* escritos por si para que não viessem a saber de sua correspondência com pessoas da Inglaterra, ou julgassem que eles tinham a preocupação de guardar por escrito a relação de tudo quanto acontecia na Birmânia. Terminada esta tarefa, apresentou-se ao oficial birmaniano, que a submeteu a rigoroso interrogatório, findo o qual ordenou que trancassem o portão para que ninguem pudesse entrar ou sair, e deixou, guardando a casa, um destacamento de bandidos, que receberam ordens de bem vigiar a prisioneira. E foi-se o magistrado, após haver tão bem cumprido o seu dever.

Quando a escuridão da noite envolveu a triste habitação, dir-se-ia que nas sombras estavam ocultas as trevas da morte. Outra vez Ana refugiou-se no seu quarto, levando consigo as meninas birmanianas e fechando a porta com tranca. Imediatamente os guardas ordenaram que abrisse a porta e saísse do quarto, sob pena de derribarem a casa, se fossem desobedecidos. Não os atendeu, porém, a corajosa senhora e ameaçou-os de queixar-se às autoridades superiores. Percebendo então que ela não cederia, puseram no tronco os dois criados bengalenses, sujeitando-os às mais dolorosas posições. Não era possível consentir que permanecessem eles em tão penosa situação e, pois, chamou Ana o chefe à janela, e

prometeu um presente a cada um dos guardas, se soltassem os seus criados. Entretanto, só depois de muita discussão e de ouvir ásperas e rudes ameaças, conseguiu ela que fossem soltos os seus serviçais.

Após tão forte abalo moral, a que se juntava a ansiedade de sua alma, toda ela temores pela sorte do esposo extremecido, após todas as lutas daquele dia tão triste, em que teve de enfrentar a linguagem brutal e desbragada dos guardas insolentes, após tantos sustos e em meio a tantas incertezas, era natural que essa primeira noite lhe parecesse interminável, sem um só momento de sono toda entregue às mais negras impressões.

2. Judson na prisão da morte

Ao clarear do dia, o primeiro ato de Ana foi enviar Moung Ing à prisão, para ver em que condições estava seu marido e para dar-lhe algum alimento, caso vivesse ainda. Foi o fiel servidor para voltar logo com a notícia de que o Sr. Judson e os outros estrangeiros estavam na prisão *da morte*, cada um acorrentado com três pares de grilhões e presos a um páu comprido, de sorte que não se podiam mover. O sofrimento de Ana atingia ao cúmulo, principalmente pela situação de, prisioneira, tambem ela, não poder tentar libertá-los. Debalde implorou ao magistrado que lhe desse permissão de ir procurar um membro do governo para explicar-lhe o seu caso; temia o zeloso oficial que ela fugisse, desde que lhe fosse permitido sair. Lembrou-se, então, Ana de outro alvitre: escreveu uma carta a uma das irmãs do rei, com a qual mantinha relações de amizade, pedindo-lhe que exercesse a sua influência na corte, em favor dos estrangeiros. A missiva foi-lhe, porém, devolvida com a seguinte lacônica resposta: "Não compreendo".

Com isto queria a dama dizer que não desejava intervir nesse caso. Soube depois Ana que, conquanto desejasse ela servi-la, não ousava arriscar-se a perder o favor da rainha.

Penosa e lentamente transcorreu o dia, e a segunda noite de angústia chegou para aquele triste e atribulado lar. Tentando alcançar a benevolência dos guardas, ofereceu-lhes a prisioneira, chá e charutos, com o que deixaram de incomodá-la durante a noite. Todavia, difícil lhe era conciliar o sono, tanto se lhe desenhava na imaginação a figura dolorosa do marido, preso aos grilhões de ferro que o mantinham esticado e imóvel no chão da prisão.

3. Ana intercede junto ao governo

Ao amanhecer levantou-se ela, decidida quanto ao que haveria de fazer; descobria finalmente um meio de interceder pelos prisioneiros. Enviou uma mensagem ao governador, pedindo-lhe permissão para visitá-lo com um presente. Este expediente foi-lhe favorável, pois o guarda teve ordem de permitir que ela fosse à cidade. Recebeu-a o governador com benevolência e, delicadamente perguntou-lhe o que desejava. Então Ana contou-lhe toda a dolorosa situação dos estrangeiros, especialmente dos professores, Dr. Price e seu marido, os quais, como americanos, nada tinham com a guerra. O governador respondeu que não tinha poder para libertá-los, mas que lhes tornaria menos penosa a situação no presídio. E indicou-lhe um homem de má aparência e que era o seu ajudante de ordens, com o qual poderia ela tratar das condições em que ficaria seu marido. O oficial levou-a à parte e procurou convencê-la de que ele tudo podia e, pois, o conforto dela, bem como dos prisioneiros, dependia apenas da generosidade com que ela o presenteasse.

— Que devo eu fazer, perguntou-lhe, para aliviar os sofrimentos atuais dos dois professores?

— Pagar-me duzentos ticales (cerca de oitocentos cruzeiros), e duas peças de fazenda fina e duas duzias de lenços, respondeu ele.

Ana, previdente, tinha, levado consigo uma boa soma de dinheiro, quando, pela manhã, saira de casa. Ofereceu-a ao ganancioso oficial que, desse modo, prometeu melhorar a situação dos prisioneiros.

Obteve ela, depois, do governador, um passaporte para entrar na prisão. Por mais viva que fosse a sua imaginação, não podia esta prepará-la para a triste e lúgubre realidade que a esperava. Mais tarde, na narração que fez dos tristes dias que passou em Ava, recusou-se, a descrever a pungente cena que naquele dia se desenrolou, à entrada da prisão. O Sr. Gouger, que penosamente se arrastara à porta, para receber os mantimentos diários, descreveu, muitos anos depois, o tocante quadro do encontro dos esposos. Adoniram Judson engatinhou para aproximar-se da porta, pois os pesados grilhões impediram-no de por-se de pé. Na sua fisionomia claramente se estampavam as torturas morais por que passava, assim como a atrocidade dos sofrimentos físicos. Além disso, despenteado e sujo, e de vestes mal tratadas, era verdadeiramente miserável o seu aspecto. Num espontaneo gesto de horror, ao ver o esposo nesse estado, Ana escondeu o rosto entre as mãos, pela dor que lhe causava o encontrá-lo tão mudado, após dois dias apenas de prisão. Vencida a emoção, mal tinham trocado algumas palavras, logo o carcereiro lhe ordenou que se fosse embora. Ela replicou que tinha licença do governador, mas teve como resposta a frase brutal:

— Saia ou tirâmo-la à força.

Foi obrigada a sair, e, exausta de forças e de abatimento moral, venceu a pé os três quilômetros que a separavam de casa. E mais do que nunca tinha agora angustiado o espírito pelo que seus olhos viram e que ultrapassara tudo quanto de horrível e máu pudera antes criar a sua fértil imaginação.

4. Nova petição e doce esperança

Naquela tarde os missionários e alguns estrangeiros, por terem pago determinada soma de dinheiro, foram transportados para um telheiro aberto, situado no quintal da prisão. E permitiram que Ana lhes enviasse alimento e esteiras em que dormissem, embora não consentissem à corajosa senhora

fosse vê-los na prisão. Ana resolveu dirigir uma petição à rainha. Entretanto, como não lhe fosse possível ir pessoalmente ao palácio real, por estar em desfavor do rei, pensou em recorrer ao intermédio da cunhada da rainha, que sempre lhe demonstrara simpatia e agrado. Escolheu então um valioso presente e foi à presença da nobre birmaniana, que encontrou reclinada num tapete, à maneira oriental, e rodeada pelas pessoas de sua comitiva. Sem esperar pela usual pergunta: "Que é que deseja" — que era de praxe ser dirigida a todo o suplicante, começou logo a falar e narrou tudo quanto lhe acontecera, para implorar-lhe, por fim, o seu auxílio. Erguendo levemente a cabeça, ela olhou o presente e friamente respondeu:

— Seu caso não é único; todos os estrangeiros são tratados da mesma maneira.

— Mas os professores são americanos, são ministros da religião e nada têm que ver com a guerra ou com a política. Além disso vieram para Ava em obediência à ordem do rei. Nada fizeram para merecer tal castigo; não devem, pois, ser tratados desse modo.

— O rei faz o que quer, replicou a birmaniana. Não sou o rei; nada posso fazer.

— Pode interceder junto à rainha para que sejam restituídos à liberdade, respondeu Ana. Peço-lhe que se coloque na minha situação e pense no que faria, se estivesse na América, e seu marido, inocente de qualquer crime, fosse lançado na prisão, com grilhões de ferro, e a senhora sózinha, sem proteção...

— Vou apresentar a sua petição — disse por fim a nobre dama. — Venha amanhã.

Com esta promessa Ana regressou à casa, levando no coração a doce esperança de que estivesse próxima a hora da liberdade. Entretanto, no dia seguinte recebeu ela a triste notícia de que a propriedade do Sr. Gouger, fora confiscada por ordem do governo. E os oficiais incumbidos dessa tarefa informaram-lhe que, no dia imediato, seria a sua casa visi-

tada para o mesmo fim. Foi oportuno o aviso recebido, pois permitiu que ela ocultasse alguma prata e todos os objetos de valor ou de estimação que possuia. Estremecia de medo ao pensar no perigo que corria, caso fosse descoberto o que praticava. Todavia, se se prolongasse a guerra, teria que se valer do que tivesse em mão, ou morrer de fome, visto não haver outro meio de obter dinheiro.

5. Confiscados os bens do casal Judson

Conforme haviam predito, apareceram no dia seguinte os oficiais, com ordem do rei, para confiscar os bens dos missionários. Era aparatosa e solene a comitiva que se movera em busca do que pertencia a uma mulher estrangeira, indefesa e só. A procissão, que se aproximou da casa, era chefiada por três fidalgos birmanianos, seguidos por um bando de quarenta e tantas pessoas. Ana, a quem vinham despojar de tudo que possuia, recebeu a todos com cortezia, ofereceu-lhes cadeiras e logo chá e doces. À sua delicadeza souberam corresponder os oficiais do rei, pois se dirigiram, no desempenho de tão desagradável incumbência, com uma benevolência que ela jamais contara ver em oficiais birmanianos. Grande parte da comitiva ficou fora da casa, nela entrando apenas os oficiais, e estes mesmos, percebendo a emoção de que estava possuida a senhora americana, pediram-lhe desculpas e afirmaram que era bem dolorosa para eles a tarefa que desempenhavam.

— Onde estão as joias, a prata e o ouro? — perguntou o tesoureiro real.

— Não possuo jóias, nem ouro, respondeu Ana. Aqui está a chave da mala que contém a prata. Com ela seja feito o que entenderem.

Abriram a mala e pesaram as moedas.

— Este dinheiro, disse-lhes, foi angariado na América pelos discípulos de Jesús Cristo e para aquí enviado com o fim de ser construida uma residência e nos sustentar, enquanto ensinamos a religião de Cristo. Será possível, pois, que o levem?

Em geral, têm os birmanianos escrúpulo em aceitar dinheiro que tenha sido dado para fins religiosos, razão por que a sagacidade de Ana lhe ditou estas palavras.

— Faremos ver isso ao rei, respondeu um oficial; é provável que ele lhe mande devolver a importância. Mas é só esta, a prata que tem?

— A casa está em seu poder. Mande dar busca em toda ela, disse-lhes, evitando assim uma resposta direta.

— Não tem dinheiro guardado com pessoas de suas relações?

— Todos os meus amigos estão presos. Com quem teria eu dinheiro guardado?

Examinaram as malas e as gavetas da cômoda, por ordem do chefe. Entretanto, por delicadeza, apenas um oficial efetuou a busca da casa, sendo acompanhado, nesse mistér, pela Sra. Judson. Tudo quanto ele achava de interesse mostrava aos outros oficiais, que decidiam então se deveria ser levado ou deixado. Lembrou Ana que era impróprio levar roupa usada à presença do rei, com o que eles concordaram; fizeram apenas uma lista da roupa existente, bem como dos livros e dos medicamentos. Dois móveis, para ela de sumo valor, uma mesinha de costura e uma cadeira de balanço, ficaram tambem, graças à delicada estratégia da corajosa senhora. E desse modo não foram carregados vários objetos de utilidade, que subsistiram assim após o confisco. Apesar de tudo, porém, ao sairem os oficiais, o que lhes ficou atrás foi uma casa triste e desmantelada.

6. Decepções novas e martírios outros

Mal desapareceram eles na estrada, apressou-se Ana em ir à casa da cunhada da rainha, afim de conhecer o resultado do apelo que lhe apresentara na véspera. A perda de bens não era nada, em comparação com a prisão de seu marido. Para obter-lhe o livramento era capaz das maiores ener-

gias e a demora da espera exigia-lhe uma paciência sobre-humana. Animada pela esperança, compareceu à presença da nobre birmaniana, para ouvir-lhe apenas as seguintes palavras:

— Expliquei seu caso à rainha, e sua majestade respondeu que *os mestres não morrerão, mas que devem ficar onde estão*.

Caíram por terra as esperanças de Ana; se a própria rainha lhe recusava auxílio, ninguem mais ousaria interceder a seu favor. Cansada e abatida pelo desânimo regressou à casa e, passando pela prisão, tentou falar ao marido. Impediram-na, porém, de entrar, e durante dez dias seguidos lutou para conseguir ver o esposo e com ele falar. Não lhe sendo isso permitido, apesar das suas constantes instâncias, recorreram, marido e mulher, a outro recurso: escreveram-se cartas. Isso em breve, porém, foi descoberto, o mensageiro castigado e posto no tronco, e os missionários multados em quasi cem cruzeiros, além do medo que tiveram de que fossem piores as consequências.

No dia seguinte ao do sequestro dos seus bens, Ana visitou o governador da cidade e dele ouviu acres censuras:

— A senhora é muito ruim, disse-lhe ele, apenas ela entrara. Por que foi dizer ao tesoureiro real que me deu tanto dinheiro?

Fora o caso que, durante o processo de sequestro dos seus bens, lhe tinham perguntado os oficiais quanto pagara ao governador para obter a mudança de prisão para os professores. Ela dissera, então, a verdade e o resultado foi irem os oficiais exigir aquela soma do governador. Este ficou irado e ameaçou tornar a por os mestres na primeira prisão. Ouvindo, então, a acusação do governador, respondeu ingenuamente:

— O tesoureiro indagou; que podia eu dizer?

— Podia responder que não me deu nada, replicou o homem, e eu arranjaria que eles tivessem mais comodidade na prisão; agora, porém, não sei o que lhes acontecerá.

— Mas eu mentiria, afirmou-lhe; e minha religião proíbe a mentira. Nem que me ameaçasse com uma faca diante de mim, eu seria capaz de mentir.

— Isto é verdade, interveio a mulher do governador, isto é verdade; que é que ela poderia ter feito? Aprecio muito estes modos francos e sinceros; não deve ficar zangado com ela.

Desde aquela ocasião Ana pode contar com a amizade da mulher do governador.

Aproveitando-se da benéfica interferência da esposa do magistrado, a este ofereceu Ana um lindo binóculo, chegado havia pouco da Inglaterra, ao mesmo tempo que lhe implorava que não deixasse cair o seu desagrado sobre os inocentes prisioneiros. E prometeu que o compensaria, aos poucos, do prejuizo que tivera.

— Mas interceda apenas por seu marido, disse-lhe o governador: por sua causa ele ficará onde está; mas deixe que os outros cuidem de si mesmos.

Ana, aflita, rogou pelo Dr. Price, mas nada conseguiu. Naquele mesmo dia botaram-no outra vez na prisão terrível de onde saíra, prisão cheia de vítimas humanas, de bichos imundos, de calor horrível e de torturas sem nome. Aí padeceu durante dez dias, findos os quais foi novamente removido para o telheiro aberto, por ter prometido um presente e tambem pelos objetos de valor que tinha oferecido ao governador.

Sua vida transformara-se em uma série continua de peripécias, com as quais procurava alcançar o favor dos oficiais do governo, em bem de seu marido. Saía quasi que diariamente para visitar algum membro da família real ou pessoa do governo. Nessas visitas ela pedia sempre pelos prisioneiros americanos, embora usasse, para isso, de uma extraordinária diplomacia. Verdade é que não obteve mais que as promessas animadoras, que serviram apenas para salvá-la do desespero. Grangeou tambem amigos leais entre as pessoas altamente colocadas, as quais puderam auxiliá-la, en-

viando ocultamente presentes de comida aos presos americanos. Além disso, levaram para o palácio real a impressão de que os missionários não eram responsáveis, de modo nenhum, pela guerra. Ninguem, porém, tinha coragem de interceder junto ao rei ou da rainha para que fosse revogada a sentença de prisão, principalmente porque as tropas britânicas continuavam a derrotar os exércitos da Birmânia.

Entretanto, na prisão, o Sr. Judson e seus companheiros sofreram perseguições que a esposa de modo nenhum pode evitar, apesar da sua coragem e abnegação. Foram, por vezes, postos incomunicaveis e, não raro, tiveram que dar gorgetas para que lhes fosse ministrado alimento. Nem sempre lhes era facultado o uso de água e roupa limpa e continuamente sustentavam nos tornozelos três pesados pares de grilhões que mantinham tão unidos os pés que os seus passos não podiam exceder de poucos centímetros de extensão. E muitas vezes tiveram que fechar os olhos e tapar os ouvidos para evitarem o horrível espetáculo do martírio de um companheiro de prisão submetido à tortura da corda ou do martelo de páu, ou para não verem sair, na hora fatal das execuções, às 15 da tarde, aquele que ia ao encontro da morte, por ordem do governo.

7. Fé inabalável que vence séculos

Nesse ambiente de sofrimento e de horrores resplandecia, contudo, no coração de Adoniram Judson, como luminosa estrêla, a fé em Deus e a enfiança no Seu auxílio. Muitas vezes ouviram-no repetir para si mesmo estes maravilhosos versos:

"Nada procuro em meu favor. Sómente
Quero cumprir, Senhor, Tua vontade
Nesta vida e na morte.
Nenhum socorro peço à terra e à gente;
Só quero o que do agrado e da bondade
De Ti, meu Deus, me venha. E serei forte!"

E manifestava a opinião de que a guerra traria benefícios àquela nação:

— *Aqui estou eu pregando o Evangelho durante dez anos. Tenho encontrado muitas pessoas que querem abraçar o cristianismo, mas que deixam de fazê-lo por timidez. Em vão tenho implorado ao rei que conceda ao povo liberdade de conciência. E agora, esgotados os meios humanos, eis que Deus envia uma nação cristã para subjugar o país. E' possivel que minha vida seja poupada; e nesse caso, com que gratidão e ardor prosseguirei no trabalho! Se não o for, porém, seja feita a vontade do Senhor; a porta se abrirá para outros que farão melhor serviço.*" Assim falou esse embaixador aprisionado, talvez com a mesma vibração na voz, o mesmo estremecimento dalma com que, havia dezoito séculos, na prisão romana, falava S. Paulo, o primeiro missionário estrangeiro sujeito a cativeiro.

Não satisfeitos com o sofrimento que causavam às suas vítimas, os oficiais da prisão levaram a sua cólera até Ana. Durante dias seguidos impediram que ela entrasse na prisão antes do cair do dia, sabendo que, dalí até chegar à casa, tinha ela que vencer a pé duas milhas ou uns três quilômetros pelas ruas da cidade.

Tempos depois escrevia Ana Judson ao cunhado: "Oh! quantas vezes tenho voltado às nove horas da noite daquela lúgubre prisão, e, ansiosa e exausta de fadiga, me lançado na cadeira de balanço que você e o diácono L. me ofereceram, esforçando-me por inventar um meio, para soltar os presos. E' verdade que, às vezes, por alguns momentos, me vai o pensamento até à America e aos amigos que lá ficaram; entretanto, durante quasi ano e meio, todas as minhas preocupações estiveram tão completamente entregues aos sofrimentos e às ansiedades de então, que só raramente podia lembrar-me da vida que passara fora de Ava ou dos amigos que alí não habitavam".

À Ana deviam os prisioneiros estrangeiros tudo quanto lhes tornava tolerável a vida na prisão. Seu marido depen-

dia inteiramente dela, quer em relação à alimentação, quer quanto ao vestuário. Durante semanas seguidas ela só lhe pode arranjar, como alimento, arroz temperado com *gapee*, um preparado de peixe, não muito apetitoso. Certo dia, porém, foi Moung Ing à prisão levar uma surpresa que Ana enviava ao marido. Era uma espécie de pastel a que denominavam *mince*, muito usado na sua terra natal, feito de carne de vaca e frutas e do qual ela pacientemente conseguira uma imitação perfeita, com carne de búfalo e banana da terra. Esse pequeno ato de amor e dedicação tocou profundamente o coração do pobre encarcerado. Ele tinha visto sua esposa de pé, no portão, e de cabeça erguida como uma rainha; tinha ouvido falar de como andara ela pelas ruas de Ava, protegida por uma dignidade encantadora, tendo ganho o coração dos carcereiros, bem como o das pessoas nobres do governo. E Adoniram Judson chegara a pensar que devia dar graças a Deus pelas atribulações sofridas, atribulações que haviam dado ensejo a que brilhasse com tal esplendor aquela privilegiada natureza feminina. Que ela era a inteligência e energia, a abnegação e o heroísmo, de sobejo ele o sabia, e trazia por isso sempre comovido o coração. Mas aquela inesperada lembrança da pátria distante de tal modo lhe fizera vibrar as cordas sensíveis da alma que a sua cabeça pendeu sobre os joelhos e dos olhos jorraram lágrimas que caíam nos tornozelos agrilhoados.

8. Ana vai ao general Bandola

A guerra chegara a uma fase decisiva, e os birmanianos lançavam mão de todas as energias, apesar das contínuas derrotas que experimentavam. A única vitória que tinham conseguido fora obtida pelo General Bandola, razão por que foi este chamado a Ava, para aí seguir como comandante-chefe do exército que seguiria para Rangun. Enquanto permaneceu na cidade o militar vitorioso, foi ele o senhor absoluto de tudo, colocado em honrarias acima do próprio rei. Vendo-o assim, predileto do povo e poderoso, Ana resolveu procurá-lo, para rogar-lhe que mandasse soltar os missionários encarcerados. Disseram-lhe os oficiais do governo que isso era uma temeridade, porém ela considerou que era o último recurso que lhe restava, e havia de ser tentado.

O Sr. Judson conseguiu escrever uma petição, fazendo-o secretamente, e, num memorável dia, receiosa e tímida, levou-a Ana Judson ao orgulhoso general, que se achava em meio de um numeroso séquito de aduladores. Um dos secretários recebeu a petição e leu-a em voz alta enquanto Bandola escutava atentamente. Finda a leitura, ele lhe falou cortezmente, dizendo-lhe que mais tarde viesse saber da resposta. Dias depois voltou ela, trazendo um belo presente. Bandola não estava em casa para atendê-la, mas tinha-lhe deixado um recado, que lhe foi transmitido pela esposa do militar: — "Ele estava muito ocupado com os preparativos para a ida a Rangun, mas quando tivesse tomado aquela cidade e de lá expulsado os ingleses, voltaria e soltaria todos os presos". Era uma vã esperança para Ana e que só poderia vir da jactância do iludido oficial!

Desde aquele dia não mais alimentou ela a esperança de vê-los soltos antes da terminação da guerra. Compreendeu, porém, que devia continuar a fazer as visitas conciliadoras aos membros do governo para que os presos não perdessem as pequenas regalias que lhes tinham sido concedidas. O governador da cidade recebeu-a sempre com mostras de amizade; reservou-lhe mesmo horas certas em dias alternados, para que ela viesse conversar com ele sobre os costumes americanos. Permitiu que ela fizesse uma cobertura de bambú no terreno da prisão, onde o Sr. Judson podia permanecer sózinho por algum tempo e onde, às vezes, lhe era concedido passar duas ou três horas preciosas em sua companhia.

9. Maria visita o pai na prisão

Assim se passaram, um a um, os dias daquele ano fatal, até que em janeiro Ana deixou de ser vista nos lugares de costume. Ao seu marido nunca lhe pareceram tão cruéis os

grilhões que o detinham longe dela, sem poder levar-lhe o auxílio que sabia necessário naquela ocasião. Ele bem imaginava as privações por que devia ela passar, privada da sua companhia e numa cidade sem civilização e sem recursos. E' que na pequenina casa à beira rio chegava uma filhinha, que vinha ao mundo em meio aos tormentos que anuviavam a vida dos pais. Não fora a confiança no Deus todo poderoso, que nunca o desamparara, e não aguentaria o Sr. Judson a atroz agonia que lhe causava o receio pela vida da esposa tão amada. Mas a bondade de Deus havia de vencer todas as dificuldades.

Com vinte dias de vida a pequenina Maria foi levada à prisão para ser apresentada ao pai. Havia já bastante tempo, tinha Ana adotado o vestuário birmaniano para agradar ao povo. Desse modo trajada e de pé à porta da prisão, tinha os lindos cachos castanhos amarrados e com uma flor cheirosa, trajando o rico vestido que lhe ofertara a esposa do governador e que, um pouco justo, fazia ressaltar-lhe a elegância do porte e tornava-a mais alta e nobre que as mais nobres birmanianas, em geral de pequena estatura. Em contraste com as cores vivas do vestido estava o rosto muito pálido e triste, de uma suave tristeza e de uma indefinida doçura. Sustinha nos braços a filhinha, muito branca e débil, de lindos olhos azuis e que chorava como se compreendesse o que se passava em torno dela. O Sr. Judson arrastou-se para perto delas e pela primeira vez tomou nos braços a filhinha. Mais tarde, durante as longas horas na prisão, compoz vinte e quatro estrofes dedicadas àquele serzinho de vinte dias de idade, que o inspirava na solidão do presídio.

10. Sofrimentos aumentados e esperança falha

Quando Maria tinha dois meses de vida, sua mãe recebeu uma assustadora notícia da prisão: o Sr. Judson e todos os estrangeiros tinham sido lançados na prisão interior e sobrecarregados com cinco pares de grilhões. O compartimento de bambú fora destruido, e a esteira, o travesseiro e outros objetos confiscados pelos carcereiros. A derrota de Bandola e a destruição do seu exército, e o avanço das forças britânicas em direção a Ava, tinham sido a causa destas vingantivas medidas contra os estrangeiros.

Imediatamente dirigiu-se Ana à casa do governador. Não o encontrou, pois tinha saído; entretanto, prevendo a sua visita, tinha-lhe deixado um recado com a esposa, e era — "Que não pedisse pelos presos, pois lhe era de todo impossíel favorecê-los de qualquer modo". Daí seguiu ela até o portão da prisão, mas foi-lhe impedida a entrada. Reinava ali profundo silêncio, e do empartimento de bambú que fora desfeito não restava vestígio algum.

Olhou para a porta fechada da prisão e horrorizou-se ao pensar que alí estava o marido, na imundície e na miséria, sem que ela lhe pudesse aliviar os sofrimentos, embora estivesse dele tão próxima. Nada podia fazer senão ir para casa e voltar numa hora em que pudesse com certeza encontrar o governador.

À tardinha veio ela novamente à procura do governador, que encontrou em frente à prisão. Quando ela apareceu, ele levantou os olhos e a sua fisionomia parecia indicar uma fingida cólera. Ana falou-lhe:

— "O senhor nos tem tratado, até hoje, com a benignidade de um pai. Nós lhe devemos muitas obrigações, pois, na crueldade e na opressão, sómente a sua proteção nos tem valido. Venho por isso lembrar-lhe a promessa que me fez de estar sempre ao nosso lado e de não deixar que matem o Sr. Judson, ainda que venha ordem do rei nesse sentido. Que crime cometeu ele para estar sendo tão duramente castigado?"

Ao ouví-la falar desse modo, desfez-se em lágrimas o bom velho e respondeu:

— "Tenho muita pena de você, *Tsay-yah-gadau*, nome pelo qual ele a tratava. Eu bem sabia que você me provocaria pena; não queria, por isso, que me pedisse. Creia que não desejo aumentar os sofrimentos dos prisioneiros. Quando recebo ordem para execução de algum, o mais que posso

fazer é pô-los onde não possam ser vistos. Vou dizer-lhe agora o que nunca lhe tinha revelado: recebí já três vezes a intimação do irmão da rainha para mandar matar secretamente todos os prisioneiros, não tendo feito, entretanto. E mesmo que fosse obrigado a executar a todos, a seu marido não mandaria matar. Não posso, porém, libertá-lo do atual cativeiro e você não devia pedir-me o que não posso fazer."

Ana não vira ainda o governador manifestar tanto sentimento, nem tanta firmeza em negar-lhe um favor.

O que ele disséra e a maneira por que falara causaram-lhe sérias apreensões quanto ao futuro.

No entanto, dentro da prisão da morte, desenrolavam-se cenas semelhantes às que Dante e Milton imaginaram no inferno, com a diferença apenas de que as enfrentavam espíritos corajosos, de coração e consciência livre. Havia um velho edifício, de três metros de comprimento por dez de largura. Nele não havia meio algum de ventilação, a não serem as aberturas entre as táboas, e nenhuma proteção contra o sol ardente, senão o telhado. Encerrados nesta sala permaneciam mais de cem prisioneiros, homens e mulheres, muitos dos quais estavam acorrentados ou no tronco. Os presos brancos tinham sido colocados num canto da sala e, entre as correntes que lhes prendiam os tornozelos, fora passado um bambú, que à noite era suspenso, de modo que ficavam em tal posição os encarcerados, que sómente os ombros se apoiavam ao chão. Algumas vezes foi permitida a Ana chegar à porta da prisão para daí ver os presos. O espetáculo que se lhe deparava era, porém, tão horroroso que se lhe confrangia o coração e ela parecia não poder suster-se de pé, ante tanta miséria e tanta dor. Por meio de continuados apelos obteve permissão para que fizessem os estrangeiros suas refeições do lado de fora do presídio; esta concessão, porém durou pouco

11. Judson doente e roubado a esposa

Depois de pouco mais de um mês naquele repulsivo lugar, caiu doente, com febre, o Sr. Judson. Sua esposa percebeu logo que ele não escaparia da moléstia, se continuasse onde estava. Para estar perto da prisão e poder assim mais frequentemente implorar misericórdia ao govenador, transferiu ela a sua residência da casa à beira rio para uma choupana de um só cômodo que o governador permitiu que fosse construida nos seus terrenos. E cansado afinal de tanta importunação, deu-lhe ordem oficial para a remoção do Sr. Judson e para que sua esposa pudesse visitá-lo e dar-lhe remédio a qualquer hora. Assim foi o doente transferido para um mocambu de bambú, tão baixo que nele ninguem podia estar de pé, mas que "era um palácio em comparação com a prisão de onde saira".

Certo dia, estando Ana aí em companhia do marido, recebeu um recado do governador que a chamava a palácio imediatamente. Intrigada com essa repentina chamada, apressou-se em atendê-lo. Ficou socegada e calma quando viu que o governador só lhe fazia algumas perguntas sem importância e com ela se entretinha em amigável palestra. Sem nada suspeitar, despediu-se e, dirigia-se para sua habitação, quando lhe veio ao encontro um criado, pálido de medo:

— Levaram todos os prisioneiros brancos, — disse ele, ansiando de tanto correr.

Assustada e atônita pelo inesperado do acontecido apressou-se em voltar à presença do governador que afirmou que recebera a notícia mas que não tivera coragem de transmitir-lha.

Desesperada correu para a rua, buscando por toda a parte os fugitivos, sem deles encontrar sinal. Em todas as ruas que atravessava, indagava sem obter resposta. Finalmente uma velha informou que os prisioneiros tinham sido conduzidos em direção ao riacho, em caminho de Amarapora. Ana correu mais de um quilômetro, até chegar ao riacho, sem nada saber dos estrangeiros. Algumas pessoas amigas foram ao sítio onde eram executados os condenados, porém nada viram aí. Mais uma vez ela implorou o auxílio do governador; mas a única coisa que este pôde fazer foi mandar um criado procurar descobrir o paradeiro dos presos.

— "Você nada mais pode fazer por seu marido", gravemente lhe disse ele: "Tome cuidado agora com você mesma". Ouvindo isto, ela olhou através da rua, a lúgubre prisão, a cujas paredes parecia querer interrogar sobre o destino do marido. O silêncio apenas, o doloroso silêncio, era a única resposta à sua ansiosa pergunta. Oh! onde estaria os prisioneiros estrangeiros?!...

PERGUNTAS

1. Qual o trabalho imortal de Adoniram Judson?
2. Qual a recepção que os missionários receberam em Ava?
3. Quais as novas atividades iniciadas em Ava?
4. Por que foram os missionários intimados e presos?
5. Descreva os esforços de Ana para libertar os prisioneiros.
6. Cite em resumo as palavras de Judson, as quais o fazem semelhante ao apóstolo Paulo.
7. Em meio a tanto tormento quem vem alegrar os corações dilacerados do casal Judson?
8. Que decepção final espera o casal de missionários em Ava?

CAPÍTULO V

Epílogo, Vitória, Hopéia

I. PRISIONEIROS NUMA ALDEIA PAGÃ

1. Viagem e chegada a Aungbinle
2. Como viajaram os presos
3. Nova série de sofrimentos em Aungbinle
4. Esperança nova e carta amiga
5. Adoniram escolhido como interprete
6. Doença e chegada providencial
7. Fé e mais uma oração respondida

II. O ACAMPAMENTO INGLÊS

1. Um companheiro inesperado
2. Viagem salutar
3. Retirada de Ava e recepção militar
4. Incidente entre comico e patético
5. Ana paga o mal com o bem
6. Volta o casal a Rangun

III. HOPÉIA — ÁRVORE DA ESPERANÇA

1. Salvo um troféu de valor inestimável
2. Pioneiros de uma nova civilização
3. Resultados funestos da guerra
4. Separação e novos empreendimentos
5. Doença de Ana e sua ida para o céu
6. Carta de Adoniram Judson à mãe de Ana.

CAPÍTULO V

EPÍLOGO, VITÓRIA, HOPÉIA

I. PRISIONEIRO NUMA ALDEIA PAGÃ

1. Viagem e chegada a Aungbinle

Viajar em carro de bois, na Birmânia, não é das melhores coisas, principalmente quando se está habituado a algum conforto, e se deseja, o mais possível, andar depressa. As rodas desse veículo são simples pedaços de madeira com um buraco no centro pelo qual passa o eixo que sustenta o corpo do carro; este por sua vez, não passa de uma prancha de madeira. Nem uma só almofada, nem mola alguma aí existe. Ao passo desigual dos bois segue o carro pelos máus caminhos, precipitando-se ora para um lado, ora para outro, já afrontando o calor que escalda sobre a areia branca das estradas, já afundando na abundante lama, no tempo das chuvas.

Era um carro assim que, em maio de 1825, seguia de Ava para Amarapora, levando, aos trambolhões, alguns viajantes: duas meninas birmanianas, um criado bengalez e uma senhora americana que sustinha nos braços uma filhinha. Haviam partido de Ava pela madrugada, num pequeno bote coberto, que os conduzira até alcançarem a estrada, onde tomaram o carro de bois, para nele seguirem os três últimos quilômetros da viagem.

Em Amarapora, porém, um grande desapontamento lhes estava reservado. Aí não se achavam os presos que clandestinamente tinham sido retirados da prisão da morte em Ava. Haviam seguido, duas horas antes, para uma localidade que dalí distava légua e meia.

Ana resolveu continuar a viagem, mas o guia dos bois

recusou-se a ir adiante. E por mais de uma hora, sob aquele sol ardente, lutou ela por arranjar quem os levasse até Aungbinle, miserável termo da jornada. Durante todo aquele dia de canseira, Ana susteve nos braços a pequenina Maria, sem dar aos músculos e aos nervos um só momento de repouso.

Finalmente, à tardinha, chegaram à aldeia e logo procuraram a prisão. Era um velho edifício, quasi totalmente arruinado, para o qual alguns trabalhadores estavam fazendo uma cobertura de folhas. Enquanto isso, permaneciam os presos do lado de fora, acorrentados dois a dois, e quasi mortos de fadiga, pelo enorme desconforto da viagem.

Aí encontrou Ana seu marido, verdadeira sombra do que fora antes. Reunindo forças que lhe fugiam, pode ele apenas dizer-lhe: — *"Por que vieste? Tive esperança de que não viesses. Não podes viver aquí."*

Escurecia já, e não tinha Ana abrigo para a noite. Pediu permissão para fazer uma casa de bambú próxima à prisão, mas não lha deram, alegando o carcereiro que isso não era próprio. Rogou-lhe então que lhe desse um lugar para passar a noite. Ele a levou para sua casa, que tinha apenas dois cômodos, um dos quais foi posto à sua disposição. Era um pobre e pequeno compartimento, cheio de grãos e de imundícies, mas que, assim mesmo serviu de pouso à Ana e às suas meninas não sómente por uma noite, mas por uma porção de noites e de dias. E naquela primeira noite, quando caíram exaustos sobre uma esteira estendida no chão áspero e sujo, não tiveram senão um pouco dágua para satisfazer a sede e enganar a fome.

2. Como viajaram os presos

No dia seguinte, pela manhã, ouviu ela de seu marido a triste narração do que se passara com os prisioneiros, desde que deixaram Ava até alcançarem Aungbinle. Soube assim que, havia dois dias, mal saira ela da prisão de Ava, um carcereiro inopinadamente alí entrando, agarrara Adoniram

Judson pelo braço, despira-o, deixando-o apenas de calça e camisa, tirara-lhe os grilhões, passara-lhe uma corda pela cintura e arrastara-o até o tribunal onde já estavam, desolados, os outros presos estrangeiros. Foram então, amarrados dois a dois e puxados por escravos que, como eles, iam a pé. O oficial, porém, montou a cavalo e deu ordem de marcha.

Eram onze horas de um dia de maio um dos meses mais quentes do ano. Os carcereiros tinham-lhes tirado os chapéus e os sapatos, de sorte que iam de cabeça exposta ao sol ardente, e os pés descalços pisavam a terra quente como um forno. Tinham andado metade de uma milha, quando os pés do Sr. Judson empolaram em calos dagua ao passo que o corpo, febril e exausto, cedia de tal sorte à moléstia e à dor que, quando atravessaram o "rie pequeno", ele teve ímpetos de atirar-se às suas aguas frescas, para fugir assim a miserável situação em que se achava. Bem depressa, porém, afugentou tal pensamento como covardia indigna de um cristão. *E tinham ainda oito milhas para andar!*

Em pouco tempo os pés descalços dos prisioneiros ficaram completamente esfolados e, a cada passo, parecia que pisavam em brasas. Os guias, porém, obrigavam-nos brutalmente a seguir viagem. Quando já tinham atingido a metade do caminho, pararam para beber água, e o Sr. Judson, em estado de causar dó, implorou ao oficial que lhe permitisse andar a cavalo, ao menos uma ou duas milhas, pois lhe parecia impossível dar mais um passo a pé. A única resposta que teve foi um insolente e desdenhoso olhar do orgulhoso birmaniano. Ele pediu, então ao Capitão, com quem estava amarrado, e que era um homem robusto, consentisse em que se apoiasse ao seu ombro, para poder caminhar. Acedeu o Capitão e, enquanto teve forças ajudou seu companheiro. Quando chegou o instante em que era já por demais o sofrimento, deles se aproximou um criado do Sr. Gouger o qual, percebendo a agonia do Sr. Judson, tirou da cabeça o turbante feito de pano e dividiu-o entre seu amo e Adoniram Judson. A este foram-lhe logo envolvidos em pano os doloridos pés, operação que durou poucos segundos, pois não devia ser interrompida a marcha por causa de prisioneiros feridos ou doentes. Daí em diante o criado bengalez caminhou ao lado do Sr. Judson, carregando-o em quasi todo o resto do caminho. Se não fosse esse oportuno auxílio, ao missionário americano teria acontecido o mesmo que a um pobre grego, seu companheiro de infortúnio, que tombou em caminho, e foi arrastado e maltratado até que seus algozes cansados, o puseram num carro de bois. que o transportou a Amarapora, onde morreu uma hora após a chegada.

Embora a contragosto, o oficial resolveu acampar em Amarapora, pois estava convencido de que os prisioneiros pereceriam, se tivessem que seguir até Aunghinle, naquele mesmo dia. Arranjaram um pequeno telheiro para aí os infelizes descansarem, como se isso fosse possível na situação de miséria e dor em que se achavam.

Movida pela natural curiosidade feminina, a esposa do oficial procurou ver os presos estrangeiros os quais lhe inspiraram verdadeiro sentimento de compaixão. Retirou-se ela para pouco depois enviar-lhes frutas, assucar e tamarinos para o almoço do dia seguinte, alimentos estes que foram os únicos ingeridos pelos presos, durante a longa jornada.

No dia seguinte nenhum deles foi capaz de andar; forneceram-lhes então carros de bois para conduzi-los até Aunghile. Só então, quando se aproximavam do fim da jornada, é que pensaram no que os esperava aí. Ao verem a prisão arruinada. imaginaram todos que nela seriam queimados vivos, segundo os boatos que circulavam em Ava. E Adoniram Judson procurava criar coragem ante a espectativa daquela morte horrível, quando chegou um bando de trabalhadores para concertar a prisão. Neste momento chegava Ana ao fim da sua fatigante e dificultosa viagem e penetrava o terreno da prisão em Aunghinle.

3. Nova série de sofrimentos em Aunghinle

A permanência nessa pequena aldeia do interior de uma terra selvagem assinalou, para Ana, uma nova série de sofri-

mentos. Aí teve ela que se empenhar numa constante luta para arranjar alimento e para obter tudo quanto se fazia necessário à subsistência da família.

Não havia mercado onde pudesse fazer compras e não lhe queriam ceder nem mesmo um telheiro para servir-lhes de abrigo. Era bem delicada e difícil a situação em que se via Ana na desolação de uma aldeia pagã, onde faltava tudo, e tendo uma filhinha de três meses para cuidar e nutrir, e duas crianças birmanianas para vestir e alimentar, enquanto seu marido permanecia acorrentado na prisão.

Logo no dia imediato ao da chegada da família Judson uma das birmanianazinhas, que tinham sido adotadas como filhas, caiu doente com varíola. Assim, enquanto a outra menina, Maria, muito nova ainda, era a única pessoa que a podia ajudar nos encargos devidos à tenra filhinha, a pobre mãe, sobrecarregada de trabalhos e ansiedades, tinha que dividir o tempo entre os cuidados da criança doente em casa, e do marido tambem enfermo, na prisão, atacado de febre e com os pés feridos. Desde o clarear do dia até ao anoitecer, andava ela de casa para a prisão, e desta para casa, num constante vai e vem e num labutar sem descanso, sustendo quasi sempre nos braços a filhinha. Tambem foi atacada de varíola, embora benignamente, não deixando por isso de trabalhar. Não servia apenas à sua família, mas à comunidade inteira, pois a ela vinham todas as pessoas que não tinham tido a moléstia, para serem vacinadas. As primeiras pessoas que ela vacinou foram as filhas do carcereiro e foi tão bom o resultado que a sua fama se espalhou pela aldeia. Compreenderam que a senhora estrangeira tinha o mérito de poder evitar ou aliviar a moléstia, e correram todos para ela.

Pouco a pouco foram melhorando os doentes e os presos postos em mais suportáveis condições do que as da prisão da morte, em Ava: em vez de cinco pares de grilhões, ficaram apenas com um par. Infelizmente, porém, era chegado o momento em que se abatia a resistência de Ana, vencida pelo enorme esforço que empregara em aliviar os males alheios. Foi atacada por uma moléstia dos países tropicais,

e ficou tão fraca que só com muita dificuldade é que se arrastava até à prisão. Assim mesmo, porém, foi a Ava, num carro de bois, em busca de remédios e alimentos. Mas ao chegar à casa à beira rio, então deserta e abandonada, de tal sorte se agravou o seu estado que a morte parecia certa, e o seu único desejo foi então morrer perto da prisão de Aungbinle onde estava o marido. Entretanto os remédios produziram efeito e a moléstia cedeu em parte e ela, conquanto não se pudesse suster em pé, fez a viagem de volta em bote, pelo rio, e em carro de boi, pela lama.

Quando se está doente deseja-se o lar como o melhor lugar da terra; entretanto, que encontraria ela em sua casa? Lá chegou quando todo o seu organismo cedia à violência da moléstia. O cozinheiro, que ficara tomando conta da casa e que veio recebê-la, não pôde conter as lágrimas, tão mudada estava ela. Mal chegou ao quarto, deixou-se cair na esteira, sobre o chão, e aí ficou, sem poder levnatar-se, abatida pelos sofrimentos e pela fraqueza, durante dois longos meses.

Por todo esse tempo foi o cozinheiro quem valeu à família aflita. Dia após dia lutou ele para que nada faltasse aos seus doentes, tendo que ir, muitas vezes, a grandes distâncias, para achar lenha e agua e, não raro, deixando de comer todo o dia para atender primeiro aos que mais necessitavam. Não se lembrava de que era apenas um empregado nem do que devia ganhar, com a preocupação única de servir a esses estrangeiros que ele tanto estimava. Foi, pois, a este dedicado servo hindú que a família Judson deveu a preservação de suas vidas, durante aquelas semanas de dores e de miséria.

Nisso tudo, quem mais sofreu foi a pequenina, de poucos meses de idade. Pela doença da mãe ficou privada do alimento natural, tão necessário às debeis forças, e não foi encontrado na vila leite algum. Assim, no seu leito de enferma, escutava Ana a criancinha chorar de fome, sem que houvesse alguma coisa para dar-lhe. Finalmente, em troca de vários presentes que enviou aos carcereiros, destes conseguiu ela a permissão para seu marido levar a criancinha pela al-

deia, mendigando às mães que tivessem filhos pequeninos um pouco do precioso leite que lhe faltava.

Mais tarde, narrando a seus patrícios todas as dificuldades e atribulações por que passara, escreveu Ana: "Cheguei a pensar que as próprias aflições de Jó tivessem vindo a mim. Enquanto estava bem de saúde eu podia aguentar os sofrimentos e vicissitudes por que tinha de passar. Doente, porém, sem poder levantar-me para socorrer aqueles que me eram tão amados, sentia-me sucumbir de angústia; só mesmo a consolação da fé, que me dava a certeza de que cada prova a mais vinha do infinito amôr e da misericórdia de nosso Deus, é que me fizeram resistir a tão acumulados sofrimentos.

4. Esperança nova e carta amiga

Certo dia receberam os prisioneiros uma notícia que lhes trouxe um raio de esperança: o *pakan-woon* fora acusado de alta traição ao império, e logo condenado e executado. Era ele o ousado oficial que tomara o lugar de Bandola depois de derrotado e morto este. Ele fez tantas promessas aos soldados, garantindo-lhes a vitória contra as forças britânicas, que o rei, deslumbrado pela segurança com que lhe falava, lhe deu todo o poder. Era ele acérrimo inimigo dos estrangeiros, razão por que tinham sido estes transferidos de Ava para Aungbinle, com o fim de serem aí sacrificados à sua sanha criminosa, coisa que se daria quando viesse ele em pessoa assistir às execuções.

Passaram seis meses naquela remota prisão até que lhes veio a doce esperança e logo a confirmação da mesma. Foi num dia de novembro de 1825 que, à porta da casa de Ana, chegou um mensageiro com um recado daquele leal amigo que era o governador em Ava. Dizia-lhe ele, em carta, que, na véspera daquele dia, fora decretada a liberdade do Sr. Judson; poucas horas depois chegava a ordem oficial anulando a sentença de prisão.

E' facil imaginar-se a alegria com que Ana iniciou os preparativos para a partida, que se devia efetuar no dia seguinte pela manhã. Eis, porém, que nova decepção lhe estava reservada: declararam os carcereiros que o nome dela não se achava assinalado no documento oficial e, pois, não lhe permitiriam a partida.

— "Mas eu não vim presa para aquí", protestou ela; "os senhores não têm poder sobre mim".

Não a atendiam, porém, e os habitantes do lugar receberam ordem de não lhe arranjar condução. Entretanto o Sr. Judson foi à casa do carcereiro e, com ameaças, primeiro, e com presentes, depois, conseguiu que ele consentisse que a esposa acompanhasse o marido. Eram doze horas do dia imediato quando a família Judson, acompanhada por um guarda oficial, voltou a Ava.

5. Adoniram escolhido como intérprete

Em Amarapora foi detido o Sr. Judson para ser examinado, depois do que o enviaram ao tribunal de Ava. Enquanto isso, Ana seguiu, com as crianças, para a sua casa, à beira rio, onde chegou ao anoitecer. No dia seguinte saiu ela em busca do marido e, com grande surpresa e consternação, achou-o novamente detido, conquanto não estivesse na prisão da morte. Apressou-se então em procurar o velho amigo de sempre, o governador, para pedir-lhe explicações. Este lhe informou que o Sr. Judson fora nomeado intérprete para servir nas negociações dos birmanianos com os ingleses, e que seguiria para o acampamento do exército em Malun.

Assim, ao amanhecer do dia imediato, despediu-se Ana do marido que, em bote grosseiro e mal seguro, tomou rumo de Malun. Aí, mal chegara ao acampamento, teve logo que dar começo à sua tarefa, sem que lhe permitissem o descanso necessário, depois de tão penosa viagem. Durante seis longas semanas permaneceu no acampamento, onde de tal sorte foram as privações, que o seu sofrimento poderia ser comparado ao que teve na prisão, com a diferença que tinha a menos os grilhões e a mais o trabalho continuo e forçado.

Entretanto, julgava Ana que o serviço de intérprete prestado pelo marido, havia de garantir-lhe bom tratamento entre os birmanianos. Serviu-lhe esse engano para poupar-lhe novas ansiedades e preocupações morais a que, certamente, não resistiria seu organismo abalado e enfraquecido. Realmente, dia a dia aumentava o seu estado de fraqueza, sendo finalmente atacado por uma moléstia caracterizada por febre intensa e manchas escuras na pele, moléstia que é quasi sempre fatal. No dia em que se declararam os sintomas da terrível enfermidade, apareceu à porta da habitação uma mulher birmaniana que se ofereceu para ama da pequenina Maria. E Ana, que tantas vezes, e sem resultado procurava alguem que a auxiliasse no trato da filhinha, recebia assim uma prova do vigilante cuidado de Deus, que lhe enviava a ajuda na ocasião oportuna.

Prostrada pela febre, considerou a doente no seu estado de fraqueza e concluiu que não escaparia do violento mal que a atacava. Pensou então em entregar a filha, tão novinha, aos cuidados de uma mulher portuguesa, que a ampararia, caso lhe morresse a mãe. Mas veio o delírio da febre e ela não mais deu acordo de si.

6. Doença e chegada providencial

Foi nesse momento terrível que o Dr. Price, livre da prisão, providencialmente chegou ao pé dela. Se tivesse tardado por mais algumas horas, é provável que nada lhe restasse fazer para salvá-la. As vizinhas birmanianas, na sua pueril curiosidade, enchiam a casa para assistir ao solene espetáculo da morte. "Está morta, diziam, e nem *que aqui viesse* o rei dos anjos, poderia salvá-la". O Dr. Price empregou toda a energia de que dispunha para poupar aquela vida, que se oferecia em sacrifício pelo povo birmaniano, sem que este o compreendesse. Medidas enérgicas foram tomadas: sua cabeça foi raspada e seus pés envolvidos em emplastos quentes. Ao criado bengalês foi dada a tarefa de preparar-lhe a dieta, e insistir para que ela tomasse alguma coisa, visto como desde

alguns dias não ingerira alimento algum. Quando voltou a si, depois de longo tempo de delírio, a primeira pessoa que reconheceu foi aquele fiel servidor que, junto ao leito, insistia por que ela tomasse um pouquinho de vinho com agua.

Felizmente, embora mui vagarosamente, voltou a saúde, ou a aparência de saúde, àquele organismo devastado e abatido pelas ansiedades e privações, pelo excesso de trabalho e pela doença. Certo dia, quando o seu estado de fraqueza não lhe permitia ainda estar de pé, recebeu uma notícia que lhe pos na alma um alvoroço de alegria e de medo: Adoniram Judson regressara a Ava e achava-se detido no tribunal. O portador da nova nada lhe poderia adiantar, entretanto, sobre o destino que teria o marido!

Fora durante a noite que penetrara ele na cidade, tendo passado diante da sua própria casa, sem que lhe permitissem deter-se por alguns instantes para ver os seus. Uma luz no interior indicava que a casa estava habitada. Entretanto, quanta coisa poderia ter sucedido naquelas seis semanas de ausência! Os carcereiros, porém, mantiveram-se inexoráveis, alegando que a ordem oficial era que entregassem, sem demora, o prisioneiro ao tribunal e, pois, não ousava desobedecer. E o Sr. Judson passou a noite numa casa fora da prisão, pensando no destino que o esperava. Durante a viagem que até alí fizera, vira, por acaso a comunicação oficial que o enviava a Ava: "*Não temos mais necessidade do intérprete*", rezava o documento, "*portanto mandamo-lo de regresso à cidade dourada*". Que nova tarefa exigiria ainda a *cidade dourada* do prisioneiro americano, como preço de sua liberdade?

No dia seguinte foi Adoniram Judson levado ao tribunal e apressadamente inquerido. Não havia, entre os presentes, nenhum conhecido seu, que pudesse identificá-lo e explicar-lhe a situação.

— "De que lugar tinha sido ele remetido para Malun?" indagou o oficial que presidia à sessão.

— "De Aunghinle", responderam.

— "Então, que volte para lá", decidiu ele.

Resolvido assim sumariamente o caso, foi o preso trans-

portado para um telheiro retirado, que lhe serviu de cárcere temporário, enquanto esperava a remoção. Nesse pequeno e escuro recinto passou ele um dia de torturas e inquietações. Naquela mesma cidade, e a poucos passos distantes, estavam a esposa e a filhinha estremecidas, sem que, ao entanto, ele pudesse vê-las ou, ao menos, ter notícia delas. Era o suplício de Tantalo, em todo o seu horror, que ele experimentava.

7. Fé e mais uma oração respondida

Ao anoitecer, Moung Ing veio ter com ele, após havê-lo procurado, em vão, durante todo aquele dia que, para Ana tambem fora cheio de ansiedades. E quando lhe deram a notícia de que o marido seria enviado para Aungbinle, sentiu tão grande choque que quasi ficou sem respiração. Foi nesse terrível momento que ela teve, mais que nunca, a exata intuição do poder da oração. "Não podia levantar-me da cama", escreveu ela depois, "não podia praticar ato algum em favor de meu marido; entretanto, era-me dado invocar aquele grande e poderoso Ente que disséra: — *"Invoca-me no dia da angústia: eu te livrarei e tu me glorificarás"*, e ele me fez sentir a sua promessa tão poderosamente que fiquei bem tranquila e certa de que a minha oração seria atendida."

Foi nesta dolorosa situação que Ana resolveu apelar mais uma vez para o governador que tantas vezes a servira.

— Vá, disse ela a Moung Ing, rogue-lhe piedade, implore-lhe que faça mais um esforço para que soltem o Sr. Judson, para que não o mandem para uma tão longínqua prisão.

E pensava tristemente que para lá não o poderia seguir desta vez, tal era o seu estado de saúde.

Mais uma vez o governador veio em socorro da senhora estrangeira que lhe conquistara respeito e estima. Foi assim que ele enviou ao alto tribunal uma petição na qual se oferecia como garantia em prol da liberdade do Sr. Judson, e foi a petição deferida. Pela manhã do dia seguinte, muito cedo ainda, foi o prisioneiro chamado à casa do governador

para alí receber o maior bem que podia ambicionar — a liberdade. Então, com passos rápidos e espetançoso o coração, atravessou as ruas de Ava em direção à casa. Encontrou aberta a porta e, sem ver ninguem, entrou. Sentada nas cinzas, diante de um fogareiro, estava uma mulher birmaniana que sustinha nos braços uma criancinha tão pequenina e imunda que, nem por um momento, julgou o Sr. Judson que ela fosse sua própria filha. Ele atravessou a sala e penetrou no quarto onde, estendida na cama, como se estivesse alí caída, viu uma mulher de rosto pálido e magro, de corpo descarnado e macilento. Seus cabelos anelados tinham sido cortados e cobria-lhe a cabeça uma velha touca. Tudo naquela casa denunciava a ignorância e a negligência com que estava sendo dirigida. E nessa precaria situação achava-se a brilhante e bela senhora que, havia já quatorze anos, se decidira a seguir o companheiro eleito do seu coração, no caminho que ele escolhera, ao serviço de Deus e dos homens. Eles poderiam dizer como S. Paulo: — *Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos. Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores me sobrevem cada dia o cuidado de todas as igrejas* (II Cor. 11:26-28). Tal lhes fora até então a carreira no serviço, entre os sofrimentos, as angústias e as fadigas, além da ansiedade diária pela igrejinha birmaniana que lutava pela vida.

Mas detinha-se emocionado Adoniram Judson diante da companheira que dormia. Talvez uma lágrima que lhe caisse sobre o rosto, talvez o pressentir da querida presença, e agitou-se ela no sono, entreabriu os grandes olhos castanhos... e contemplou o esposo que a fitava.

II. O ACAMPAMENTO INGLÊS

1. Um companheiro inesperado

Numa noite tropical em que o luar lançava trêmulos reflexos sobre as sombrias aguas do Irauadi, um oficial inglês, ferido e só, esperava o socorro que lhe pudesse vir de alguma alma caridosa. Havia sido traiçoeiramente atacado pelos remadores de sua canoa e abandonado à beira-rio, depois de roubado em tudo quanto possuia e bastante maltratado fisicamente.

Assim permaneceu por longas horas, acalentando a esperança de ver passar alguma embarcação amiga, que o pudesse auxiliar.

Quando o luar já cedia lugar ao clarear do dia, apareceu, vinda de Ava, uma grande embarcação a remos, seguida de meia duzia de botes dourados. O oficial ferido fez sinal e foi imediatamente atendido pela frota que passava. Mandaram célere uma canoa para acudí-lo e ele viu-se, como por encanto, no convés da grande embarcação onde foi de tal maneira bem recebido que tudo isso lhe parecia um milagre. Estaria delirando ou seria verdade que seus olhos viam a fisionoma de uma senhora de sua raça, a primeira mulher branca que contemplava, depois de mais de um ano de serviço militar na Birmânia? Ela permanecia de pé, no pequeno convés, apoiada no braço de um homem de aparência inteligente e fina, mas muito fatigado, e que devia ser o marido. Ela mesma, delgada e frágil, de uma beleza transcendente, não parecia deste mundo. Tratou-lhe os ferimentos e fez curativos na cabeça, com mão habil e cuidadosa e, com a sua palestra delicada e branda, fê-lo lembrar-se das alegrias do lar, no tempo da meninice.

Durante dois dias, enquanto a frota vagarosamente deslisava pelo rio abaixo, em direção ao acampamento britânico, o tenente ferido conversava com seus novos amigos, cujo convivio lhe despertara na alma a lembrança do seu lar distante. Nas horas calmosas do dia ou no frescor das noites de luar, eles se sentavam no convés para relatarem as experiências por que haviam passado, os episódios estranhos e tristes alguns, horrorosos outros, todos desenrolados naquela terra pagã de seu voluntário exílio. Ana Judson, pois era ela a senhora, sentava-se numa poltrona de balanço, onde a sua delgada figura dir-se-ia mais espiritual que material. Aos seus pés repousava a pequenina Maria, tão frágil, que por ela se extremava o amor materno. E ao lado permanecia o esposo, solícito e carinhoso, parecendo querer beber-lhe as palavras e advinhar-lhe os pensamentos. O oficial inglês, homem robusto e de ação, escutava interessado a eloquente narração que ela fazia dos fatos ocorridos nos últimos dois anos, nos quais se revelava a elevação de seu espírito e o vigor da sua inteligência.

Quando o jovem oficial teve que separar-se do casal Judson, sentiu bem que aqueles dois amigos fundamente lhe haviam conquistado o coração e não tinha vontade de despedir-se deles. E ao fitar, pela última vez, a suave fisionomia de Ana, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, pois não pode fugir ao pensamento máu de que um corpo tão debil e delicado assim, não permaneceria por muito tempo neste mundo.

2. Viagem salutar

Para o casal, a viagem pelo Irauadi abaixo, naquele mês de março de 1826, foi como um antegozo do céu. Muitos anos depois dos acontecimentos narrados neste capítulo, Adoniram Judson teve ensejo de manifestar-se, a propósito de uma discussão sobre — "Qual seria o maior prazer possível a um mortal, desde o princípio do mundo". Algumas pessoas citaram fatos ou lembraram casos em que se salientava o que os homens, conforme as idades que atravessavam ou a terra que habitavam, consideraram o gozo supremo. Foi então que Adoniram Judson exclamou convicto:

— Melhor do que ninguem posso falar deste assunto. Que pensais do prazer de deslisar pelo Irauadi abaixo, numa linda noite de luar, de fresca e agradável temperatura,

junto da esposa amada e da filhinha extremecida, e *livre completamente livre?!* Mas não podeis compreender essa felicidade porque nunca estiveste presos, apartados dos entes queridos e sofrendo horrores! Não hei de queixar-me nunca dos meus vinte e um meses de miséria e dor, pois foram eles que me prepararam para aquelas horas de supremo gozo. Creio que só desde então é que comecei a avaliar o que será o céu".

A saída de Ava não fora facilmente conseguida. No seu egoismo pueril, tinha o governo birmaniano recusado todas as propostas de paz, imaginando sempre que ainda pudesse expulsar do país o exército britânico. Entretanto este avançava para a capital onde era geral a consternação. O Dr. Price e um oficial inglês foram enviados ao acampamento britânico para implorar paz, enquanto na cidade apressadamente se erguiam estacadas e outras fortificações. A antiga habitação dos Judsons, a casa à beira-rio, foi posta abaixo e aplainado o terreno para nele serem colocados canhões.

Mas regressaram os que tinham ido como delegados birmanianos e anunciaram as condições exigidas pelo comandante-chefe do exército inglês: — o pagamento de dez milhões de *rupees* e a entrega imediata de todos os prisioneiros estrangeiros, entre os quais a família Judson foi especialmente mencionada. Com esta última exigência não concordou o rei, que exclamou:

— "Eles não são ingleses, são meu povo: não irão!"

E' que, durante os três últimos meses, tinham sido preciosos, ao governo birmaniano, os serviços do Sr. Judson, como intérprete e conselheiro. Parecia, pois, impossível que o casal americano conseguisse deixar Ava.

Ignorantes dos princípios da ética militar, julgavam os oficiais birmanianos que o exército inglês continuaria a sua marcha para a capital, logo depois que eles pagassem a quantia estipulada; e tentavam regatear sobre o pagamento, e acusavam o Dr. Price e o companheiro de não haverem defendido os interesses birmanianos. Finalmente, cansado de

esperar, o comandante enviou um ultimatum: ou seria imediatamente paga a quantia e libertados os estrangeiros, ou não se faria a paz e a guerra iria até o fim.

Ainda assim, disseram alguns oficiais ao Sr. Judson:

— "Não deveis deixar-nos; sereis, poderoso se permanecerdes entre nós." A isso ele retrucou que sua esposa queria ir e que, pois, ele também iria.

3. Retirada de Ava e recepção militar

Paga a idenização exigida, postos em liberdade os presos e enviados estes, bem como todos os estrangeiros que estavam retidos, para suas residências ou para o acampamento britânico, *foi posto fim à guerra*. O casal Judson despediu-se do governador amigo, em cuja casa haviam estado os dois últimos meses, e deixaram para sempre a cidade dourada de Ava. Veio então aquela deliciosa viagem pelo Irauadi abaixo, o encontro do oficial inglês, e, finalmente, o primeiro sinal de vida civilizada — os contornos de um vapor da marinha inglesa!

Quando o seu bote tocou em terra, aí estavam dois oficiais ingleses que tinham vindo de bordo para oferecer-lhes a hospitalidade da grande náu alí ancorada. No grande navio britânico passou Ana o dia, enquanto o marido foi visitar o acampamento, que dalí distava poucos quilômetros. À tarde, voltou o Sr. Judson com o convite do general inglês para irem imediatamente ao quartel.

A recepção de uma senhora em um acampamento militar é sempre um acontecimento importante que, nesse caso, se revestiu ainda de maior solenidade por tratar-se daquela que tinha sido a heroina de Ava e que atraía assim a admiração dos soldados ingleses. Prepararam-lhe extraordinárias honras militares e, como especial acatamento, o comandante mandou que seu filho fosse em pessoa a bordo para dalí acompanhá-la até o acampamento. Alí foi ela saudada pelo comandante que a conduziu à melhor barraca e que tinha mesmo o luxo de uma cômoda varanda. O comandante tra-

tou o jovem casal com um carinho verdadeiramente paternal, enquanto os oficiais de seu estado maior excediam-se em demonstrações de solicitude e apreço à visita que os honrava, especialmente à jovem senhora, de cujo heroismo falavam com emoção. A sua delicada afabilidade formava tão grande contraste com a rígida disciplina do quartel, como os primores da civilização com as cruezas do paganismo.

"Creio sinceramente", escreveu Ana, em carta, à sua família, "que não havia, no mundo, pessoas mais felizes do que éramos, os dois, durante os quinze dias que passamos no acampamento britânico. A princípio, um só pensamento dominava-me o cérebro e enchia-me de alegria o coração: — era verdade que nos encontravamos, afinal, fora do poder dos birmanianos e, mais uma vez, sob a proteção dos ingleses. E cada um de nós pensava continuamente: — que poderei dar ao Senhor, em gratidão, por tantos benefícios que dele tenho recebido."

4. Incidente entre cômico e patético

Dias após a chegada dos Judsons ao acampamento, deram eles causa a um incidente entre cômico e patético. Resolvera o general oferecer um jantar aos oficiais birmanianos e desejou fazê-lo com a magnificência digna da grande nação britânica. Para isso transformou o acampamento, como que por encanto, em maravilhoso cenário de festa, em que flutuavam ao vento bandeiras e galhardetes em profusão, em tudo predominando as cores ouro e vermelha, preferidas que são pelo gosto oriental. À hora marcada, reuniu-se a companhia e, ao som da banda que tocava, marcharam todos os pares, precedidos pelo general que ia só, na frente. E pararam diante de uma barraca, curiosos todos, principalmente os birmanianos, que desejavam ver o que se iria passar e por que se tinham alí detido.

O general penetrou na barraca para de lá sair de braço dado a uma senhora que assim foi conduzida à mesa, onde teve o lugar de honra. Foi então que os oficiais birmanianos

tiveram o pensamento de que para eles melhor seria que a terra se abrisse para os tragar, do que terem de enfrentar aquela dama, que tanta consideração recebia do general que os tinha, a todos, em seu poder. Aquela senhora poderia acusar, para que fosse condenado, a cada um dos birmanianos presentes, com exceção apenas de um, que tinha a consciência limpa. Era ela esposa do mestre a quem tanto tinham maltratado. Ora, segundo a ética birmaniana, era chegada a hora do julgamento e, pois, do castigo tremendo. No lugar dela, eles e suas mulheres exerceriam terrível vingança. E pensavam que de seus lábios ouviriam a ordem de execução: — "Cortem-lhes as cabeças!" E' que eles não conheciam o coração de Ana nem os princípios cristãos que lhe regiam a vida.

Era patente o mal estar geral entre os birmanianos. Um deles, de rosto extremamente pálido e coberto de suor, tremia como que atacado de um mal estranho, enquanto sua fisionomia se transfigurava pelo terror. Ele julgava haver chegado a hora do castigo pelo muito que ele zombara da miséria que poderia ter aliviado.

5. Ana paga o mal com o bem

Certo dia, tinha Ana andado a pé algumas milhas até chegar à casa dele para implorar-lhe um favor em bem do marido que estava doente, na prisão interior e com cinco pares de grilhões nos pulsos e nos tornozelos. Saíra de casa pela manhã ainda, mas teve de esperar tanto que só ao meio dia foi recebida a sua petição. Não foi atendida no que queria e, ao retirar-se, aquele perverso birmaniano viu a linda sombrinha de seda que ela sempre usava, e desejou possuí-la. Em vão alegou ela o perigo a que se expunha em ter que vencer a grande distância que a separava de casa, sem uma proteção contra o sol ardente do meio dia. E pediu-lhe que lhe fornecesse um guarda-sol de papel, já que queria o seu. Mas obteve como resposta uma gargalhada sarcástica com a afirmação de que ela não devia temer o perigo de insolação pois,

de tão magra que era, não poderia ser achada pelo sol. Ele zombava assim dos sofrimentos que lhe iam consumindo o corpo.

6. Volta o casal a Rangun

Agora, depois do caso passado, Ana achava graça em tudo isso, principalmente por ver a consternação em que se encontrava o pobre homem, ao qual ela procurou por à vontade. Falou-lhe, em linguagem simples, palavras de animação e confiança, assegurando-lhe que não havia nada a recear. Os oficiais ingleses tentaram auxiliá-la no seu benévolo propósito, mas quasi nada conseguiram. Durante toda a festa esteve o homem sob a intensa emoção que lhe perturbava o espírito. Não compreendia a diferença entre os ideais cristãos e a prática do paganismo.

Mas chegou a hora da partida e os Judsons tiveram que deixar a carinhosa hospitalidade do acampamento para prosseguirem na viagem pelo rio, até à antiga residência em Rangun. O general pôs-lhes à disposição um navio de guerra que os conduziu ao local onde, havia treze anos, tinham principiado a vida de pioneiros de Jesús Cristo na terra pagã da Birmânia.

Que teria acontecido à pequenina igreja fundada com tanto trabalho e sacrifício? Encontra-la-iam desfeita e esparsa, ou ainda firme e unida em Jesús Cristo? Teriam os dezoitos crentes no Filho de Deus permanecido fiéis ao Senhor durante todo esse tempo de dúvidas e tribulações? Era o que em pouco eles iriam saber, pois já distinguiam ao longe o pagode dourado de Rangun.

III. HOPÉIA — ÁRVORE DA ESPERANÇA

1. Salvo um troféu de valor inestimável

Depois de treze anos de residência na Birmânia, o Sr. Judson e sua esposa sentiram-se novamente sós no seu regresso a Rangun, em 1826, tal como quando desembarcaram pela primeira vez naquele estranho país. A casa da missão resistira aos estragos da guerra, mas os crentes se haviam dispersado, e os missionários, tendo escapado da morte, refugiaram-se em Calcutá, onde permaneceram até o fim da guerra. Tinham-se separado os dezoitos cristãos birmanianos, indo cada qual para seu lado, mas deles, apenas dois não se mantiveram firmes na fé que haviam professado. Quatro desses crentes apressaram-se em voltar a Rangun para dar as boas vindas aos Judsons, de que não tinham notícia desde tanto tempo e, na sua lealdade a Cristo, prometeram seguí-lo para onde quisessem ir, afim de fundarem nova missão, na Birmânia.

O casal Judson tinha conseguido salvar um troféu de valor inestimável. Era um pequeno rolo de papel que, só por milagre, não se perdera na prisão da morte. Escondera-o Ana, dentro do velho travesseiro que o marido usava no presídio. Ora, no dia em que ele foi roubado da roupa e de tudo que possuia para marchar para Aungbinle, um carcereiro apanhou o travesseiro, descoseu a capa e jogou fora o rolo de papel. Horas depois o dedicado Moung Ing descobriu o pacote envolto em pano de algodão e como lhe lembrasse ele os prisioneiros ausentes, levou-o para casa e escondeu-o. Só muitos meses mais tarde é que ele descobriu o tesouro que salvara: rasgando o pano que o envolvia, viu o manuscrito, ainda não terminado, da Bíblia em linguagem birmaniana, na feitura do qual Adoniram Judson gastara dez longos anos de árduos trabalhos. Fora, certamente, a providência divina que evitara a destruição daquelas páginas preciosas.

Oito anos mais tarde, a Bíblia inteira foi traduzida em birmaniano. Essa tradução, feita pelo Sr. Judson, é para os birmanianos o que a de Lutero é para os alemães e a do Rei Tiago para os povos que falam inglês. Às suas extraordinárias aventuras na carreira missionária e até mesmo em grande parte, aos trágicos acontecimentos de Ava, deveu Adoni-

ram Judson o maravilhoso ensejo de bem adestrar-se na língua birmaniana.

2. Pioneiros de uma nova civilização

Adoniram e Ana constituiram-se em pioneiros de uma nova civilização na Birmânia pagã, mas, como geralmente acontece aos heróis dos grandes empreendimentos, eles apenas prepararam o terreno e deram início à obra que deveria ser levada a efeito pelas gerações futuras.

Quando, em 1826, perambulavam pelas sórdidas ruas de Rangun, mal imaginavam a grandeza do edifício que outros construiriam sobre as bases por eles assentadas. Eram os primeiros missionários em terras birmanianas e, quando punham em prática os seus esforços em prol da educação cristã, não podiam pensar no que seria mais tarde a grande instituição conhecida hoje como o Colégio Batista de Rangun, onde afluem mais de mil estudantes, vindos de todas as partes do império, e edificado numa das principais ruas do centro da cidade. Eles, que só dispunham de uma pequena tipografia movida a mão para nela imprimirem suas modestas publicações, não podiam prever o grande estabelecimento bem aparelhado para o trabalho a que se destina e que é a "Imprensa da Missão Americana Batista", situada numa rua de próspero comércio e onde trabalham duzentos operários na impressão de Bíblias, livros didáticos e de literatura, nos dialetos das principais tribos da Birmânia. Quando a igrejinha birmaniana se constituia do casal missionário e apenas três crentes naturais do país, não lhes era dado antever as cento e cincoenta e oito igrejas organizadas com quasi dez mil membros, que são as que se contam hoje dentro dos limites de Rangun.

Essas belas realidades atuais, para serem conseguidas, não só em Rangun mas em todas as principais cidades e vilas da Birmânia, não foram desvendadas à vista esperançosa dos primeiros missionários. Sem poder imaginar todo esse maravilhoso futuro "andaram pela fé" e "*bem-aventurados*

os que não viram e creram". A esperança, que os inspirou no trabalho, era talvez semelhante à que um pintor representou no seu quadro, em que essa virtude aparece sobre o mundo e de olhos vendados, tocando numa lira de uma só corda.

3. Resultados funestos da guerra

Após a guerra, a permanência em Rangun constituia-se uma série de perigos. A anarquia primeiro, depois a fome e ainda em seguida os animais ferozes, foram males que se sucederam, todos contra aquela cidade.. Pelos subúrbios andavam tigres que levavam gado e até criaturas humanas. Entretanto, ficou a cidade sob o domínio britânico, enquanto to se fazia a ratificação dos termos da paz. Graças pois, à guerra podia-se viver na Birmânia, sem estar sob o jugo do governo do país. A Grã-Bretanha apoderou-se de uma comprida faixa do território birmaniano, seguindo o litoral. Ficou assim essa região cheia de birmanianos refugiados da tirania de Ava e que procuravam a proteção da justiça inglesa. Era nesse território, sob a guarda desse governo benigno, que os missionários deviam assentar sua tenda de trabalho.

Enquanto os bravos pioneiros para lá volviam os pensamentos, levados pela esperança, foi o Sr. Judson convidado a ir com o Comissário Civil Britânico à nova província, em viagem de exploração, afim de que fosse determinado o local para a construção da cidade capital. E foi escolhida uma bela região, em meio à floresta virgem, numa boa altitude, onde era favorável o clima e agradável a temperatura. Após a oração de dedicação, foi hasteada a bandeira inglesa e dado à cidade o nome de Amherst, em honra ao governador geral da Índia.

No dia 2 de julho de 1826, a família Judson, e os quatro cristãos birmanianos deixaram Rangun e dirigiram-se para essa nova cidade, onde fixariam residência e criaram uma missão. Antes de sairem de Rangun, porém, tiveram que de-

cidir uma questão que se apresentava bem difícil para quem já tinha sofrido tanto. O Comissário Civil Britânico devia ir a Ava para negociar um tratado comercial com o governo birmniano e insistiram os ingleses com o Sr. Judson para que fosse com ele como embaixador britânico. Recusou-se terminantemente a isto o missionário americano, pois não desejava mais encontrar-se com o vil governo da Birmânia, além de lhe faltar coragem para afastar-se novamente da família, depois de tão longa e triste ausência. Entretanto opuseram-lhe a essas razões uma dourada promessa, a que não era possível resistir. Se ele fosse com a embaixada, trabalhariam para que houvesse no tratado uma cláusula garantidora da liberdade religiosa dos súditos da Birmânia. A esperançosa visão de todo o país aberto ao Evangelho de Jesus Cristo pôs por terra tudo quanto pudesse opôr-se à viagem. Sinceramente a esposa aprovou-lhe a decisão, apesar de bem avaliar que de inquietação a assaltaria quando estivesse só com a pequena Maria no seu lar campestre.

4. Separação e novos empreendimentos

Na modesta casa, que lhes fora cedida pelo Superintendente Civil Britânico para nela residirem, oraram juntos esposo e esposa e despediram-se para uma separação que se lhes afigurava mais curta e menos perigosa do que outras que tinham sofrido nos últimos e acidentados anos de existência. Haviam já atravessado perigos extremos e tão graudes dificuldades que três ou quatro meses de ausência e com segurança e conforto, era coisa bem pequena, facilmente realizável. Com a esperança de um próximo regresso em que ele seria restituido ao lar que fora santificado pelo sofrimento, Ana viu o marido partir da paz da floresta tropical para as contrariedades e os contratempos da pagã cidade de Ava.

Na ausência do esposo começou Ana a trabalhar para preparar a missão que eles tinham imaginado estabelecer na nova Birmânia. Dois meses depois via ela a conclusão de uma residência de bambú e de duas casas para escolas que mandara construir e numa das quais conseguiu reunir dez meninos para serem ensinados por Moung Ing, enquanto que na outra pretendia ela lecionar às meninas. Todos os domingos realizava um culto com o pequeno grupo de crentes leais. "Depois de todos os nossos sofrimentos e aflições", escreveu ela ao marido, "não posso deixar de esperar que Deus tenha misericórdia de nós e nos dê uma bênção especial. Esforcemo-nos por obtê-la pelas nossas orações e por uma vida santificada no amor de Jesus Cristo".

Em fins de setembro recebeu o Sr. Judson, em Ava, outra carta da esposa, na qual ela se mostrava cheia de esperança, e isso lhe trouxe alívio ao coração sempre preso ao lar distante, na floresta, onde estavam seus entes amados. "Mudámo-nos hoje para a nova residência", dizia ela, "e, pela primeira vez, desde que desmanchamos a casa em Ava, me sinto estabelecida em nosso lar. A casa é grande e bem arranjada e, se estivesses aquí, sentir-me-ia bem feliz. O meio é favorável ao trabalho. A escola de Moung Ing começou com dez alunos porém espera maior número em breve. Nossa filhinha está na mesma, sempre muito debil. — Às vezes julgo que está melhor, mas logo lhe volta a fraqueza. Quando lhe pergunto onde está o papai, ela se ergue e aponta para a direção do mar. Os criados estão se portando muito bem e não tenho que me incomodar senão com o estado de Maria e a tua ausência. Cuida bem da tua saúde para que não apanhes a febre intermitente de Ava. Que Deus te guarde e te abençôe, afim de que voltes são e salvo para o teu povo, para o teu lar, de acordo com a constante oração de tua saudosa — Ana."

5. Doença de Ana e sua ida para o céu

Com a consolação desta carta não era possível antever a desoladora realidade que em poucas semanas se faria sentir. Enquanto ele se afligia com a longa ausência de casa, nenhum presentimento teve de que na vila a esposa, que o cercara sempre de tanta dedicação, necessitava de seu auxílio e de seu

socorro como nunca antes, e como jamais necessitaria. Mal sabia ele que no espaço de papel que tinha na mão estavam as últimas palavras que receberia da sua idolatrada Ana.

Entretanto as ocupações que lhe tomavam o tempo em Ava não impediam que estivesse sempre inquieto quanto ao lar de que estava ausente. Dir-se-ia que as dolorosas recordações do passado lhe abatiam o ânimo. Mais uma vez sentia os efeitos da ignorância e fatuidade do governo birmanês, que se opunha, em absoluto, à liberdade religiosa de seus súditos. Que influência maléfica pesava sobre o nome de Ava para que se consumasse tão desastroso resultado!

Por que viera Adoniram Judson? A viagem trouxera-lhe uma irremediável desilusão, embora lhe fosse a princípio tão favorável e lhe parecesse ser o cumprimento do dever. Foi em meio a essas dolorosas experiências que recebeu, em novembro, uma carta selada e tarjada de preto. Diante daquele sinal de luto pensou que a pequenina Maria tivesse voado para o céu. Profundamente emocionado dirigiu-se para o seu quarto, abriu a carta e leu as linhas que se seguem, escritas por um oficial inglês:

"Meu caro senhor: Para quem tem sofrido tanto e com tão exemplar fortaleza de ânimo, torna-se desnecessário gastar muitas palavras como preparo para a transmissão de uma triste notícia. Não quero torturá-lo com a incerteza, prefiro dizer logo a dolorosa realidade — *a Sra. Judson já não existe...*" Só algum tempo depois é que pode ler o resto da carta terrível que lhe feria fundo o coração.

Nos últimos dias de setembro Ana ficara enferma com uma febre tão violenta, que logo sentiu que não se restabeleceria. Um perito médico inglês esteve constantemente à sua cabeceira e, pela bondade do Superintendente Civil, foi a doente posta aos cuidados de uma enfermeira do regimento. Em vão foram esgotados, para a sua cura, todos os recursos humanos, enquanto todos que a cercavam, inspirados pela amizade, tudo faziam para dar-lhe alívio e conforto. Durante quinze dias a febre não a deixou um só instante até que, a 6 de outubro, ao anoitecer, seu espírito subiu para

o lar celestial, para seu Deus. "Enterramo-la", continuava a carta, "perto do sítio onde ela aquí desembarcou pela primeira vez, e colocamos uma cerca pequena e rústica em torno da sepultura. Sua filhinha Maria está muito melhor. A Sra. Wade ficou com ela e parece que ela continuará a melhorar sob os seus cuidados".

6. Carta de Adoniram Judson à mãe de Ana

Algumas semanas mais tarde, numa tristonha e soturna casa, um homem, amargurado pela saudade, sentou-se para escrever à mãe de Ana. Eis a sua carta:

"Amherst, 4 de fevereiro de 1827. — Em meio à desolação em que a morte me colocou, dirijo-me agora, por escrito, à mãe da minha amada Ana. Estou sentado na casa que ela construiu, no quarto onde exalou o último suspiro e diante da janela através da qual avisto a árvore que fica ao pé de sua sepultura e o pequeno cercado com que procuraram protegê-la contra os pés dos que alí tenham que passar.

O Sr. Wade e a senhora estão morando aquí, tendo chegado cerca de um mês após o falecimento de Ana; a senhora tomou conta da minha orfã Maria. Em Rangun, por falta de notícias, eu nem sabia se a pequenina vivia ainda, e só cheguei a 24 de janeiro. O Sr. Wade foi ao meu desembarque e os crentes vieram chorando ao meu encontro. Mesmo assim, ao chegar à casa, parecia que havia de ver minha amada vir receber-me, como de costume. Entretanto, diante de mim estava apenas uma criancinha muito débil, que não conhecia seu pai agora banhado em lágrimas e de cuja mente infantil já se apagou a lembrança da mãe que tanto a amava.

Ela, medrosa, se esquivou de mim e eu, obrigado a procurar consolo em outra parte, fui ao sepulcro. Mas quem jamais aí achou consolo? Voltei então à casa onde a havia deixado e olhei o lugar onde, pela última vez, ajoelhámos juntos e onde trocámos os últimos beijos.

Parece que lhe doía muito a cabeça nos derradeiros dias

da moléstia: quasi não falava. Apenas de quando em quando clamava: "O mestre está custando a chegar... Os novos missionários tardam tanto! Tenho que morrer só e deixar minha filhinha... mas, se é da vontade de Deus, assim seja... Não tenho medo da morte, mas falta-me coragem para suportar estas dores... Digam ao mestre que a moléstia foi muito violenta e não me deixou escrever... digam-lhe que sofrí e morrí... digam-lhe tudo que vêem... e tomem bem conta da casa até que ele chegue". Quando já não podia prestar atenção a nada, ainda assim queria ver a filhinha e pedia que fossem bons para ela, que lhe fizessem as vontades até que o pai voltasse. Durante os dois últimos dias de vida permaneceu deitada de lado, com a cabeça sobre o braço, sem mover-se e de olhos fechados. Às oito horas da noite, com uma exclamação de dor na língua birmaniana, deixou de respirar.

Pensa o médico que o desenlace foi devido à fraqueza do organismo, principalmente pelo abatimento em que ficou após tantas privações e sofrimentos daqueles dias memoráveis passados em Ava. Que paciência e submissão e fortaleza cristã manifestou ela durante tão terríveis provas! Devo deplorar que estas tivessem sido tão grandes? Devo sacrilegamente desejar que seja menor a sua coroa de glória? Muito ela conheceu e sofreu do mal deste mundo e preparou-se assim para melhor apreciar e gozar o descanso puro e santo em que está sua alma. E' verdade que a sua personalidade, pela disposição natural, pelas maneiras atraentes, pela dedicação à causa e perfeito conhecimento da língua birmaniana, estava talhada para um grande serviço aqui à causa de Cristo, mas o coração de seu marido, sangrando na mais pungente dor, reconhece que o Senhor, na sua infinita sabedoria, está dirigindo essa aflição cruel. A fé me diz que tudo está certo e essa afirmação da fé, a eternidade em breve confirmará."

Na primavera daquele triste ano, a pequenina Maria, com dois anos e três meses de idade, foi colocada ao lado da mãe, sob a protetora fronde da *hopéia*, a árvore da esperança,

a cuja sombra ficaram as duas sepulturas. A alentadora esperança tinha inspirado toda vida de Ana Hasseltine Judson, esperança radiante e alegre em meio à felicidade, ou paciente e triste no sofrimento, mas esperança sempre, desde a vila no morro de Nova Inglaterra, na América, até a residência agreste na floresta da Birmânia. Mais profundo, entretanto, que a esperança, maior mesmo que a fé que lhe iluminara a mente, fora o sentimento que lhe dominara o coração e transformara a vida e que está todo contido na singeleza desta frase: — "*Ao qual, não havendo visto, amais*".

PERGUNTAS

1. Como conseguiu Ana chegar a Aungbinle e que lhe diz o marido?
2. Como os prisioneiros fizeram a viagem?
3. Qual o versículo que deu coragem a Ana para orar?
4. Narre a viagem e a recepção militar que receberam os missionários.
5. Conte como Ana pagou o mal com o bem.
6. Qual era o troféu de valor inestimável e como foi salvo?
7. Quais os resultados dos esforços pioneiros na Birmânia pagã?
8. Dê em resumo a carta de Adoniram Judson enviada à mãe de Ana.